

JEAN DE FRANS

**GENTE
DE
MINHA TERRA**

(BATATAES DE OUTR'ORA)

SÃO PAULO
1939

GENTE DA MINHA TERRA

JEAN DE FRANS

Gente da Minha Terra

(BATATAES DE OUTR'ORA)



SÃO PAULO
1939

*Para meus filhos,
batataenses pelo coração.*

INDICE

José Umbelino	9
José Umbelino Junior	14
Joaquim Augusto	18
Joaquim Alves	23
Antonio Jacintho	27
Capitão Andrade	30
Firmiano Braga	33
Zelino Ferreira	27
Eduardo Teixeira	42
Padre Mansueto	48
Fio Quita	52
Caetano Machado	56
Tonico Porto	61
Manoel Rosa	66
Manoel Soares	69
José Francisco de Moraes	74
Simpliciano Ferreira	79
Alvaro da Cunha	83
Padre Joaquim Theodoro	88
José Basilio	94
Marcondes Machado	98
Doutor Joaquim Lobo	104
Domiciano da Silva	110

José Umbelino

O velho José Umbelino Fernandes, — nome que me é muito caro —, não era batatanense nato. Teve por berço a tradicional e gloriosa cidade de São João d'El-Rei, no coração de Minas Geraes, mas, muito moço ainda, transferiu-se para Batataes, depois de se consorciar, na cidade de Caldas, com dona Generosa Augusta de Loyola. Toda sua descendencia, e numerosa foi ella, era batataense, pois, fixado definitivamente em Batataes, — cujo inicio, aliás, devemos aos mineiros, de Ayruóca quasi todos, — jamais José Umbelino dalli arredou pé, fallecendo em mil oitocentos e oitenta e quatro, em consequencia de um accidente. Temperamento excepcional, era José Umbelino uma excellente pessoa, coração bem formado e aberto para o bem, fleugmatico, incapaz de uma contenda e, por tudo isso, estimadissimo na localidade.

Occupou, em Batataes, postos de destaque. Exerceu a advocacia, foi commerciante e lavrador, occupou a presidencia da Camara Municipal e a delegacia de policia. No fôro, sabia temperar uma demanda, e no jury era orador de largos recursos. Em materia de religião, acompanhava o terço: — nem peixe nem carne.

Isso, todavia, não o vedava de entreter amistosas relações com todos os padres da redondeza e de auxiliar, sempre que seu auxilio era reclamado, as festividades religiosas. Promptificava-se a ser festeiro, a enfeitar andores, a hospedar padres, a ornamentar as ruas, a cuidar da igreja, mas não lhe falassem em confissão, em resas, em assiduidade á missa. Nada disso. Mas, como lhe conheciam o genio, ninguem, nem mesmo o mais jacobeu, zangava-se com o caso. Tanto assim que, quando ocorreu a visita pastoral de d. Antonio Joaquim de Mello, ao tempo bispo diocesano de São Paulo, ficou a cargo do velho José Umbelino dar hospedagem ao prelado visitante. A sua casa era, no momento, a que dispunha de melhores accomodações. E elle acquiesceu, de boa feição, preparando a casa para receber con dignamente tão illustre hospede.

Chegou o bispo, ao estrondar de foguetões, bimbalar de sinos e vivas quentes a Deus Nosso Senhor Jesus Christo. Descansou no aposento que lhe fôra destinado, refez a *toilette* e, á hora propicia, mettu-se entre as autoridades e os irmãos de balandraus, e seguiu processionalmente para a igreja matriz. Mal o bispo mostrou as

costas, o velho Umbelino, que não acompanhára o prestito, enveredou pelo quarto pouco antes occupado, poz-se de cócoras junto á cama e, retirando cuidadosamente de baixo certo vaso de louça chamado nocturno, mas destinado a attribuições tambem diurnas, e que accusava, de maneira evidente, já ter sido utilizado, correu para a janella da sala de visitas, chamando em altas vozes por dona Marianna Freire, que residia em frente e estava de sahida para a igreja (1):

— “Comadre, comadre, olha aqui santos oleos...”

— “Que é isso, compadre?!... — exclamou surprehendida dona Marianna, que acudira ao chamamento. Credo!... Que heresia é essa?...”

— “Qual heresia!... De padre não é mesmo, mas esta é de bispo!”

De outra feita coube-lhe a honra insigne de hospedar o padre Jeronymo, um padre mineiro de raras virtudes e muito visinho da santidade, senão canonisado, pelo menos beatificado em vida por seus coévos, e de quem narravam coisas assombrosas e passagens edificantes, como aquella de tocarem os sinos, sem que ninguem lhes fosse aos badalos, quando elle sahia de casa, em direcção á igreja, para celebrar a missa, e aquella outra de um gerico que correu humildemente a offerecer a cabeça ao cabresto que o padre conduzia, justamente para prender o animalsinho.

O padre Jeronymo era velho, velhinho mesmo, mas, apezar disso, os que lhe formavam o sequito entenderam de requisitar, do hospedador, que dispunha de bem sortida casa de negocio, um sacco de nozes, — logo um sacco —, para sua reverendissima, que se pellava por ellas, entendendo, naturalmente, que se Deus dá nozes a quem não tem dentes, muito não era que o velho Umbelino fizesse o mesmo. Este, porem, não esteve pelos autos. E á requisição do sacco de nozes, respondeu enviando um sacco de rolhas. O que é verdade é que ninguem protestou: — ficaram todos arrolhados!...

Viviam, por esse tempo, em Batataes, umas senhoras muito dadas ás coisas de igreja e tambem, como succede com todas as beatas professionaes, muito amigas de andar pelas casas alheias, mexericando, cortando a pelle ao proximo e filando gulosamente o café, os bolinhos e o vinho do Porto, o vinho sobretudo. Ora, essas mulheres eram o tormento do velho Umbelino. Irritavam-no com aquelles olhares doces de Maria Ternura, com aquella hypocrisia toda e com toda aquella voracidade. Um dia, ou antes, uma noite, percebendo que as beatas se encontravam em casa do *seu* Baptista (2) e, — foi isso que mais o desesperou —, comprehendendo, pelas gostosas risadas, que a molhadura era abundante, o velho Umbelino preparou uma

(1) D. Marianna Alves Freire (outro nome que tambem me é muito caro), senhora estimadissima no logar, onde falleceu ha uns vinte e poucos annos.

(2) João Baptista Freire, pharmaceutico, estimadissimo tambem, casado com dona Marianna Alves Freire, fallecido ha muitos annos.

cabaça vasia, dando-lhe a fôrma de uma caveira e foi espetal-a no alto da escadaria de pedra que antigamente havia em frente da casa em que morava o Caetano Machado, seu genro, e onde está hoje a “Pharmacia Fernando”, na então rua do Commercio, agora Celso Garcia, collocando debaixo da mesma uma véla acesa. A’s folhas tantas, sahiram as beatas, encharcadas de vinho e empanturradas de bolos, descendo, com enorme difficuldade, devido ao rheumatismo, a escada da casa do *seu* Baptista, onde agora fica o collegio das freiras. A rua estava escura como breu, pois illuminação naquelle tempo só havia a do luar e a folhinha accusava então quarto minguante ou lua nova. As mulheres, perrengueando, tomaram o caminho do largo da Matriz, onde moravam. Mas, ao chegarem á esquina da rua do Theatro, uma dellas estacou de subito e, apontando a escadaria, perguntou:

— “Mana, que é aquillo?...”

As outras puzeram reparo:

— “Cruz, crédo!... Nossa Senhora Mãe dos Homens!...”

Nesse momento o vento agitou a chamma da véla, dando á supposta caveira uns movimentos exquisitos. As mulheres não titubearam. Desandaram aos bérros para a casa do *seu* Baptista, sem rheumatismos, subindo de um arranco a escada que tanto haviam custado descer, com grande gaudio do velho Umbelino e maior desapontamento daquelle saúdoso pharmaceutico, que já se julgava livre da estopada.

Outra noite, noite calorósa e sem luar, estando sentado á porta de sua casa, á fresca, e sentindo repentinamente necessidade premente de exercer determinada funcção physiologica, que não admite procuração bastante, buscou o becco do Theatro, a essa hora mergulhado na escuridão, e, sem mais aquella, cuidou de fazer o que devia fazer. Acontece, porem, que justamente a essa hora o padre Joaquim (3) deixava a casa do cunhado, o mesmo *seu* Baptista a quem venho de me referir. Ao cruzar o becco, o padre extranhou aquelle vulto de cócoras e, movido pela curiosidade, para lá dirigiu a luz da lanterna furta-fogo que levava. O jacto de luz foi bater em cheio no rosto do velho Umbelino.

— “Que é isso, tenente?!” — perguntou, espantado, o padre Joaquim.

— “Vira isso p’ra lá, porcalhão!...” — foi a resposta, como se o epitheto não lhe coubesse melhor.

O bom velho era tambem muito amigo de diversões, tanto assim que foi, em principios de 1850, com Antonio Garcia (4), Ma-

(3) Conego Joaquim Alves Ferreira, geralmente conhecido por Padre Joaquim, filho do logar e seu vigario por longos annos. Ex-deputado provincial. Querido de toda a população. Falleceu em dezembro de 1898.

(4) Major Antonio Garcia de Figueiredo, foi vereador, eleitor da freguezia, dono da fazenda Fortaleza.

noel Pereira (5) e Manoel do Carmo (6), um dos fundadores do theatro São João, que tomou mais tarde o nome de Municipal e tempos depois o de São Carlos. Num daquelles bailes de antanho, mixto de valsas e cateretês, era de vel-o, muito alto, muito magro e muito calvo, dansando de parceria com a dona Chica Morato (7), muito baixinha e muito agil:

Ai, queromana!

Elle ia até o centro da sala, numa cortezia bem estudada, e depois batia palmas, enquanto a dona Chica, segurando elegantemente o vestido com as pontas dos dedos, ia e voltava, cantando:

Vamos pegar seriema no campo!...

Só lhe eram avessos os folguedos carnavalescos, que naquellas priscas éras consistiam nos bandos que trocavam flores, nas laranjinhãs de cheiro e nos banhos de agua fria. Um anno houve em que lhe deu na veneta compartilhar de taes festas, que tinham no Joaquim Augusto (8) o mais influído dirigente. Arranjou um fraque velho, recamou-o de joás bravos, collocou duas mascaras, uma á frente outra á retaguarda, e encaixou uma barretina da guarda nacionl, em cujas fileiras era tenente, sahindo á rua, montado num cavallinho russo, adornado de flores de papel nas pernas e na cauda, em prévia exhibição até a hora combinada para a sahida do bando. Mas o diabo foi que elle se esquecera de vestir-se ás escondidas dos netos, que lhe enchiam a casa, e por isso, quando, depois de ter dado umas voltas pelo largo da Matriz, fazendo grande successo, descia muito ancho a rua de sua casa, toda a netaria, reunida na esquina, prorompeu num enorme barreiro:

— “Olha o vovô!... Lá vem o vovô!... Aquelle é o vovô!...”

O velho ficou louco da vida. Desistiu do passeio, mandou ás favas o bando, entregou o cavallo ao preto Gaspar e entrou como um raio em casa, deixando pelo caminho as mascaras, a barretina, os joás, o fraque, e exclamando enfurecido para a mulher, a dona Generosa, que acudira solícita ao espalhafato:

— “Eu não digo, *só* Nerósa, que não sirvo mesmo p’ra isso?...”

E nunca mais se metteu em carnaval.

Conta-se que certa vez, exercendo o cargo de delegado de policia, um dos mandões do logar, homem acostumado a tudo fazer e des-

(5) Coronel Manoel Antonio Pereira, o coronel Pereira, dono da fazenda Soledade.

(6) Coronel Manoel do Carmo, commandante da Guarda Nacional, naquelles tempos em que a Guarda não era briosa, estupidamente assassinado; era pae do coronel Manoel Theodolindo do Carmo, Victor Aurelio do Carmo e José Bernardino do Carmo.

(7) Sogra do Sr. José Francisco de Moraes, fallecida em São Paulo.

(8) Joaquim Augusto da Cunha e Silva, de quem tratarei em outro capitulo.

fazer a seu talante e, além do mais, portador de uma tara que, em não poucas ocasiões, o punha fóra de si, abordou-o em casa do Joaquim Alves (9), para que elle effectuasse uma prisão qualquer. Tratava-se evidentemente de uma violencia e o velho Umbelino recusou-se a attender, peremptoriamente, sem mais discussão. Essa recusa irritou o chefe, habituado a ser obedecido sem relutancia. Insistiu. O outro recusou novamente. O coronel exaltou-se, ameaçou céus e terras, deu murros na meza. A nada quiz attender o velho Umbelino.

— “Qual, você póde dizer o que quizer, mas eu não faço!...”

E enquanto o homem espumava de indignação, tarado como era, elle assobiava, aquelle seu assobiosinho muito conhecido e muito desentoadado. O coronel perdeu a tramontana:

— “Tenente, tenente, você me conhece... você sabe que ninguém brinca commigo!...”

O tenente deixou escapar uma risadinha trocista:

— “Mas quem foi que disse que eu estou brincando?... Estou falando sério!”

— “Tenente, olhe lá!...”

— “Você sabe onde eu moro, não sabe?... Sabe por onde eu costumo andar. Faça o que você quizer, eu é que não faço o que você quer.”

O chefe tomou o chapéu e sahiu, possesso, ameaçando fazer áquelle desobediente o que a muitos outros já havia feito. O velho Umbelino não se alterou. Muito calmamente, chegou á janella e informou:

— “Olhe aqui: — amanhã de manhã eu vou para a Ilha Grande (10) e vou sosinho, ouviu?... Você conhece o caminho!...”

(9) Joaquim Alves da Costa, de quem tratarei em outra parte deste livro.

(10) Hoje Jardinópolis.

José Umbelino Junior

Depois do senior, o junior. E' muito natural que o pae ceda o lugar ao filho. Tratei, na ultima chronica, do velho José Umbelino Fernandes; tratarei agora de José Umbelino Fernandes Junior. Filho de Batataes, onde nasceu na casa construida pelo pae e que ainda existe, no lado impar da então rua do Commercio, fazendo esquina com a do Theatro. Residiu, porem, durante longos annos, a maior parte de sua existencia, na cidade de Caconde, para onde se transferiu quando alli era tabellião um de seus cunhados, José de Vasconcellos, e onde falleceu em 1929.

Herdou o temperamento paterno. O mesmo genio, as mesmas excentricidades, a mesma exquiritice. Tambem pouco dado a missas e résas, tanto que levou cerca de cinco annos sem entrar na igreja matriz da cidade em que residia e da qual era visinho. Nunca oppoz, entretanto, obstaculo em auxiliar as festividades religiosas, quando para elle appellavam. Em Batataes, naquelles bons tempos, em que elle dispunha de uma bellissima voz de tenor e era dono de uma basta cabelleira encaracolada, depois substituida, como se deu com o pae, por uma calva indiscreta, — pediu-lhe o padre Joaquim que o auxiliasse por occasião da missa cantada de certa festa. Elle attendeu de boa vontade. Num determinado ponto da cerimonia cabia-lhe cantar uma epistola qualquer ou qualquer evangelho, cuja pagina, no livro competente, foi por elle, para maior segurança, cuidadosamente marcada. Aconteceu, porém, não sei porque cargas d'agua, que, no momento asado, não lhe foi possivel encontrar o signal indicativo. Elle, entretanto, não se apertou. Abriu o livro a esmo e cantou a primeira coisa que encontrou á vista. Cantou, cantou, o mais que poude, até se cansar, com enorme espanto do padre Joaquim, que não atinava com a razão de tudo aquillo. Depois da missa, na sachristia, o vigario o interpellou:

— “Que desproposito foi aquelle, rapaz?”

— “Homem, eu perdi a pagina e a estar perdendo tempo em procural-a, preferi cantar qualquer coisa. Mas não se incommode. Foi em latim, ninguem entendeu.”

Em outra festa, acolytando tambem a missa cantada, deixou escapar a patena, que rodou para o corpo da igreja. E eil-o a correr

atrás do pequeno prato dourado, pega aqui, apanha acolá, com grande alvoroço do mulherio.

Como acontecia com o pae, umas beatas que então moravam em Batataes, aquellas mesmas da casa do *seu* Baptista, irritavam-no sobre-modo. Dava o solemne cavaco com as suas pieguices. Certa occasião, em casa do Caetano Machado (1), de quem era cunhado, encontrando-se com uma dellas, que não escondia o prazer que lhe proporcionava a leitura de bons versos, o nosso homem promptificou-se logo a ler alguns, de um livro pertencente á bibliotheca da casa e que estava alli á mão. E com enorme espanto da beata, que se derreteria previamente em agradecimentos a tamanha fineza, começou a leitura, accrescentando a cada verso, alternadamente, as expressões “por diante” e “por detraz”. Imagine-se agora o escandalo produzido quando chegou a este verso:

Beijando o meu Jesus por detraz...

A uma outra dessas santas mulheres, a quem Deus naturalmente tem, preparou elle coisa melhor. Recortou cuidadosamente o az de copas de um baralho, encaixou-o num pequeno quadro de metal, e á noite, encontrando-a em sua casa, na costumada e deliciosa visita á dona Generosa e... aos bolinhos, simulou haver encontrado o quadro atirado ao léo, prorompndo em piedosas exclamações:

— “Que desrespeito!... Que falta de religião!...”

— “Que foi?!...” — inquiriram.

— “O Sagrado Coração de Jesus, aqui, atirado deste modo, sujo de pó...”

A mulhersinha não se conteve:

— “Não diga, *seu* Zézé!”

Tomou piedosamente o quadrinho e, sem mesmo reparar no que ia beijar, devido talvez á semi-obscuridade reinante, nelle depositou, reverente e demorado, um beijo fervoroso. O commendador (parece-me excusado informar que o meu “biographado” tinha a Ordem da Rosa) contava depois, satisfeito:

— “Eu jurei que uma daquellas bruxas havia de beijar o az de copas... E beijou mesmo!...”

Conta-se que, havendo o vigario permutado a imagem do Senhor dos Passos, que ainda deve existir na Matriz e antigamente ficava numa capella ao fundo, á esquerda de quem entrava na igreja, com outra pertencente a uma parochia visinha, — Cajurú ou Jacuhy, não sei bem —, assanhou-se o beatério local e, sem mais aquella, promoveu um levante em regra e formulou uma energica representação de protesto, conseguindo, afinal, que os santos fossem destrocados. Tanto bastou para que o commendador, em chronica que estampou num jornal de Campinas, — isso em mil oitocentos e oitenta e poucos —,

(1) Caetano Leite Machado, de quem tratarei em outro capitulo.

engendrassse com muito espirito um congresso de beatas, attribuindo-lhes discursos inflammados, tiradas estupendas e animadissimos debates, com o fim de ser lavrado um solemnisimo protesto contra a tróca de um santo que alli “vivia” ha tantos annos e que, no dizer da *leader*, era “bonito, perfeito e bem encarnado”, por um outro de “cabello ruivo”, que até parecia “allemão”! E distribuiu o papel de *leader* á Maria Caetana (2).

Em Caconde, isso já ha muitos annos, havia um mocinho que nutria o ardente desejo de falar ás massas. Mas, muito nervoso e acanhado, assaltava-o o receio de que no momento opportuno, a comoção, embargando-lhe a voz, o fizesse perder o fio ao discurso. E nesse sentido fez suas confidencias ao commendador. Approximava-se o sete de setembro, projectava-se para esse dia uma imponente passeata civica, a occasião era propicia, mas não deixava de tortural-o o pavor de um naufragio.

— “Não tem nada, — encorajou-o o commendador. Eu rascunho o discurso, que você decorará, deixando para pronuncial-o á porta da Camara. Eu me escondo alli por perto e se você se perturbar, eu acudo promptamente e assim evitamos o fiasco de que você se arreceia.”

Dito e feito. Chegou o dia sete, sahiu a procissão á rua, foi ao forum, á casa do juiz de direito, á do promotor publico e, por fim, ao paço municipal. O commendador ficou atraz da porta e o rapaz, muito pallido, mas com as costas quentes pelo soccorro prometido, empoleirou-se e deitou o verbo. Falou, falou e por fim, dissipando-se pouco a pouco o medo, a eloquencia era tal que o orador já não respeitava mais os pontos e as virgulas do discurso escripto pelo commendador. Como, na força do enthusiasmo, o rapaz se afastasse da porta, o commendador, não sei se de caso pensado ou com a melhor das intenções, aconselhou em voz baixa:

— “Não se afaste muito da porta.”

Naquelle desencadear vertiginoso de palavras, naquella febre de eloquencia, o orador apanhou a phrase no ar e o publico, que religiosamente o aturava, ouviu, boquiaberto, esta tirada:

— “Brasil!... Meu querido Brasil, não se afaste muito da porta!...”

Deram-lhe uma vez um bello exemplar de gavião-rei, que mais tarde offereceu ao Museu do Estado e que foi por elle baptisado com o nome musical de “Sogra”. Quando o Cardeal Arcoverde, então bispo de São Paulo, esteve em Caconde, em visita pastoral, indo visital-o, o commendador, depois de amistosa palestra, pediu licença para apresentar-lhe a sogra. E conduziu até o quintal o illustre prelado, que ia um tanto intrigado com o caso, pois sabia-o celibatario. E diante da enorme gaiola onde estava a harpia, apresentou:

(2) Maria Caetana Moreira, excellente senhora, fallecida não ha muito tempo.

— “Aqui está minha sogra!...”

D. Arcoverde deixou aquelle ar grave muito seu, para rir á vontade.

Trouxeram-lhe os annos, e em alta dóse, o espirito da contradicção e, nesse particular, batia vantajosamente todas as sogras do mundo. Sabendo disso, sempre evitei pronunciar-me sobre qualquer assumpto, diante della, sem primeiro conhecer-lhe a opinião. Nem sempre isso adiantou. Assim, por exemplo, quando estalou a grande guerra, deixei que elle se expandisse, antes de me manifestar. Elle se declarou francophilo *enragé*. Abundando no mesmo francophilismo, apoiou-o irrestrictamente. Foi o bastante.

— “E’ é isso mesmo. Mas a França vae perder a guerra. Sim, porque, bem vistas as coisas, a causa da Allemanha é mais sympathica!...”

Doutra feita, manifestando minha irmã predilecção pela historia de Portugal, de cujos episodios era senhora, elle não gostou. Na historia do Brasil ella encontraria paginas tão ou mais luminosas; conhecesse, pois, primeiro a historia da sua terra, que tão rica era. Dias depois, disse-lhe do meu amor pela nossa historia, e elle, de prompto:

— “Qual historia do Brasil!... Uma historia pauperrima, que nada apresenta de grande, de bello, de heroico...”

Um dia, querendo estreitar ainda mais os nossos laços de parentesco e funda amizade, convidei-o para meu compadre. O baptisado foi realisado na Aparecida. No hotel da Dona Marciana, entre outros hospedes, estavam dois noivos, sempre muito agarradinhos. O mutuo derretimento do parsinho arreliou o commendador, solteirão impenitente, que, á mesa, á hora do jantar, perguntou:

— “Quando se casam?...”

— “Daqui a tantos mezes”, — informou, mais derretido ainda, o namorado, deitando á pequena uns olhos de carneirinho morto.

— “Então daqui a dois annos quero ver no que deu tudo isso.”

Nessa mesma occasião estava em Aparecida a senhora do doutor Rubião Junior, conhecido politico e senador do Estado. Conhecendo de sóbra a religião do commendador, que era pessoa das relações intimas de seu marido, essa senhora, entre surprehendida e alegre, cumprimentou-o:

— “Muito bem, commendador. Folgo immensamente em encontrar-o neste Santuario.”

— “E’ verdade, venho cumprir uma promessa.”

— “Não diga?!... Já vejo que, graças a Deus, vae mudando de pensar. Estimo muito. Mas, esteve doente?...”

— “Sim, senhora. Tive um ataque de estupidez!...”

A senhora não poudé deixar de rir e ajuntou:

— “Estava demorando!...”

Joaquim Augusto

Joaquim Augusto da Cunha e Silva fazia lembrar aquelle homem que tocava sete instrumentos. Em Batataes dava desempenho, e desempenho satisfatorio, a mil e um encargos. Era delegado de policia, era supplente do juiz municipal do termo, era negociante, chefe politico, escrivão do fôro ecclesiastico, agrimensor, eleitor anteriormente á lei Saraiva, dirigia a sociedade dramatica local, exercia em caracter vitalicio as funções de mestre-sala de todos os bailes, cantava no côro da Matriz, participava da mesa da irmandade do Santissimo, advogava nas horas vagas, era o promotor de festas carnavalescas, em summa, era e fazia tanta coisa que o tempo de que disponho seria insufficiente para tudo rememorar.

Comquanto não houvesse nascido em Batataes, pois vira a luz do dia na velha Itanhaen, era, comtudo, um bom batataense, amigo dedicado da cidade e sua gente, ás quaes dedicou sempre o melhor de suas energias. Conheci-o morando no largo do Rosario, esquina da rua Direita, no predio que pertenceu depois ao velho Zézinho (1), dando fundos para a então rua da Boa Vista: — elle, a mulher — a dona Laura, de uma familia de Franca, e o pae, o velho *seu* Silva. Alli, na sala que dava para a rua Direita, uma vasta sala forrada de papel vermelho com frisos dourados, passei, não poucas vezes, horas a fio, entretido em ouvil-o declamar, cheio de entusiasmo, longas tiradas de peças theatraes, aquelles dramalhões da escola antiga, de capa e espada. Antes disso, porem, havia morado no largo da Matriz, onde, annos depois, residiu o velho professor capitão Camillo (2), e mais tarde no velho sobradão dos Rosas (3), na antiga rua da Quitanta, sendo alli estabelecido com loja de fazendas e armazinho, que occupava todo o commodo da frente do pavimento terreo.

Nesse sobrado, para matar o tempo, organisavam-se interessantes sessões de jury, com juiz, promotor, escrivão, corpo de jurados, meirinhos, réus e testemunhas, toda a comparsaria, enfim. Num dos *juulgamentos* coube ao Joaquim Augusto defender o autor de um *crime de furto*. O accusado era o Tónico Porto (4). Na peroração, o defen-

(1) José Bernardes Lemes, já fallecido.

(2) Camillo Ferreira de Menezes, professor publico, já fallecido.

(3) Familia Ferreira da Rosa, cujo chefe era o coronel Joaquim Rosa.

(4) Antonio da Silva Porto, de quem tratarei em outro capitulo.

sor pediu ao réu, em phrases repassadas de commoção, que abo-
nasse aquelle feio vicio de ir ás caladas aos favaes alheios. O réu não
esteve pela brincadeira e apresentou *queixa-crime*, por crime de *in-
juria*, contra o advogado, que não teve outro remedio senão ir sellar
tambem o *banco dos réus*. Rarissimas eram as absolvições nesse tri-
bunal *sui generis*. As absolvições só se verificavam quando o réu
estava mesmo a nenhum. E a razão de tantas condemnações é sim-
plissima: — os annos de cadeia prescriptos pelo codigo criminal eram
representados por outras tantas garrafas de cerveja e quando a pena
imposta era de força (era ainda nos tempos ominosos da monarchia),
o caso era de ceia. Para essa pena ultima não havia poder moderador.
Foi no cumprimento de uma dessas sentenças que o Victor do Car-
mo (5) se viu atrapalhado para carregar, certa noite, do quintal do
Neca Alves (6), na esquina das ruas Direita e Municipal, um leitão-
sinho dos melhores que alli havia.

Certa occasião, passando, ao cahir da tarde, pela casa do padre
Joaquim, que havia sahido a passeio, e reparando que uma das ja-
nellas que davam para a rua do cemiterio novo havia ficado aberta,
saltou para dentro da casa e, no quarto de dormir daquelle saudo-
sissimo vigario, preparou uma especie de judas de sabbado da alleluia,
utilizando-se para isso dos travesseiros da cama e de uma batina
velha, servindo de cabeça ao boneco uma melancia que encontrára na
sala de jantar e sobre a qual desabou um chapéu. Lá pelas dez da
noite regressou o padre Joaquim, acompanhado do preto Sebastião.
Entrou e foi direito ao quarto, mas, ao chegar á porta do aposento e
a despeito daquella calma proverbial, não poudo deixar de recuar
e, apontando a extranha figura á beira da cama, mandou, com voz
abafada:

— “Sebastião... Sebastião... veja o que é aquillo...”

No theatro era Joaquim Augusto figura de relevo, o melhor
amador da terra. Recorda-se toda gente de como soube elle dirigir
a sympathica associação que, mais tarde, lhe tomou o nome. E, fac-
to curioso, apezar de gago, em scena não gaguejava. Falava
desembaraçadamente, como se não soffresse desse defeito, no pal-
co e quando discursava. Só uma vez lembram-se todos de o ver
atrapalhado, no palco, no decurso de uma representação. Foi no
drama *Os Anjos da Terra*, da lavra do distincto e bemquisto medico
bahiano doutor Santos Pereira (7). Estava elle em scena, fazendo o
Doutor Samuel, juntamente com Adolpho Arantes (8), que fazia o

(5) Victor Aurelio do Carmo, negociante, lavrador, vereador municipal,
já fallecido.

(6) Manoel Joaquim Alves da Costa, negociante, vereador, juiz de paz,
já fallecido.

(7) Dr. José Luiz dos Santos Pereira, vereador, intendente municipal;
mudou-se mais tarde para Franca, onde falleceu.

(8) Adolpho Arantes Marques, residente na capital.

Coronel Ems, e Eduardo Teixeira (9), que era o *Padre Anselmo*, no segundo acto, narrando suas aventuras e desventuras, quando de subito parou. Acudiu o *ponto*, acudiram os companheiros, todos porfiavam em auxiliar-o. O mal-estar generalisava-se, quando, depois de interrupção mais ou menos prolongada, lhe foi possível retomar o fio á narração. Na direcção dos ensaios era elle de uma severidade que tocava á rispidez e de uma energia de mestre-regio. Uma tarde, lembro-me perfeitamente, a dona Mariquinha, senhora do nosso querido Bino (10), que, por especial deferencia ao doutor Santos Pereira, havia acquiescido em tomar a seu cargo o papel de *Carlota* daquelle drama, sahindo do ensaio, ao passar por nossa casa, não se conteve:

—“Livra!... O Joaquim Augusto está hoje incorrigivel!...”

Quando o conheci, no largo do Rosario, em frente á casa em que então minha familia morava e que foi mais tarde do Costa (11), tinha elle em casa dois gatos, um de boa raça, muito branco e muito bonito, de grande estimação, e o outro commum, escanzelado, que alli surgira um dia, por acaso, assim uma especie de *Fiel* da raça felina. Não gosando naturalmente das regalias concedidas ao primeiro, mas querendo ter o mesmo passadio, o bichano vagabundo deu para ladrão, ficando por isso assentada a sua expulsão por indesejavel. Dessa tarefa foi incumbido o Marcolino, um molecote experte como alho, um legitimo macaco da melhor especie. O Marcolino metteu o gato num sacco e foi despejal-o bem longe, fóra da cidade, muito alem da casa da Mattósa (12), neste tempo perdida em meio do capinzal. Voltou o Marcolino muito ancho, por ter cumprido á risca o que lhe fóra attribuido, e, nas suas peugadas, voltava tambem o gato. O Joaquim Augusto, á vista dessa teimosia, decidiu liquidar de uma vez o hospede importuno. E sem mais demora enforcou-o, com grande contentamento do Marcolino, que prorompeu em berros de alegria, batendo palmas e pulando gostosamente, enquanto o pobre animalzinho estrebuchava horrorosamente, pendurado a um galho da mangueira que havia nos fundos do quintal. O pretinho gostou immensamente desse espectaculo, inédito para elle, e na manhã seguinte, pilhando o patrão ainda na cama, reproduziu a scena com o outro gato, o de estimação. O Joaquim Augusto, quando verificou o delicto, quasi enforcou o Marcolino.

Como disse, era Joaquim Augusto o promotor dos folguedos carnavalescos, que, com elle á frente, attingiam o maximo esplendor. Organizava os prestitos, a que então se dava o nome de bandos, os

(9) Eduardo Augusto Teixeira, de quem tratarei em outro capitulo.

(10) D. Maria de Moraes, casada com o capitão Felisbino Custodio de Moraes, residente agora, salvo engano, em Severinia.

(11) Manoel Severino da Costa, natural de Pernambuco, negociante, vereador, vice-presidente da Camara Municipal. Já fallecido.

(12) A casa da velha Mattósa ficava no Campo Alegre, alem da praça onde está hoje situado o grupo escolar Washington Luiz.

quaes sahiam, quasi sempre, de sua casa, e os respectivos bailes á phantasia, no velho theatro, e aos quaes as familias iam assistir, sem constrangimento, porquanto os foliões e as traviatas folionas que delles participavam portavam-se de maneira irreprehensivel. Uma feita, elle e outros promoveram, do pé para mão, numa casa da actual rua Coronel Pereira, no trecho que desce para a rua Direita, agora Coronel Joaquim Alves, um baile extra-programma e, por isso mesmo, um tanto ás escondidas. Faltava-lhes, porém, o essencial: — a musica. Já uma vez o Sebastião, o do padre Joaquim, salvara a situação com um pente e papel de seda. Dessa vez, porem, o preto não fôra encontrado. Mas, o Joaquim Augusto tinha em casa um realejo, com uma porção de rôlos de musicas. E adoptaram um estratagema, de modo a engabelar a dona Laura, esposa do Joaquim Augusto: — este foi, muito innocentemente, para casa, onde logo depois appareceu uma "commissão", pedindo por emprestimo o realejo, para com o mesmo fazer uma serenata. O Joaquim Augusto promptamente attendeu. E tudo com o beneplacito de dona Laura, que não achou fóra de geito fazer uma serenata a realejo. E pouco depois o Joaquim Augusto tomava do chapéu para ir conversar com o Chico de Arantes (13), que elle sabia ausente, na fazenda do genro.

Joaquim Augusto teve um fim tragico. Morreu num pavoroso desastre ferroviario, entre as estações de Resaca e Martim Francisco, nas proximidades de Mogy Mirim. A sua morte abalou profundamente a sociedade batataense. Foi isso, se não me falha a memoria, a 2 de dezembro de 1890. Achavam-se então em São Paulo, em excursão de recreio, — parte hospedada no Grande Hotel Paulista, onde funciona hoje a filial do Hotel d'Oeste, e parte no Hotel das Familias, de Bento Ortiz, na rua João Alfredo (hoje General Carneiro), em frente ao mercado, onde agora está, na parte terrea, a joalheria "A Confiança", — varias familias batataenses: — Antonio Benedicto (14), doutor Azevedo Marques (15), João Teixeira (16), Antonio Trovoada (17), Augusto Fernandes (18). E o Joaquim Augusto, que fôra sem a familia, era o alegre e inseparavel companheiro nos passeios aos pontos pittorescos da capital e de Santos, sempre bem disposto. Com excepção do doutor Azevedo Marques, aquellas familias regressaram na mesma occasião e insistiram com Joaquim Augusto para que fizesse o mesmo. Elle, porem, não pode attendel-as, allegando negocios a liquidar. Recordo-me perfeitamente

(13) Coronel Francisco Arantes Marques, negociante, lavrador, chefe politico, presidente da Municipalidade, já fallecido; pae do dr. Altino Arantes.

(14) Antonio Benedicto dos Santos Silva, escrivão de orphãos, já fallecido.

(15) Dr. José Manoel de Azevedo Marques, juiz municipal naquella época; ex-deputado estadual e federal, ex-ministro de Estado; professor de direito.

(16) Coronel João Augusto Teixeira, fallecido na Capital em abril de 1933.

(17) Antonio Joaquim da Silva Trovoada, fallecido na Capital em 1900.

(18) Augusto José Fernandes, pae do autor destas linhas, fallecido em Batataes, em dezembro de 1901.

da sua figura, na plataforma da antiga estação da Luz, naquella manhã da nossa partida. Fôra, sem que pudesse prever, levar o seu ultimo adeus. Estava alegre e, alli, junto ao vagão, a um ultimo convite, excusou-se por não seguir naquelle dia. Realizados os negocios que o retiveram, cuidou do regresso. Procurou-o, então, o doutor Azevedo Marques, para que elle adiasse a partida por mais uns dois ou tres dias, de maneira a viajarem juntos. A despeito do empenho manifestado pelo doutor Azevedo, não quiz Joaquim Augusto attendel-o: — tinha negocois em Batataes que reclamavam, com urgencia, a sua presença. E partiu no dia que fixara. Na estação de Campinas, feita a baldeação, foi occupar lugar no ultimo carro. Foi ahi procural-o um amigo de Franca, convidando-o a passar para o primeiro carro, onde o mesmo se accomodára com uma irmã. Joaquim Augusto não quiz mudar de vagão: estava alli bem accomodado, trazia muitas malas, o trem estava a partir. Partiu o trem. Entre as estações referidas parte-se o eixo das rodas dianteiras da locomotiva e o comboio pára em pleno campo. Um outro trem, que a anarchia então reinante na Mogyana deixára partir sem previo aviso, alcança-o. Precipita-se sobre os ultimos carros, reduzindo-os a frangalhos, perecendo quatro pessoas, entre ellas Joaquim Augusto. O moço de Franca, que viajava com a irmã no primeiro carro, soffreu apenas um grande susto. Conta-se que, tendo previsto o desastre, pois viajava no ultimo carro, e saltado para o leito da estrada, Joaquim Augusto voltou de novo ao carro, em busca naturalmente das malas, occorrendo então a catastrophe. Era a fatalidade. O que tem de ser tem muita força!

Joaquim Alves

O tenente-coronel Joaquim Alves da Costa, que, a despeito do commando de um dos hypotheticos batalhões da briosa Guarda Nacional que lhe deram em 1899, não deixou, nunca, de ser, para toda gente, o “tenente”, foi um dos homens mais populares e bemquistos de Batataes. Occupou, na velha localidade, posições politicas de destaque, em ambos os regimens. Monarchista e conservador, não duvidou, todavia, em acceitar o “novo estado de coisas”, quando, dois dias após o 15 de novembro de 1889, o doutor Herculano de Freitas, ao tempo simples advogado em Ribeirão Preto, foi, com seu monoculo, a Batataes, afim de *proclamar* a Republica, *proclamação* que se verificou no salão da Camara Municipal, nos altos da cadeia nova, hoje desaparecida, para dar lugar a uma fabrica de tecidos. Levou mesmo a sua adhesão á causa republicana ao ponto de acceitar, de bom grado, um lugar no primeiro directorio republicano, obtendo nada mais e nada menos de 211 votos na respectiva eleição, effectuada no dia 25 de janeiro de 1890, um formoso sabbado de sol, com o comparecimento de 268 eleitores. Mas, sem duvida, o que mais popularisou o velho tenente foi uma celebre phrase, pela qual sempre patenteou especial predilecção, tanto que, para arremessal-a, lançava-a mesmo, fosse, estivesse onde estivesse, se entendia de lançal-a, lançava-a mesmo. Conta-se que, nos primeiros tempos da Republica, o general Francisco Glycerio fez em Batataes uma conferencia sobre a situação recém-inaugurada, abordando a parte financeira. Essa conferencia foi assistida por muita gente, inclusive o nosso tenente, para lá carregado pelo doutor Furtado (1). No dia seguinte, indo o General Glycerio visital-o, procurou conhecer a impressão que tivéra da conferencia. O tenente não esteve com meias medidas:

— “Qual, seu f... da..., você falou em bancarrota, em tanta coisa que eu não entendi nada. Ora, vá á.. que...”

O leitor traduza como melhor lhe aprouver essas reticencias. Convem, todavia, dizer que o general gostou immensamente da explosão do amigo.

(1) Doutor Manoel Antonio Furtado, medico, que clinicou por muitos annos em Batataes, onde falleceu; foi deputado federal pelo antigo 7.º districto.

O tenente formava com a mulher, a boa dona Helena, um par inseparavel. Tanto que a morte de uma acarretou, dias depois, a do outro. Houve, porem, uma occasião em que o tenente não quiz saber de acompanhar a mulher. Foi, ha muitos annos, numa festa do Divino, a cargo do casal. Era costume, *in illo tempore*, irem á igreja os festeiros sorteados para o anno seguinte, afim de receberem, das mãos dos que terminavam o *mandato*, a coroa do Divino. A sorte, ou antes, o sorteio foi, naquelle anno, favoravel a meus paes, aos quaes o tenente e dona Helena teriam de entregar a coroa, logo após a missa cantada, como era de velha usança. Não querendo, por motivos que não vêm a pello, ir pessoalmente receber a coroa em questão, os festeiros disso incumbiram o doutor Altino (2), que então contava oito annos, mais ou menos, e a irmã, dona Tarcilia (3), tambem criança, os quaes formavam um parsinho muito interessante e promptamente attenderam ao pedido. A dona Helena, porem, não concordou com essa delegação de poderes. Entendia que a coroa devia passar de festeiro para festeiro, directamente, sem intromissão de procuradores, e por isso, mal terminou a missa e não obstante os vehementes protestos do tenente, que a tal se oppunha, metteu a coroa na cabeça, enterrando-a até as orelhas para não cahir, e, acompanhada da banda de musica, pondo de lado os dois meninos, atravessou o largo da Matriz, desceu a rua do Commercio e a do Theatro, até o largo do Rosario, indo solemnemente depor nas mãos do novo festeiro, estupefacto, aquella *prebenda*. Dizia meu pae que a coroa estava enterrada de tal modo que lhe custou arrancar-a, na occasião em que a dona Helena, numa curvatura cheia de gravidade, intimou-o a recebê-la. Nesse percurso, do largo da Matriz ao do Rosario, a dona Helena de quando em quando voltava-se para traz e commentava, com o mestre Leonardo (4), a caturrice do *primo Joaquim*, que, no auge da indignação, e depois de haver atirado, a esmo, varias *filições*, fôra embora para casa, vendendo azeite ás canadas.

Outra feita, grassando com certa intensidade a variola em Ilha Grande (5), circulou celere pela cidade a noticia de que, nos arredores, havia fallecido um varioloso, que os parentes teimavam em enterrar no cemiterio local. O tenente e a mulher temiam as bexigas, como toda gente aliás, e por isso deliberaram abandonar a cidade, antes que o defunto chegasse e com elle a epidemia. Num abrir e fechar d'olhos prepararam os animaes e tomaram o caminho da roça, mas por caiporismo, ao chegarem ao capão que havia á sahida da cidade, deram com os taes parentes, conduzindo, numa rêde, o temido de-

(2) Dr. Altino Arantes Marques, notavel administrador, deputado federal, secretario do Interior, presidente do Estado.

(3) D. Tarcilia Arantes Franco, esposa do coronel Vigilato Augusto Franco.

(4) Leonardo Mauricio de Carvalho, mestre de musica e regente da banda, pessoa muito estimada na localidade; já fallecido.

(5) Hoje Jardinópolis.

funto. E' facil de calcular o susto apanhado e a desabalada corrida de retorno.

Politico militante, fizeram-no varias vezes juiz de paz do districto da cidade. Elle, francamente, nunca se deu bem com funcções taes, mas aturava-as por honra da firma e disciplina partidaria. No casamento do doutor Fragoso (6) com dona Augusta Pombo (7), fez desta maneira as perguntas da lei:

— “Oh, Fragoso, você quer casar com a Augusta?... E você, quer casar com o Fragoso?...”

Substituto legal do juiz de direito da comarca, tendo de deferir, em cartorio, o juramento do estylo ao Pedro Arruda (8), que ia servir como avaliador numa causa qualquer, chamou-o:

— “Jure aqui, seu f... d... p...”

Quando não estava com a jurisdicção do cargo de juiz de direito, o tenente era preferido e constantemente chamado para desempenhar as funcções de louvado, arbitro e outras semelhantes. Por isso mesmo eram constantes as suas viagens com o pessoal do fôro, em divisões e outras diligencias judiciais. Coube-lhe, numa divisão, trabalhar com o Pacca (9). O tenente, que não estava para aturar os trabalhos do engenheiro, achava aquillo tudo muito demorado e muito cacete. O Pacca, porem, aconselhava:

— “Piano, tenente. Piano, piano...”

Esse *piano, piano*, por fim, é bem de ver, inquizilou o tenente. E quando, a certa altura, o Pacca repetiu a phrase, o tenente damnou:

— “Piano, piano... Piano é a... que. te...”

Em 1897, quando, por motivo da derrota de Moreira Cesar em Canudos, houve o empastellamento de diversos jornaes monarchistas no Rio de Janeiro e em São Paulo, foi encontrada, nos papeis apanhados na redacção do diario “A Liberdade”, do Rio, uma carta do doutor Estevam Leão Bourroul, recommendando, entre outros nomes de “bons amigos”, o do tenente. Quando deparou com essa noticia, em outro jornal, a furia do tenente estalou como um raio. A phrase conhecida jorrou em todos os possiveis tons. Amarrotou o jornal indiscreto, increpou o autor da carta, gritou com todos, reprehendeu os caixeiros, quiz bater no Casemiro, no Manoel, na Perpetua (10), que haviam acudido ao espalhafato. “A Lei”, periodico local, mettu á bulha, perversamente, mas com muito espirito, na sua secção “Pia-das”, toda essa indignação, que, como sempre acontecia, acabou em nada.

(6) Dr. João Leopoldo da Rocha Fragoso, distincto medico, já fallecido.

(7) D. Augusta da Rocha Pombo, filha do finado dr. Simpliciano da Rocha Pombo, que foi juiz de direito da comarca.

(8) Filho do finado Moysés Arruda e irmão do tabellião Bento Arruda.

(9) Dr. Adolpho Eugenio Pinto Pacca, engenheiro, já fallecido.

(10) Filhos de antigos escravos e que nunca o abandonaram.

Recordam-se todos de que, no carnaval de 1897, o Aurelino (11) ficou encarregado de *fazer* o Gabriel carteiro (12), numa critica ao Daniel (13), que era, nesse tempo, agente do correio. Ao passar pela casa do tenente, o Aurelino dirigiu-se ao avô e poz-se a caceteal-o, imitando quanto possível a gagueira do velho Gabriel:

— “O te... te... neen... te... es... es... táááá... naaa... vi... vi... óóó... la!”

O tenente é que não esteve por essa e mandou logo o neto, sem mais aquella, ao logar que todos nós sabemos.

Houve tempo em que dei para usar uns collarinhos duplos e muito altos, que estavam então em moda. Uma tarde, na secretaria da Camara Municipal, então a meu cargo, conversava com o doutor Villa Nova (14) e o doutor Gouvêa (15), quando entrou o tenente Joaquim Alves, que aliás me levára, com dona Marianna Alves Freire, á pia baptismal. Fitou-me um tanto espantado e sahiu com esta:

— “Que diabo, parece que você arrumou um punho no pescoço!...”

(11) Aurelino Alves da Costa, filho do finado Manoel Joaquim Alves da Costa e neto do tenente.

(12) Gabriel José de Assis, já fallecido.

(13) Daniel Joaquim de Oliveira, já fallecido; foi mestre-escola, agente do correio, vereador municipal, sub-delegado de policia, escrivão da vara ecclesiastica, fabriqueiro da Matriz.

(14) Dr. Miguel Cursino Villa Nova, distincto medico pernambucano, já fallecido; agricultor, politico influente, presidente da Camara Municipal.

(15) Dr. Arthur Gouvêa, advogado e jornalista, natural de São Simão; já fallecido.

Antonio Jacintho

Quando o conheci, já o capitão Antonio Jacintho Lopes de Oliveira trazia sua barba patriarchal toda branca. Era uma figura veneravel, que impunha respeito e diante de quem todos se descobriam. Dava-se muito com meu pae, que com elle servira algum tempo, como escrivão da collectoria de rendas geraes e collector da de rendas provinciaes. Morou sempre no largo da Matriz, num casarão acaçapado, de largas portas e janellas, á esquina da rua Barão de Cotegipe, então simplesmente o becco do cemiterio, fronteiro á casa do coronel Pereira, construcção vetusta que resistiu galhardamente á acção do tempo, sendo, em época relativamente recente, substituida por elegante *bungalow*.

Antonio Jacintho não era batataense nato. Nascera em Catalão, na provincia de Goyaz, transferindo-se com toda a familia para Batataes, onde se impoz pelos dotes de coração, pela intelligencia e cultura, pela nobreza de seu character. Era sua irmã dona Luiza Lopes de Oliveira (a tia Lúlú), que foi casada com Antonio Moreira, filho de Germano Moreira, fundador da actual cidade de Batataes, e sogra do tio Quita (1). Era tio do tenente-coronel Antonio Augusto Lopes de Oliveira, homem distinctissimo e por quem sempre nutri grande admiração, advogado, pharmaceutico e chefe politico, e de Daniel Joaquim de Oliveira, velho mestre-escola, avô do livreiro-editor José Olympio Pereira Filho; sogro do tenente-coronel Antonio Augusto Lopes de Oliveira Junior, que herdou as nobres qualidades do pae, e pae do major Gaudencio Lopes de Oliveira, que foi tabellião em Franca, do major Celso Olavo Lopes de Oliveira, tabellião tambem, em Nuporanga, e do capitão Antonio Jacintho Lopes de Oliveira Junior, ha pouco fallecido na capital.

Dizem os que o conheceram ainda moço que não foi dos menos folgazões, tinha suas sahidias, contava umas piadas interessantes, dosadas de sal fino, e não perdoava mesmo as modinhas ao violão, havendo uma que era de sua preferencia:

*Eu soltei meus canarinhos
Na janella de meu bem...*

Como advogado, deixou fama de bom causidico, pouco amigo de rabulices e nada affeito ás chicanas. Seus trabalhos revelavam conhecimentos nada superficiaes de direito e o manuseio constante dos

(1) Joaquim Garcia de Oliveira, de quem tratarei em outro capitulo.

mestres de antanho. Arredado das actividades forenses, recolhido ao socego do lar, era comtudo de continuo procurado por pessoas a que as contingencias impunham o sacrificio de se metterem em demandas e que appellavam para as luzes de sua experiencia e seus conselhos, e mesmo por advogados, alguns até de apreciavel tirocinio, que recorriam aos seus pareceres, sempre acatados.

No exercicio da advocacia, não perdoava, de quando em quando, apezar da justiça gravebunda daquelles tempos, uma pilheria. Em 1872, por exemplo, era segundo supplente do juiz municipal do termo o capitão Salgueiro, dono da fazenda *do Proença*, que residia então na chamada casa *da Paciencia*, no largo da Matriz no alinhamento da actual rua Capitão Andrade, de onde se trnsferiu, mais tarde, para a esquina adiante (2). Homem de pouquissimas luzes, o capitão Salgueiro se manifestava rebelde até na propria assignatura, a que não ligava a menor importancia: — ora assignava-se *Sargueiro*, ora *Salguero*, quando não *Çarqueiro*. Estando no exercicio da vara municipal e de orphãos, por justo impedimento do doutor José Manoel Portugal, titular da mesma, foram-lhe conclusos os autos de uma acção em que Antonio Jacintho patrocinava os interesses de uma das partes. O meretissimo supplente garatujou, como poudo, o despacho circumstanciado que lhe dictára não sei bem se o Evaristo Garcia (3) ou o João Escrivão (4), ás vezes supprimindo, outras cambiando letras, e lançou a sua rubrica, com C cedilhado: — *Çarqueiro*. Esse despacho prejudicou sem duvida os direitos que o cliente do Antonio Jacintho tinha por indiscutíveis. E arrazoando afinal, Antonio Jacintho fez carga cerrada contra essa decisão, achando-a contraria a todos os principios de direito, buscando destruir os argumentos na mesma invocados, considerando-a uma verdadeira monstruosidade, e concluiu pedindo a attenção do julgador para esse despacho assignado por um "cargueiro". O capitão Salgueiro, com as suas escassas luzes, não comprehendeu a coisa, quando maliciosamente, em cartorio (5), lhe deram a soletrar essas razões finaes; achou apenas que o Antonio Jacintho esquecera de pôr aquelle risquinho em baixo do C.

Ainda como advogado, Antonio Jacintho dictava ao Gabriel Durso (6) um documento qualquer e no fim mandou que datasse e assignasse. O Gabriel parou indeciso: — em que mez estavam, junho ou julho?... E indagou do advogado, que passeava pela sala, com as mãos nos bolsos da calça:

(2) Antonio Luiz Salgueiro, já fallecido.

(3) Tenente Evaristo José Garcia, tabellião e escrivão, pae do saudoso Affonso Celso Garcia da Luz e do desembargador Adalberto Garcia da Luz.

(4) Capitão João Zeferino de Almeida e Silva, escrivão de orphãos, pae do fallecido desembargador Antonio Candido de Almeida e Silva.

(5) O cartorio de Evaristo Garcia era no largo da Matriz, no correr da rua Coronel Pereira, logo adiante da casa de Antonio Jacintho; o de João Zeferino era no largo do Rosario, casa que depois foi de Joaquim Augusto.

(6) Gabriel José Pereira, já fallecido.

— “E’ nhô-go-nhó ou lhô-go-lhó?...”

Antonio Jacintho fulminou-o com um olhar terrível e explodiu:

— “E’ lhê-gue-lhé!...”

Naquelle tempo era costume ficarem, á noite, pelas ruas, as vaccas leiteiras, que as havia ás dezenas, as quaes eram recolhidas aos quintaes, logo que amanhecia. Póde-se imaginar o aroma de certos logares, bem pouco convidativo, e o perigo a que se expunham os noctivagos nas noites sem luar. Numa dessas noites, o Zéca da Botica (7), — que rondava a casa do Antonio Jacintho, na esperança de ser seu genro, sonho que conseguiu realisar, — resolveu fazer uma serenata á sua escolhida. E foi para o largo, plantando-se á esquina, na companhia de outros moços, um dos quaes era meu pae. Afinado o velho pinho e concertada a garganta, o Zéca abriu a bocca:

O que estará ella fazendo?

Ia a modinha em meio, gemendo primas e bordões, quando uma janella se abre com estrondo, uma vidraça é erguida violentamente e apparece, envolto no cobertor, não a moça que o rapaz buscava enternecer com as notas chorosas da sua cantiga, mas o pae, o dono da casa, o futuro sogro. Foi um corre-corre dos demonios. Mas, na escuridão que imperava, os rapazes não repararam nas vaccas que por allí estavam espalhadas e, contra a vontade, tiveram de fazer arriscados exercicios de equitação. Uns, mal acostumados a’ essas cavallarias, rolaram ao primeiro arranco; houve, porem, quem atravessasse a praça, que não é pequena, montado de modo tão deselegante. O violão ficou pendurado nos chifres de uma das vaccas e na manhã seguinte o Maximiano, cria do Antonio Jacintho, foi encontral-o em pandarécos, em frente á casa do Antonio Alves (8).

Politico de prestigio em outros tempos, Antonio Jacintho foi eleito, pelo nono districto e em renhido pleito, deputado provincial. A população preparou-lhe significativa homenagem, e á noite, com a banda de musica do mestre Leonardo á frente, foi levar, cheia de enthusiasmo, seus cumprimentos ao novo parlamentar. Antonio Jacintho collocou-se numa das janellas que davam para o largo da Matriz, entre duas vélas espetadas em castiças de prata. O orador official deitou o verbo, saudando, em periodos retumbantes, o batataense eminente, que saberia honrar, na Assembléa Provincial, a cadeira a que fôra conduzido pelo suffragio de seus correligionarios. Palmas, muito bem, vivas!... Os metaes da banda romperam o *taratachim*. Chegou a vez do homenageado agradecer. Antonio Jacintho correu os olhos vagarosamente pela multidão e principiou:

— “Meus senhores!...”

E fez um gesto rasgado, com ambas as mãos, atirando os dois castiças sobre os manifestantes.

(7) José Norberto da Silva, pharmaceutico, já fallecido.

(8) Antonio Alves Fereira, já fallecido.

Capitão Andrade

Entre os benemeritos de Batataes está incluído, e com toda justiça, o prestante cidadão José de Andrade Diniz Junqueira, ou melhor, o capitão Andrade, nome com que ficou perpetuado no respeito, na gratidão e na saudade dos batataenses. Não era batataense pelo nascimento, mas o foi pelo coração. Era mineiro, nascido a 16 de março de 1816. Em Batataes, onde passou grande parte de sua existência e prestou assinalados serviços, convolveu a segundas nupcias e deixou numerosa prole: — o coronel Manoel Gustavino (1), que soube seguir os exemplos legados pelo pae e está igualmente inscripto entre os mais distinctos batataenses; o major Zézé de Andrade (2), uma das figuras mais sympathicas que tenho conhecido e que apontado pôde ser como exemplo, dos mais eloquentes, da rectidão de character; o major Janjão de Andrade (3), que, como prefeito municipal, deixou seu nome ligado a obras de vulto; o capitão Chico Antonio (4), outro homem bom, agricultor adiantado; o coronel Bié de Andrade (5), antigo commerciante e lavrador, deputado estadual em mais de uma legislatura e que enfermidade minaz afastou da actividade politica; Tinhano de Andrade (6), também lavrador, e donas Gabriella, esposa do sr. Gabriel Theodoro (7), e Marianna, esposa do capitão Antonio Rosa (8), figura também de destaque na sociedade batataense.

(1) Coronel Manoel Gustavino de Andrade Junqueira, distincto batataense, foi vereador, presidente da Camara, prefeito, juiz de paz, presidente do directorio politico, vereador, agricultor e collector.

(2) Major José de Andrade Diniz Junqueira, já fallecido, foi juiz de paz, vereador, presidente da Camara e agricultor.

(3) Major João de Andrade Junqueira, já fallecido, foi vereador, prefeito e agricultor.

(4) Capitão Francisco Antonio Diniz Junqueira, já fallecido, foi vereador e agricultor, vice-presidente da Camara.

(5) Coronel Gabriel de Andrade Junqueira, residente na Capital, foi vereador, prefeito, presidente da Camara, deputado estadual, lavrador, commerciante, delegado de policia, presidente do directorio politico.

(6) Martiniano de Andrade, foi lavrador e juiz de paz.

(7) Gabriel Theodoro Lima, fallecido em Campinas, foi lavrador e commissario.

(8) Capitão Antonio Ferreira da Rosa, da antiga familia Ferreira da Rosa, já fallecido, foi vereador, agricultor e capitalista.

Em 1839 vem-o já em franca actividade politica, tendo sido eleito supplente de vereador, para a primeira camara municipal, logo após a criação do municipio, por lei provincial n.º 128, desse anno. Em 6 de julho de 1841 foi convocado e tomou posse, como vereador, revelando uma bondade immensa, que não excluia, entretanto, uma energia ferrea. Desde aquella data não mais deixou a Camara Municipal, successivamente eleito, occupando mais tarde a presidencia, que exerceu até a sua morte, alem de outros postos de destaque, como fosse o de eleitor da freguezia.

Minha mãe (9), quando nomeada, em 1870, professora da escola do sexo feminino da cidade, substituindo a professora provisoria, ou mestra-regia, como então eram chamadas essas professoras, dona Anna Augusta (10), levou-lhe, como lhe cumpria, de accordo com os regulamentos que naquella época vigoravam, seu titulo de nomeação. Acompanhava-a o irmão, Eduardo Teixeira (11). Presidia o capitão Andrade, no momento, uma sessão da Municipalidade; não obstante, fel-a entrar, sentar-se junto delle, leu a seus pares o titulo que lhe era apresentado e dirigiu á nova professora, a primeira professora diplomada que apparecia por aquelles lados, palavras de louvor e de encorajamento, das quaes ella nunca se esqueceu. E os demais vereadores, numa manifestação unanime, puzeram-se de pé, apoiando as palavras do seu presidente.

Morava o capitão Andrade no predio do largo da Matriz, onde depois residiu o coronel Boaventura (12), á esquina da rua que tem agora seu nome, passando ahi grande parte do tempo, quando não ia para sua propriedade agricola, a fazenda *São José*, onde, em larga escala, criava gado vaccum e cultivava canna de assucar.

Para dar idéa de sua rectidão, dos principios austéros que espovava, basta citar um episodio, que me foi contado pelo velho Joaquim Alves. Como é sabido, o termo de Batataes foi creado em 1839, pela lei n.º 128, de 14 de março, promulgada pelo então presidente da Provincia, doutor Venancio José Lisboa, em virtude de acontecimentos dolorosos desenrolados em Franca e que passaram á historia com o nome de *Anselmada*, promovidos que foram pelo celebre Anselmo, um facinora prestigioso e temido, cujo nome, tristemente aureolado, enchia toda aquella zona de justificado pavor. Anselmo não podia, por motivos varios, ser julgado na Franca e dahi a elevação de Batataes a municipio e a cabeça de termo, embora a residencia do juiz fosse naquella cidade. O tribunal do jury foi installado numa casa do largo da Matriz, logo adiante da do capitão Andrade, em frente á igreja,

(9) D. Augusta Eugenia Fernandes, natural de Bragança e filha de José Luiz Teixeira de Miranda, fallecida em S. Paulo.

(10) D. Anna Augusta Lopes de Oliveira, irmã do coronel Antonio Augusto Lopes de Oliveira e de Daniel Joaquim de Oliveira, já fallecida.

(11) Eduardo Augusto Teixeira, de quem tratarei em outra parte.

(12) Coronel Boaventura Ferreira da Rosa, republicano historico, lavrador, já fallecido.

e o julgamento despertou fundo interesse, acorrendo gente de toda parte. Presidiu a sessão o juiz doutor Pereira Jorge. O capitão Andrade fazia parte do corpo de jurados e quiz ainda a sorte fosse escolhido para participar do conselho de sentença, que foi presidido pelo capitão José Bernardes (13). A absolvição do réu era tida como certa. O homem gosava de influencia e impunha-se pela sua valentia e crueldade. Os seus apaniguados percorriam ruas e caminhos, numa demonstração acintosa, querendo conhecer aquelle que tivesse o topete de condemnar o chefe todo poderoso. Dá-se o julgamento. A unanimidade esperada não se verifica: — dois votos contrarios. Dois jurados opinavam pela condemnação. Quem seria? . . . O medo, disse Euclides da Cunha, tem os seus heróis. E os medrosos, que empalideciam só ao nome do famoso bandido, cuidaram de varrer a testada e não faltou quem, pressurosamente, denunciasse os dois desassombrados juizes de facto. Um delles, disseram, fôra o capitão Andrade, moço ainda de vinte e quatro annos, o outro o coronel Pereira (14). A noticia chegou ao conhecimento do criminoso absolvido e Anselmo foi procurar o capitão Andrade, que o recebeu sem o menor vestigio de temor, antes com altivez. O criminoso descobriu-se e cumprimentou respeitosa e aquelle moço. Apertava, declarou, a mão de um homem de bem.

Delle conta-se uma passagem interessante. Havendo o Chico Antonio voltado do collegio, em ferias, e portador de excellentes notas quanto á applicação e aproveitamento, o capitão Andrade, na sala da casa da fazenda *São José*, dictou-lhe, certa occasião, uma carta endereçada ao seu correspondente na capital. Dictada vagarosamente, periodos e pontuação. Encerrada a missiva com o “attento venerador e obrigado” da praxe, mandou que o filho lesse o que escrevera. E com grande espanto, que se transmudou em indignação, levando-o quasi a sacudir o collegial pelas orelhas, ouviu esta leitura:

— “Respondo seu presado favor de tantos do corrente virgula aqui recebido em data de hontem ponto tenho a communicar-lhe virgula antes de tudo virgula o seguinte dois pontos, etc.”

O capitão Andrade falleceu aos 22 de novembro de 1882, aos 67 annos de idade, estando sepultado, juntamente com a esposa, que lhe sobreviveu ainda por muitos annos, no cemiterio parochial de Batataes.

(13) Capitão José Bernardes da Costa Junqueira, lavrador.

(14) Coronel Manoel Antonio Pereira, outro batataense eminente, nascido a 18 de abril de 1798 e fallecido em 3 de abril de 1875; residia na rua que hoje tem o seu nome, esquina da actual rua Barão de Cotegipe.

Firmiano Braga

Em 1858 foram tão exiguas as rendas municipaes, orçadas pela muito augusta Assembléa Provincial em 808\$000 annuaes, que a Camara não poude encontrar na localidade quem acceitasse os logares de procurador e de secretario, por falta de dinheiro para pagamento dos respectivos vencimentos. Não admira, porem, que tal acontecesse. Aquillo por lá, nesse tempo, devia andar muito á matrôca. Só quatro annos mais tarde, em sessão de 10 de outubro de 1862, a egregia Edilidade reconheceu a necessidade de livros para a escripturação dos serviços e contas do procurador municipal, o que até então não existia. Parece, realmente, pilheria. Póde ser feita uma ligeira idéa do pé em que andava a administração municipal, a despeito dos homens austeros e dignos que lhe mantinham as redeas, sabendo-se que, apezar de proclamada essa necessidade em sessão ordinaria e de maneira solemne, annos depois o doutor Washington (1) reconhecia a “necessidade inadiavel de reformar a escripturação municipal, vasto cháos, onde se podia reconhecer a honestidade das administrações anteriores, mas onde havia difficuldade, quasi insuperavel, de determinar o quantum das despesas dos serviços municipaes. Facil era saber quanto se tinha gasto, difficil era determinar-se em que.”

Voltemos, porem, ao que mais importa. Em 1858 viu-se a Camara Municipal abarbada, sem ter quem lhe fizesse as actas e lhe arrecadasse os magros impostos. Diversos trabalhos, entretanto, reclamavam urgente deliberação e prompto expediente, e, em emergencia tal, acudiu á Camara uma unica sahida: — intimar um eleitor para occupar o cargo de secretario. A intimação recalhiu no eleitor Firmiano Braga, ou melhor, no Firmianinho Braga, cujo nome todo era Firmiano Octaviano Ferreira Braga. O Firmianinho, como o Joaquim Augusto, era um homem popular e occupadissimo, advogado provisionado, jornalista nas horas vagas, cantor de igreja, delegado de policia, etc. Teve mocidade attribulada e cheia de peripécias, em Minas, onde morou nas cidades de Passos, Jacuhy e São Sebastião do Paraiso, tendo sido espancado, esfaqueado e atirado por mais de

(1) Dr. Washington Luis Pereira de Souza. residiu por muitos annos em Batataes, onde foi vereador, prefeito e presidente da Camara; foi deputado, senador, secretario da Justiça, presidente do Estado e da Republica, e prefeito da Capital.

uma vez e tendo por sua vez tambem espancado, esfaqueado e atirado muita gente. Não résam as chronicas como desempenhou a commissão que lhe fôra imposta, nem tão pouco sabemos se taes funcções o obrigaram por muito tempo. O desempenho naturalmente foi bom e occupou, por certo, tanto tempo quanto se tornou necessario para a restauração dos creditos do municipio. Esse incidente não trouxe solução de continuidade ao modo de vida do Firmianinho.

No theatro, figura saliente dos clubes do tempo do onça, destacava-se pelo desempenho consciencioso que sabia dar aos papeis que lhe tocavam naquellas pavorosas peças que então iam á luz da ribalta. E' conhecido aquelle episodio da tragedia com o Juca Severino (2): — tendo o bacamarte do Juca, que devia matal-o no final da peça, negado fogo duas ou tres vezes, o Firmianinho julgou mais prudente e de bom aviso abrir mão do tiro e estender-se a fio comprido no tablado. Na representação de outra tragedia, não menos pavorosa e cabeluda, daquellas de encher a noite toda, tendo de assassinar um Lopo qualquer e com a adaga arrancar-lhe o coração gotejante, mordendo-o depois com aquella mesma furia epileptica do crudelissimo d. Pedro da Ignez de Castro, o Firmianinho mandou fazer um coração de baeta vermelha, que occultou cuidadosamente num dos bolsos do gibão. A' hora designada, derrubou o adversario, mas parou indeciso: — e o coração de baeta?... Pouco durou a indecisão: — arrancou do bolso, mettu-o entre os dentes e depois desembainhou o punhal e foi *abrir* o peito ao defunto, para de lá tirar o “coração mal-dito”.

Quando, em suas frequentes excursões pelas roças, acontecia assistir á recitação do rosário, piedosa devoção muito commum, tomava sempre para elle as funcções de capellão. E' que elle tinha uma especial predilecção por isso e ninguem como elle havia para puxar um terço bem puxado, com vóz unctuósa e cheio de recolhimento. Na fazenda de um dos mais illustres membros da familia Rosa (3), desempenhava elle taes attribuições, certa noite, na sala do oratorio, apinhada de membros da familia, escravos e aggregados, quando um cãosinho fraldiqueiro e muito indiscreto entendeu de fazer das suas, buscando para isso um canto ao lado do improvisado altar, junto ao qual o Firmianinho, ajoelhado e constricto, desfiava as résas. O capellão reparou no acto pouco christão e pouco decente do atrevido podengo, e tratou de chamar para o mesmo a attenção do moleque que o acolytava, mas, sem o querer, estarreceu a assistencia com esta oração: — *Padre nosso que estaes no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós olha esse cachorro que está sujando o vosso reino...*

Um dia, na minha meninice, deu-me a telha de ir assistir, pela primeira vez, a um exame de corpo de delicto. Tratava-se de um

(2) José Severino de Almeida, já fallecido, sogro de Felisbino Custodio de Moraes; foi o primeiro secretario da Camara Municipal de Batataes.

(3) Familia Ferreira da Rosa, já por mim referida em outros capitulos.

rapaz assassinado no bairro de Sant'Anna. Serviram de peritos os pharmaceuticos Caetano Machado (4) e Thomaz Araujo (5), sendo relator o primeiro, e o delegado de policia era o Firmianinho. O cadaver tinha ficado depositado no pavimento terreo da cadeia velha, onde está hoje, na praça 15 de Novembro, a casa da força electrica, e, levado pela curiosidade, para lá me dirigi, na canôa policial. Quando, porem, deparei com o corpo ensanguentado do rapaz e reparei naquelles olhos desmesuradamente abertos, naquelle olhar "fixo, brutal, como absorto" de que fala a poesia, naquella bocca retorcida num riso truanesco, espectáculo que absolutamente eu não esperava encontrar, não quiz saber de mais nada e, numa corrida louca, só consegui parar atraz da cadeia nova, que ficava em frente á velha, onde foi construida, tempos depois, a fabrica de tecidos. E quando alli me foi possivel parar e, por maior segurança, olhei para traz, para me convencer de que o defunto não me seguira, esbarrei com o delegado de policia, que, sem a menor cerimonia, havia abandonado a presidencia do exame e adoptado o mesmo expediente, sem o galope, está claro.

— "Você é dos meus, — disse-me elle, batendo-me na cabeça. Eu tambem não pôsso ver defunto!..."

E, logo depois, nos altos da cadeia nova, enquanto o Caetano Machado, com a maior fleugma, redigia as respostas aos quesitos do formulario, o Firmianinho passeiava muito nervoso pelo salão, exclamando de vez em quando:

— "Não sirvo mesmo para isso... estou até com a vista escura."

Houve tempo em que andava muito em vóga um famoso lundú, cujo estribilho era:

*Onde está a chave
Que te dei para guardar?
Está no fundo do baú,
Se quizer vae lá buscar!*

O Firmianinho arranjou, sem muita difficuldade, uma engraçada parodia, muito ao sabor daquellas *Rosas do cume* e outras famosas producções do Laurindo Rabello, o poeta Lagartixa. Do estribilho da parodia tenho bem lembrança, pois nruitas vezes o ouvi em Bataes:

*Onde está a chave
Que te dei para guardar?
Está no pescoço do Pio Nono,
Se quizer vae lá buscar!*

(4) Caetano Leite Machado, de quem tratarei em outra parte.

(5) Major Thomaz Martins de Araujo, fallecido em 1934, em São Paulo.

O estribilho não era propriamente esse, pois o terceiro verso não se apresentava assim tão estropiado. O leitor, porem, que sem duvida conhece alguma coisa do francez, já comprehendeu de que se trata e que, sendo assim, não póde sahir de outra fórma.

Monarchista irreductivel, acceitava, todavia, a republica, como se costuma dizer, por acceitar. Não lhe fizessem, porem, a apologia do regimem republicano: — abria todos os diques e falava pelas tripas de Judas. Fizemos-lhe notar, certa vez, que um dos filhos d'elle, o Affonso, que fôra redactor do *Treze de Maio* (6), um formoso talento, havia sido republicano historico e fizera parte, como um dos secretarios, do clube republicano local, fundado, nos tempos da propaganda, em casa do coronel Joaquim Rosa (7), é sob presidencia do coronel Martinho Rosa (8). Elle desculpou, de prompto:

— “Loucuras da mocidade!...”

O Firmianinho, a despeito daquelle feitio extravagante, tinha pelos filhos grande afeição. Falava sempre com intensa emoção dos que haviam morrido. Demos-lhe um dia uma poesia que o doutor Ismael, seu primogenito (9), dedicára, em tempos idos, á esposa, no dia 13 de maio, em que viam passar mais um anniversario do casamento, e que fôra recortada de um periodico de 1887. Tenho de memoria os dois primeiros versos:

*Treze de maio!... Oh, minha santa esposa,
Não sentes dentro d'alma alguma cousa...*

Elle ainda não conhecia esse trabalho poetico do seu primeiro filho e foi com os olhos marejados de lagrimas que leu tres, quatro vezes, aquelles versos.

— “Você acaba de me fazer um presente de inestimavel valor”, — disse-me elle.

Esse velho amigo morreu repentinamente em São Paulo, numa casa de pensão da rua Barão de Itapetininga, ha vinte e muitos annos. Morreu alegre como atravessára a existencia: — cantava u'a modinha ao violão, quando foi surprehendido pela morte.

(6) Affonso Froemberg, jornalista, fallecido muito moço.

(7) Coronel Joaquim Ferreira da Rosa, já fallecido, membro da familia Ferreira da Rosa.

(8) Coronel Martinho Ferreira da Rosa, pertencente á mesma familia, fallecido em São Paulo.

(9) Doutor Ismael Froemberg, fallecido em Franca. Os filhos do Firmianinho adoptaram, não sei por que razão, o sobrenome Froemberg, arranjado não sei onde.

Zelino Ferreira

Quem em Batataes porventura não conheceu o Zelino José Ferreira? Homem estimado, popularissimo, — a sorte, que tem mais caprichos que a mais extremada das sogras, um bello dia voltou-lhe as costas. Desandou-lhe a roda da fortuna e elle foi, pouco a pouco, cahindo numa dolorosa decadencia, que se accentuava á medida que os dias corriam. Mas, nem por andar assim tão por baixo, a sua popularidade decresceu e ninguem houve que por esse motivo deixasse de corresponder aos seus cumprimentos ou se negasse a apertar-lhe a mão. A “roça”, mercê de Deus, tinha disso. Dizem: — não ha amigos na adversidade. Lá, pelo menos naquelle tempo, sempre houve.

O Zelino começou como caixeiro do Manoel Soares (1), cuja loja, abarrotada de mercadorias e bem afreguezada, occupava a casa pegada á sua residência, no largo da Matriz, onde, nos ultimos tempos, o Cassiano (2) foi estabelecido com o mesmo ramo de commercio. Dalli sahiu elle, mais ou menos em 1886, para se estabelecer por conta propria na rua do Coronel Pereira, na mesma casa em que o Geraldo (3) e o Chico (4) tiveram, sob a razão social de Vasconcellos & Aquino, o *Grande Queima*.

Em 1885 exercia o lugar de primeiro suplente do delegado de policia, que era o Joaquim Augusto, tendo, nessa qualidade, assumido a vara algumas vezes. Foi elle que, recebendo conclusos os autos de certo inquerito policial, despachou: — “Enterre-se o defunto e prenda-se o criminoso”. O defunto foi enterrado, mas o criminoso não foi preso, por uma razão muito simples: — a policia nunca soube quem era.

Em 1887 vemol-o accumulando o juizado de paz, naquelle tempo obrigado a fitão verde-amarello, com a primeira supplicia da dele-

(1) Manoel Soares de Castro, de quem tratarei em outro capitulo.

(2) Cassiano Ferraz de Menezes, filho do capitão Camillo F. de Menezes.

(3) Geraldo de Aquino Lemes, commerciante por longos annos, mudou-se muito depois para Poços de Caldas; foi vereador e prefeito.

(4) Francisco de Vasconcellos, commerciante, mudou-se mais tarde para Lorena.

gacia, já então aos cuidados de Custodio Vieira (5). A Republica encontrou-o terceiro juiz de paz em exercicio.

Quando a sorte caprichosa cessou de bafejar-o, o Zelino lá se foi de mudança, para o bairro da Porteira, ficando numa chacara visinha do casebre do Floriano Umbigudo (6), e lá abriu uma escola de instrucção primaria, que, a despeito das letras gordas do mestre, teve animada frequencia e durou alguns annos, sete ou oito.

Por fim, nem mesmo a escola lhe restou. Com a creação das escolas municipaes, pelo Renato Jardim (7) e, a seguir, o provimento das estadaes, teve a escola do Zelino o mesmo destino da do Veado (8), do Daniel (9), da Delica (10) e tantas outras que, como aquella e apezar dos pezares, gosaram tambem do seu periodo aureo.

Sabemos todos que, em outubro de 1886, com a fidaiga presença de suas magestades imperiaes, D. Pedro II e D. Thereza Christina, foi inaugurado o trafego da Estrada de Ferro Mogyana entre Ribeirão Preto e Batataes. Houve por essa occasião delirantes festas: — *te-deum*, visitas ás escolas e aos edificios publicos, banquete, baile, um imperial passeio pela cidade num daquelles primitivos trollys do Tonico Ribeiro (11). O Zé Criatura (12) não se fartou de ajoelhar-se aos augustos pés da imperatriz, onde quer que ella chegasse, implorando da sua imperial magnanimidade, com aquella labia que elle sabia ter, uma esmolinha pelo amor de Deus, supplica a que ella respondia invariavelmente: — “Meu filho, eu já dei dinheiro para *seu* vigario distribuir por todos”. Os pretos, agglomerados na esquina do cap. Antonio Jacintho, á passagem do augusto trolly, descobriram-se reverentes, ajoelharam-se e louvaram a Deus Nosso Senhor, correspondendo D. Pedro com largas barretadas. A senhora do juiz de direito, presidente nata da commissão de senhoras incumbida de fazer as honras a D. Thereza Christina, na casa que fôra do capitão Andrade, — escolhida para hospedagem dos illustres forasteiros —, perguntou á referida e muito soberana senhora: — “Vossa Senhoria não quererá comer um tutusinho de feijão?”, respondendo a imperatriz, maliciosamente sem

(5) Major Custodio José Vieira, commerciante e lavrador, sogro do coronel Gabriel de Andrade Junqueira; foi delegado de policia, juiz de paz, vereador e presidente da Camara Municipal.

(6) Mendigo muito popular naquelle tempo.

(7) Renato Jardim, advogado e professor, hoje morador em São Paulo; foi industrial, jornalista, vereador, prefeito e presidente da Camara Municipal.

(8) Joaquim Firmino Martins, já fallecido, muito popular na localidade, onde era conhecido geralmente pela alcunha de Veado.

(9) Daniel Joaquim de Oliveira, a quem já me referi em outras notas.

(10) D. Adelia da Rocha Pombo, filha do Dr. Simpliciano da Rocha Pombo.

(11) Antonio José Ribeiro Junior, já fallecido, pessoa muito estimada no logar.

(12) Outro mendigo tambem muito popular na localidade. Eram tres irmãos: — Zé Criatura, Joaquim Pessoa e Honorio Beia. Os dois ultimos trabalhavam de vez em quando e mendigavam nas horas vagas.

duvida, que preferia um “chinelinho” para descansar os pés. Por seu turno, a senhora de influente politico da localidade viu-se em palpos de aranha, ao ter de satisfazer a curiosidade da soberana, a respeito de determinado predio do largo da Matriz, pois aquella senhora, apesar do destaque que desfrutava na sociedade local, ignorava até então, de maneira absoluta, o significado da palavra “predio”. No mata-douro, então situado á margem do ribeirão das Araras, no começo da estrada de São José, o imperador achou aquillo muito immundo e, como o Neca do Carmo (13) objectasse que a Municipalidade era pobre, retrucou sua magestade que o asseio não custava dinheiro. Como estamos vendo, as festas attingiram o maximo ou o cumulo. Mas, o meu intuito não é tratar desses festejos, mas do Zelino, razão por que urge fechar este parenthesis.

A quasi totalidade da população não conhecia o trem de ferro. Poucos, muito poucos, se aventuravam a marchar, a cavallo, até Casa Branca e, posteriormente, até Ribeirão Preto, para vel-o. Foi um alvoroço a chegada do primeiro comboio. Por isso mesmo, mal o trafego ficou normalisado, toda gente queria fazer seu passeio a Ribeirão Preto ou mesmo aos Olhos d'Agua, actualmente estação Visconde de Parnahyba, só para ter o gostinho de embarcar. Ha, a esse respeito, casos interessantes, como o da dona Jeronyma (14), que, mal partiu o trem, se poz a gritar desesperadamente á janella do carro: — “Pára, *seu* machinista, pára ahí, que eu quero descer”, e o de conhecida e respeitavel senhora que, ao ver o *bicho*, perdeu o devido respeito ao local em que se encontrava e ás anaguas que vestia e fez, descerimoniosamente, o que as crianças costumam fazer quando têm medo do papão. O Zelino não podia fugir á regra: — fez tambem sua excursão á cidade visinha, a esse tempo nem a quinta parte do que é hoje. O *chic* nessa época era um guarda-pó de palha de seda, mas como o Zelino não dispunha dessa peça, nem estava para fazer um, tomou por emprestimo o do Eduardo Teixeira (15). Ora, o Eduardo tinha o dobro da altura do Zelino, que, mettido em todo aquelle guarda-pó, fazia lembrar, mal comparando, a procissão do fogaréo que antigamente era feita em Batataes, na noite de quinta-feira santa, e na qual a imagem do Bom Jesus da Cana Verde apparecia com a enorme tunica roxa do Senhor dos Passos. Na plataforma da estação, elle andava solenne, de um lado para o outro, contando suas lorótas aos grupos allí formados. Mas, para poder andar á vontade, tinha o Zelino que levantar o guarda-pó, exactamente como uma daquellas damas da côrte de Luiz XV, ao fazer a reverencia do

(13) Coronel Manoel Theodolindo do Carmo, fallecido em S. Paulo em 1924. Lavrador, politico influente, foi vereador, delegado de policia, juiz de paz e curador de orphãos.

(14) D. Jeronyma Silva, conhecida por Jeronyma da Onça, nome de sua fazenda.

(15) Eduardo Augusto Teixeira, de quem tratarei em outro capitulo.

estyllo ao rei-sol. Aconteceu, porem, que, numa daquellas voltas, no calor das potócas impingidas, elle se esqueceu do que segurava, para fazer um gesto largo, e o resultado não se fez esperar: — pisou na ponta do guarda-pó e rolou, sem cerimonia, no leito da estrada. “Fô-cinchou direito nos trilhos”, contava depois uma testemunha ocular da catastrophe.

Em 1895, quando foi pela primeira vez representada, em 30 de junho, a comedia do Eduardo Teixeira — *Casamento por veneno*, o Zelino, que era figura obrigatoria em todos os ensaios e espectaculos da Sociedade Joaquim Augusto, pois era quem acompanhava a filha, dona Maria Alipia (16), bispou em mãos do Aristides (17), que fazia o *creado*, uma garrafinha destinada á scena do envenenamento, e que continha certo liquido, cuja cor não deixou de lhe causar especie. E, não se contendo, perguntou áquelle:

— “Esse veneno é dos bons?...”

O Aristides, moleque como sempre, passou-lhe o frasco:

— “E’ do melhor. Chupe!...”

O Zelino desarrolhou o vidro e, com muita pericia, virou-o de um só trago, mas cuspinhou logo, indignado:

— “Ora cebo, é café!...”

No tempo do Sepulveda (18), de gloriosa memoria, a Sociedade Joaquim Augusto fez uma brilhante excursão á capital do café, afim de levar á scena dois dramas, um do doutor Altino Arantes e outro do Neca do Carmo, — dos quaes já me occupei em notas anteriores, — respectivamente, *Honra de Artista* e *Tristezas a beira mar*. Para lá fomos de embrulho, com todo o pessoal da Sociedade, ao qual adheriram, não sei por que cargas d’agua, alem das senhoras de alguns dos amadores, as quaes naturalmente padeciam de dor de cotovello, mais o Veado, de quem já fiz menção, o Zelino e o filho deste, o Totonio (19). Em Ribeirão Preto espalhamo-nos pelos hotéis *Nacional*, *Brasil* e *Central*, devendo reunir-se o pessoal, á noite, no *Salão Barroso*, uma enorme tulha de café arvorada em theatro, pois naquelle tempo ainda não havia sido construido o Theatro Carlos Gomes (20). Fui dos primeiros a chegar, juntamente com o Evaristinho (21). A’ porta do improvisado theatro, um grupo de pretos commentava o espectaculo prestes a ter inicio. Instantes depois chegavam o casal

(16) Dona Maria Alipia, já fallecida.

(17) Major Aristides Arantes Marques, foi commerciante e delegado de policia; hoje é thesoureiro do Banco do Estado.

(18) Actor Guilherme Sepulveda, já fallecido. Em 1896 assumiu a direcção da Sociedade Joaquim Augusto. Era portuguez.

(19) Antonio José Ferreira, trabalhou no commercio e foi sachristão da Matriz; já fallecido.

(20) O *Salão Barroso* ficava situado na rua Duque de Caxias.

(21) Evaristo de Moraes, meu collega de collegio e companheiro de infancia, filho de Felisbino Custodio de Moraes; desapareceu tragicamente, num desastre no rio Sapucahy-mirim, em 1903.

Sepulveda, a dona Maria Alipia, o Zelino, o Veado e o Totonio. Um dos pretos falou:

— “Esses são da companhia...”

— “Aquelle velho quem será?...” — indagou outro preto, mostrando o Zelino.

O que primeiro falára examinou detidamente o nosso homem e concluiu afinal:

— “Homem, deve ser o que faz papel engraçado.”

O outro, indicando o Veado, que marchava desengonçado, perguntou:

— “E aquelle alto, alli?...”

— “Aquelle, — respondeu o interrogado, depois de novo exame minucioso, — aquelle eu acho que é o homem que puxa as vistas...”

O Evaristinho, que era um garoto incorrigível, gostou extraordinariamente dessa passagem dos pretos e caro custou contel-o, dentro do theatro, para que não mettesse á bulha o homem dos papeis engraçados e o puxa-vistas.

Nesse periodo em que a Sociedade esteve á mercê dos interesses pecuniarios do distincto actor Sepulveda, ha ainda outra passagem do Zelino. Foi na primeira representação dessa mesma peça *Honra de Artista*, que acabo de mencionar, pouco antes de subir o panno para o primeiro acto. No palco, refestelado num commodo sofá destinado á representação, o Zelino tirava socegradamente a sua somneca, com a bocca escancarada e a roncar como um canudo de orgão. Na outra extremidade do sofá, a Dolores Lima (22) curtia uma formidabilissima indigestão, até que, percebendo que não lhe era mais possivel segurar aquillo tudo que lá por dentro revolteava, procurou dar um cunho menos prosaico a doença tão sem elegancia e, assim, simulou um ataque, esperneando e berrando que foi um Deus nos acuda. O Zelino acordou sobresaltado, e não era para' menos, pois os guinchos foram ouvidos até na platéa, intrigando os espectadores. E enquanto a Dolores, conduzida para um dos camarins, deitava carga, não ao mar, mas na sobrecasaca do Aristides, que, com outros, acudira sollicito, o Zelino, muito afflicto, indagava de todos:

— “Será... será que eu ronquei demais?...”

(22) Dolores Lima, actriz portugueza, companheira do actor Sepulveda e artista de grandes recursos; fallecida ha vinte annos, mais ou menos.

Eduardo Teixeira

Natural de Bragança, encantadora cidade das proximidades da Capital, onde nasceu aos 2 de julho de 1850, Eduardo Augusto Teixeira mais ou menos em 1870 transferiu-se definitivamente para Batataes, onde constituiu familia e residiu até o seu passamento, occorrido a 9 de setembro de 1897, com uma pequena interrupção, quando occupou uma escola publica de Espirito Santo de Batataes, hoje Nuporanda, de 1880 a 1884. Em Batataes exerceu o magisterio publico, foi partidador e contador do forum, foi escrivão de paz e da policia e serviu num dos cartorios do civil.

De indole calma e espirito pacificador, foi sempre avesso ás pendencias. Deve estar ainda na memoria de muitos um encontro de desastrôsas consequencias entre a banda de musica do Garcia (1) e a do Mestre Leonardo (2), num domingo, depois da missa, na rua do Commercio, em frente á casa do seu Baptista, pessoa por mim referida na chronica inicial. Vinha de longa data a rivalidade entre as duas philarmonicas. Catla qual queria ser a mais popular, a mais afinada, a mais luzida. O Mestre Leonardo fôra professor de musica de quasi toda aquella rapaziada, é verdade. Mas o Garcia era um musico de fama, razão por que sua banda levava vantagem grande sobre a outra, que aguardava apenas uma opportunidade para o ajuste de contas. A banda do Garcia era dirigida pelo Antonio Benedicto (3), e regida por aquelle artista eximio, della fazendo parte o Cozêca (4), o Adolpho Arantes (5), o padre Messias, que ainda não envergada batina (6), o Martins (7), o Tónico Porto (8), o João

(1) José Garcia Ferreira Junior, regente e compositor, já fallecido; morava então na rua Direita.

(2) Leonardo Mauricio de Carvalho, já mencionado em outras notas.

(3) Capitão Antonio Benedicto dos Santos Silva, batataense muito estimado de todos, fallecido em 1894; foi collecter, funcionario municipal e tabellião. Era tio do fallecido desembargador Almeida e Silva.

(4) José Bernardino do Carmo, irmão do coronel Manoel Theodolindo do Carmo, fallecido em circumstancias tragicas.

(5) Adolpho Arantes Marques, commerciante, hoje residente na Capital.

(6) Conego Messias de Mello Tavares, fallecido nesta Capital, foi vigario de Nuporanga por largo espaço de tempo.

(7) Antonio Martins, rapaz muito bemquisto, já fallecido.

(8) Antonio da Silva Porto, que occupará capitulo a seguir.

Teixeira (9), o Tutula (10), o Trovoada (11), o Eduardo Teixeira e outros, cujos nomes me escapam. A do velho Leonardo compunha-se quasi que exclusivamente dos membros da sua numerosa familia, em cujo seio o Antão (1) bebeu os primeiros rudimentos de musica. Nesse domingo, depois de haver tocado na Matriz, durante a missa, a banda do Garcia descia a rua do Commercio, desenfardelando um dobrado com enthusiasmo, que era a delicia do Trovoada, pois havia sólo de bombardino, que era o instrumento d'elle, e para o qual o Janguinho (13) arranjára uns versos á moda d'elle:

*Ora viva, seu Jaó,
Sua casaca já tem nó?*

A banda do Mestre Leonardo subia a mesma rua, em direcção ao largo. O choque foi terrivel. Instrumentos voaram, bofetadas estalaram, murros choveram, soccos, pontapés, cabeçadas. Uma verdadeira péga de cara. De um lado, o Tónico Porto, o João Teixeira, o Antonio Martins e outros mais exaltados; da outra banda, os filhos do Mestre Leonardo. Este, vendo a coisa mal parada e havendo perdido os oculos, tratou de pular a janella da casa da velha Rita Nogueira (14), mas o Leonardinho (15), cégo de raiva, arrumou-lhe nas costas magras o clarinette, com toda a força possivel. O velho gemeu de dor e censurou:

— “Que é isso, meu filho?!...”

O Leonardinho só então reparou no que fizera e cahiu em si, implorando:

— “Perdôa, meu pae!”

E mettu-se de novo na dansa. Ao estalar da refrega, o Eduardo Teixeira, com toda a sua calma e toda a sua prudencia, acompanhado do Trovoada, do Cozéca e de uns poucos mais, como elle tambem prudentes, empoleirou-se muito soccagadamente na escadaria da pharmacia do *seu Baptista*, para ver os touros de palanque. E o barulho só teve fim com a intervenção de meu pae (16), do Quincas Selleiro (17) e outras pessoas.

(9) Coronel João Augusto Teixeira, já referido em outras notas.

(10) Arthur Arantes Marques, foi lavrador, commerciante, sub-delegado de policia.

(11) Antonio Joaquim da Silva Trovoada, referido em outras notas.

(12) Major Joaquim Antão Fernandes, regente da banda da Força Publica; em outros tempos usava tambem o sobrenome Leão.

(13) João Pedro da Silva, já fallecido.

(14) Rita Nogueira, fallecida ha muitos annos, casada com Antonio José Nogueira, e mãe de Anthero Nogueira Braga e Antonio Julio Nogueira, tambem já fallecidos.

(15) Leonardo de Carvalho Junior, filho do Mestre Leonardo, já fallecido.

(16) Augusto José Fernandes, já referido em outra nota.

(17) Joaquim Custodio de Moraes Sandoval, homem bemquisto na localidade, natural de Belem do Desvalvado, já fallecido.

Muito amigo do theatro, Eduardo Teixeira, que já em Bragança tomára parte em representações de amadores, pertencia á Sociedade Joaquim Augusto, até o momento em que uma surdez completa o privou de participar dos espectaculos. Nesse periodo escreveu varias peças, originaes todas, dramas e comedias, — *A ambiciosa*, *A vingança do desconhecido*, *Casamento por veneno*, *O mundo por um triz*, etc. — muitas das quaes alcançaram estrondoso successo.

Seu genero predilecto era o *centro*, o *pae nobre*. Num drama intitulado *O Emigrado*, fazendo elle o velho *Jeronymo* e conversando com o Adolpho Arantes, que era o *filho*, ao referir-se á sua gravidade, disse:

— “Meu filho, a minha gravidez...”

Por occasião de um spectaculo, uma das partidas mensaes da Sociedade, elle ficou encarregado pelo Joaquim Augusto de preparar o palco e, no momento de armar os scenarios, mandou que o irmão, o João Teixeira, subisse aos urdimentos para acertar as bambolinas, enquanto elle, em baixo, ficaria segurando as cordas. O João Teixeira marinhou até as bambolinas e lá do alto reparou que um alçapão, atraz do Eduardo, estava aberto e, por perversidade, recommendou-lhe, assim como quem queria ajustar as peças do scenario:

— “Mais para traz... um pouco mais... mais ainda...”

E o Eduardo, attendendo, afastou-se... afastou-se... e foi, bem contra a vontade, parar no porão. Dessa feita elle perdeu a calma e quiz sovar o irmão, que sendo mais moço quasi dez annos, de tal modo lhe faltava com o devido respeito, obrigando o João Teixeira a se manter de cócoras, no meio das traves, por espaço de uma hora, até que “serenassem os animos”.

Outra vez que o vi fóra do sério, foi por causa do filho, do Edmundo (18), que tinha assistido aos trabalhos de um prestigeador de cabelleira allemã e se enthusiasmára pela ligeireza do typo. Pilhando o pae distrahido, á janella, levou um caroço de manga escondido e, chegando de manso recommendou:

— “Repara nesta magica...”

E rapidamente metteu a mão na góla do paletot do pae, simulando de lá tirar o caroço. O Eduardo ficou indignado:

— “*Seu* atrevido!...”

E munindo-se de uma grossa bengala que lhe déra o Chico Durso (19), sahiu atraz do Edmundo, que abriu o chambre, largo a fóra.

Era tambem muito amigo de charadas e enigmas. Foi com elle que aprendi resolver taes problemas. Tinha, de quando em quando, suas pilherias, formulando quebra-cabeças deste jaez: — “Era, não

(18) Edmundo Teixeira, foi funcionario da Companhia Mogyana, serventuario do fóro, agente do correio; hoje é alto funcionario da Light & Power.

(19) Francisco Durso, negociante italiano, muito popular no logar; morava no caminho da Porteira, onde hoje é a esquina da rua Coronel Pereira com a praça Barão do Rio Branco, atraz do actual edificio do forum.

era, andava lavrando, nasceu sem péle e morreu cantando”. E dava o conceito: — “Não tem alma nem espirito, quando nasce dá um grito.”

O saudoso professor era muito dado a “assombrações”. Talvez fosse, segundo o espiritismo, um vidente. Contava elle que, viajando de Nuporanga para Batataes, cerca do meio dia, ao passar pelo capão do Descanso, viu á distancia, sentada á beira do caminho, uma mulher em trajas de cavalleira, com a cabeça inclinada e a brincar distrahidamente com um chicotinho. Por perto não havia cavallo, burro, nada... Os cabellos começaram a eriçar. Passou por ella... e ella na mesma posição. Tossiu, pigarreou... e nada. Nem mesmo o tropel do cavallo que elle montava fel-a erguer a cabeça. Alguns metros adiante, olhou para traz: — lá estava a mulher na mesma posição. Então não esteve pelos autos: — soltou as redeas ao animal e partiu num galope louco até ás portas da cidade.

Uma noite, não podendo conciliar o somno, pensava na vida, quando, já pela madrugada, sentiu que abriam a porta do quarto. Reparou e viu entrar o doutor Carvalho (20), um typo exquisitão, cujo espirito, como mais para diante contarei, quasi matou de susto o Caetano Machado. O doutor Carvalho atravessou o aposento, sentou-se á beira do leito, silenciosamente, apertou-lhe a mão, mas com tal força que sentiu os dedos magoados; depois ergueu-se vagarosamente e retirou-se, desaparecendo na escuridão. O Eduardo saltou da cama, acordou a mulher e contou:

— “O Carvalho morreu!”

— “Como?!...”

— “Sim, elle acaba de entrar aqui, agora mesmo, e me apertou a mão.”

— “Você sonhou.”

E, voltando-se para o canto, continuou o somno interrompido. Mas, dois dias depois chegava a noticia da morte do extranho visitante, mais ou menos á hora da aparição.

A’ mulher, a dona Victorina (21), não assustavam essas aparições, fossem ellas diurnas como nocturnas. Mudando-se o Eduardo para a casa do largo da Matriz, pegada á do cap. Antonio Ferreira da Rosa, onde fôra, uns quinze dias antes, assassinado, por questões intimas, o Cozêca (22), uma noite, havendo o marido ido a’ uma festa, deixando-a sosinha com as crianças e a creada, contava ella que, estando a resar sentiu que levantavam a’ cama em que se accomodára.

(20) Dr. Antonio Marcelino de Carvalho, residiu durante annos em Batataes; foi casado com d. Carolina de Carvalho, fallecida em 1888, e era pae do coronel Antonio Marcelino de Carvalho, fallecido em S. Paulo, e irmão de d. Narcisa de Carvalho, assassinada em São Paulo, á rua da Conceição.

(21) D. Victorina Teixeira, filha do sr. Antonio Alves Moreira, lavrador, dono da fazenda “São Pedro”, e neta do fundador da cidade, Germano Moreira; fallecida em dezembro de 1938.

(22) José Bernardino do Carmo, já referido em outra nota.

Saltou rapida, examinou todos os recantos do quarto, revistou depois os demais aposentos e chegou a esta conclusão:

— “Gente não é. Deve ser a alma da comadre Victoria (23).
Vá com Deus!...”

E voltou para o leito.

Homem de intelligencia esclarecida, professor diplomado, tendo tido por companheiro de turma o velho educador Olympio Catão, Eduardo Teixeira collaborou em diversos jornaes de São Paulo, Campinas, Franca e Batataes, sob varios pseudonymos. Tenho commigo um accrostico feito por elle para uma das cunhadas de seu irmão João Teixeira, dona Marianna (24), então mocinha:

*Mimosa bonita, no prado colhida,
Altiva levanta teu rosto infantil, etc.*

No momento lembro-me ainda de uns versos formosos por occasião da visita pastoral do então bispo de São Paulo, d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcante, em março de 1896. Nos ultimos annos de sua existencia dedicou-se á defesa das doutrinas de Allan-Kardec, que abraçara, e do methodo de curar pela agua fria do padre Kneippe, cujos conselhos seguia.

No “Correio de Campinas”, por exemplo, publicou umas quadras interessantissimas, a respeito da politica local, com o pseudonymo de “Job”; essas quadras fizeram enorme successo e o mais interessante é que foram attribuidas ao Leopoldo Rangel (25). Entre seus epigrammas, tenho de memoria um, a conhecida senhora da localidade, para quem a velhice tornava-se uma tortura:

*Tanta renda, tanta seda,
“Reboques e “branquimentos”...
Olha atraz, vê os janeiros
Que te fazem cumprimentos!...*

Eduardo Teixeira foi um exemplo vivo de amor ao trabalho. A doença, a terrivel surdez que o atacou, obrigou-o a deixar o cartorio de paz, mas não lhe entibiou o animo. Passou a prestar serviços no cartorio do 2.º officio, então a cargo de meu pae, seu cunhado, sobrando-lhe ainda tempo para receber trabalhos do cartorio do 1.º officio e para escrever artigos e comedias. Nas vespuras de sua morte

(23) D. Victoria Martins da Costa, tambem assassinada no mesmo pre-
dio, em 1887.

(24) D. Marianna do Prado Silva, casada com o finado Evaristo Silva,
commerciante e lavrador; foi professora municipal em Morro Agudo.

(25) Leopoldo Rangel, advogado provisionado, residiu por largo tempo em
Batataes, transferindo-se depois para Jaboticabal, onde falleceu; era pae do ad-
vogado Norberto Rangel, residente em Bebedouro.

recebeu de Bento Arruda (26) o pagamento de um trabalho que fizera dias antes. Este facto define o homem. Todavia morreu pobre. Mas a melhor herança que um homem pode legar aos filhos é uma existencia santificada pelo trabalho honesto, um nome impolluto e digno. E essa herança elle soube deixar aos seus.

(26) Capitão Bento Arruda, foi 1.º tabellião em Batataes e depois em Pitangueira, falleceu recentemente na Capital.

Padre Mansueto

O padre Mansueto Ferrari não era, propriamente, de Batataes: — era do Chapéo, que durante muitos annos pertenceu áquelle municipio, arraial perdido, naquelle tempo, em meio do sertão, á margem do ribeirão do Agudo, infestado por bandoleiros temiveis, gente da peor marca, e que é hoje a prospera cidade de Morro Agudo. Para alli foi o padre Mansueto em mil oitocentos e sessenta e poucos e alli morou trinta e muitos annos. Era estimadissimo em Batataes, onde estava constantemente e só deixou de ir depois que falleceu o padre Joaquim, a quem devotava uma grande estima. Em Batataes morava um sobrinho, o Nicolau (1), que elle não conseguiu arrastar para o villarejo distante, podendo apenas levar o outro sobrinho, o Mansuetinho (2), irmão do Nicolau e que alli chegou a ser tudo quanto quiz, — subdelegado de policia, juiz de paz, negociante, lavrador, etc., chegando mesmo, por perseguição politica, a inaugurar o edificio que acabava de ser construido para posto policial.

A figurinha gorducha do padre Mansueto, o seu rosto redondo, os labios abertos num riso affavel, a sua calva luzidia, os seus gestos compassados, a sua attitudo cheia de singeleza, — tudo nelle irradiava sympathia e attrahia toda gente. No Chapéo era o faz e sabe tudo: — era conciliador, era medico, era arbitro, era advogado. Não tinha parada, chamado constantemente ora para acudir um moribundo com os soccorros de sua medicina, quando não para deitar agua fria no calor de dois rixosos ou para apaziguar um casal desavindo. E o bom do padre ia, muito geitoso, muito carinhoso, e arranjava tudo. Por isso isso mesmo aquelles façanhudos que por lá andavam, ao terem de ajustar contas com alguem, fugiam de se encontrar com o padre, não fosse elle adivinhar-lhes a intenção e desviar-os do caminho que para elles era o bom.

Como medico, applicava ventosas e bichas, sarjava com pericia, dava sangrias, queimava carbunculos, receitava chás e purgas, dosava

(1) Nicolau Ferrari, foi negociante em Batataes durante muitos annos, no largo da Matriz.

(2) Mansueto Ferrari Sobrinho, muito conhecido em Batataes, mas residiu sempre no Chapéo (depois São José do Morro Agudo e hoje simplesmente Morro Agudo).

homeopathia, encanava braços e pernas fracturados, rasgava panaricios e unheiros, dava volta aos cobreiros e liquidava qualquer febre por mais renitente que fosse, e tudo isso inteiramente de graça. Vivia por isso ás turras com o Montandon (3), curandeiro famoso que se intitulava medico, mas que pouca vantagem lhe levou, porque o padre Mansueto tinha por elle um passado de curador habil e caritativo que o acreditava perante as massas. Era desse Montandon a seguinte fórmula, que elle prescrevia para o tétano:

*“Oleo de ricino 2 onças
Flor de enxofre 2 oitavas
Tomar de uma só vez.*

Depois fazer um cosimento de fumo e despejar quente, tanto quanto o doente puder supportar, desde a cacunda, pela espinha dorsal abaixo. Pulverisar a ferida com camphora ou pimenta moída ou qualquer outra coisa que queime e chame a supuração.”

Mas o Montandon, a despeito de tudo isso, teve afinal que se transportar com armas e bagagens para o Fructal, no Triangulo Mineiro, só atravessando de novo o rio Grande quando soube da proeza do seu coroadado rival, em cuja cóla cahiu. E’ que o padre quiz passar de clinico a cirurgião e entendeu de amputar uma perna de um de seus clientes. Mas fel-o a’ serrote, desabusadamente, com a pericia de um carpinteiro, o que não impediu que o doente batesse as botas. O padre viu-se tonto com a perseguição do Montandon, mas nada lhe aconteceu de ruim. Quem seria capaz de fazer mal ao padre Mansueto?...

Tinha um fraco o padre: — era comilão. Não era apenas um bom garfo, era um talher completo. A’ mesa, principalmente quando via á sua frente uma macarronada, porque o padre Mansueto era italiano, ficava infallivelmente muito distraído e justamente no momento em que o serviam. Só dava accordo de si depois que o prato que lhe era destinado nada mais comportava, e então censurava:

— “Má... ché... é demais... io num cumo tuto isso...”

Era demais, era, mas devorava tudo em breves garfadas, e pedia bis.

Enviaram-lhe de uma fazenda uma bruáca de jaboticabas, frutas para uma familia inteira, mas que elle chupou, com todos os caróços, de uma só assentada. Dessa vez, porem, o trunfo ia sahindo ás avesas: — medico que era, apercebeu-se do signal de afflicção, ao azeite doce e ao talo de couve. Isso, entretanto, não o corrigiu e se mais jaboticabas chegassem elle as chuparia com a mesma disposição e os

(3) Januario Montandon, curandeiro muito conhecido em Batataes, Chapéu, Espirito Santo, Sant’Anna dos Olhos d’Agua e adjacencias, de 1880 a 1890.

mesmos caróços. Por isso mesmo, dizia elle, tinha no quintal uma horta de couve e no armario um garrafão de azeite.

Ganhou tambem uma valente “caixeta” de marmelada saborossissima, doce de sua especial predilecção. Deixou-a no guarda-louças e todos os dias, tres ou quatro vezes, ia por uma fatia. Porém, uma preta, escrava da casa, tambem gostava de marmelada e, para que seu senhor não dêsse pelo furto, retirava toda a tampa da caixa de madeira e, do outro lado, entrava no doce do padre. Um dia, com enorme espanto deste, os dois se encontraram. O padre Mansueto deu-se ao desespero, mas não passou disso.

Como parochó era exacto no cumprimento de seus deveres. A sua igreja era um brinco, muito limpa, bem arranjadinha. Um anno cahiu em domingo certo dia santificado de guarda e elle, no domingo antecedente, trepado no pulpito, á estação da missa, annunciou:

— “Dumingo qui vé é dia santo di guarda!...”

Zelando por seu rebanho, obtêve que lhe mandassem um bom missionario, para prégár ao seu povo o modo de bem viver e de viver bem com Deus. E o missionario appareceu, em 1881, iracundo, carancudo, terrível e praguejante, como quem tem o incontrastavel poder de mandar o mundo todo para os quintos dos infernos, tanto que exigia com arrogancia que os homens se desbarretassem á sua passagem e as mulheres lhe beijassem o santo cordão. Como o João Teixeira (4), que morava então naquellas brenhas, não se descobrisse diante d'elle, indagou, com ar de reprehensão:

— “Não sabe o senhor que todos devem descobrir-se quando passa um missionario de Jesus?...”

E o João Teixeira, que nunca deixou ninguem sem resposta, retrucou no mesmo tom:

— “Não sabe o reverendo que o caminho da igreja é por alli?...”

O frade viu que havia tomado caminho errado e raspou-se. Para esse frade arengar ao povo, carregaram o pulpito para a frente da igreja, cujo recinto era acanhado. Alli empoleirado, o missionario falava duas vezes por dia, pela manhã e á noite. Terminada a função nocturna, ia sua reverendissima com o padre Mansueto visitar as ovelhas principaes do redil chapelense, as quaes timbravam em tratá-lo nas palminhas. Uma noite, um tanto tarde, voltavam os dois, o padre Mansueto e o frade, da casa de dona Rita (5), no fim da rua principal, empanturrados do que havia de melhor, trocando, um tanto alegremente, suas impressões e formulando projectos para o dia seguinte, quando, ao defrontarem a igreja, um vulto esguio e branco se ergueu de chofre no pulpito collocado á porta do templo, e soltou um grito estridente. Os dois reverendos deixaram escapar

(4) Coronel João Augusto Teixeira, já citado em outras notas.

(5) D. Rita Aurora do Prado, já fallecida, da familia Garcia, do Estado de Matto Grosso, sogra do coronel João Teixeira.

outro grito mais alto ainda e desabalaram num galope de cavallo de corrida, indo esbarrar, mais mortos que vivos, na botica do Nelico (6). E pondo a alma pela bocca, contaram da apparição diabolica que os assombrára de maneira tão insolita, pedindo encarecidamente ao pharmaceutico que fosse á cata do Canuto subdelegado (7) para prender o phantasma. O Nelico foi, armado por via das duvidas, averiguar o caso e voltou ás gargalhadas. A assombração era a Ludovina (8), que, á falta de melhor aposento, se aninhára no pulpito, para alli passar a noite, e acordára com a tagarelice dos dois.

— “Jesú, qui num ganhé pro susto”, — dizia, já mais calmo, o padre Mansueto.

Quando falleceu em Batataes, em 1898, o padre Joaquim e a triste nova chegou ao Chapéo, o padre Mansueto ficou sucumbido. Celebrou solemne missa pelo repouso eterno do seu grande e bonissimo amigo e mandou dobrar o sino de momento a momento. Mas os dobres foram tantos que o padre Mansueto acabou quebrando o sino...

Em Batataes, sempre que era preciso, elle ajudava o padre Joaquim nas festividades religiosas, resando e cantando como lhe facultavam a sua meia lingua e o seu latim arrevezado. *Domissum rum-bisco*, — cantava. Por isso mesmo davam-lhe a cantar coisa de pouca responsabilidade. Aconteceu, porem, que um anno teve de entoar o evangelho em certa missa cantada, de grande apparatus e maior concorrencia. E elle, coitado, fazendo das fraquezas forças, espremeu:

— “Siqúenza sant’ivangélio secund’ó Juó...”

E foi por alli alem, até que a certo ponto toda gente, inclusive os outros padres, entendeu perfeitamente:

— “A mulher quer capar o homem co’o canivete...”

Foram risos abafados, fungados, contidos a custo. E acabada a missa, na propria sachristia, começou a surriada.

— “Má, io num disse”, — protestava, com lágrimas nos olhos, o santo velho.

O que é facto é que todos assim haviam entendido e não deixaram o padre Mansueto socegado. Só o padre Joaquim, na sua austeridade, não se envolveu na brincadeira, antes censurava acremente os que tratavam de maneira tão irreverente o vigario do Chapéo.

Dias depois já ninguém se lembrava mais do incidente, mas o padre Mansueto jurou, a pés juntos, que nunca mais cantaria, fosse o que fosse, em Batataes, onde, é verdade, não deixou por isso de ir, de vez em quando, em visita aos amigos, que eram numerosos. Mas cumpriu o juramento: — nunca mais cantou em Batataes.

(6) Manoel A. de Souza, já fallecido, pharmaceutico, juiz de paz e chefe politico na localidade.

(7) Antonio Canuto de Azevedo, pae do saudoso jornalista e literato dr. Alberto Azevedo, fallecido em Franca, e sogro do coronel Ovidio Tristão de Lima.

(8) Era uma pobre desequilibrada, muito popular em Batataes, Espirito Santo e Chapéo, onde morreu em 1890, mais ou menos.

Tio Quita

Tio Quita!...

A principio assignava Joaquim Garcia de Oliveira Junior, supprimindo mais tarde o Junior. Mas toda gente o conhecia pelo Tio Quita. E Quita ficou. Foi rapaz bonito, um dos mais disputados do seu tempo, alto, bem alto mesmo, magro, excellente *causer*. Natural de Campestre (Minas), nas visinhanças de Caldas. Passou, porem, quasi toda a sua existencia em Batataes. Foi collecter das rendas provinciaes e geraes, parecendo-me ter sido esse o unico cargo publico que desempenhou. Dedicou-se á lavoura e acabou capitalista, dos mais abonados. Nunca foi politico militante, embora acompanhasse sempre a familia, que, desde os tempos da monarchia, se destacou no campo da politica, salientado-se, como chefes de incontestavel prestigio, seu irmão Eduardo (1), seus cunhados Chico de Arantes e Néca do Carmo (2) e posteriormente seu sobrinho, doutor Altino (3).

Teve sempre um pavor indizivel da morte. Por isso mesmo soffria de todas as molestias. Até febre amarella chegou a ter. Bastava que a noticia lhe chegasse de que alguem estava de cama, atacado disto ou daquillo, para que elle sentisse todos os symptomas e appellasse para o medico, quando não ia para a cama, a caldo de gallinha e tisanas. A mulher, a dona Maricota (4), aturava essas impertinencias todas com evangelica paciencia. Só uma occasião, estando de sahida para a igreja, não esteve com meias medidas e prescreveu-lhe "chá de lá se avenha"... Porque o tio Quita nunca teve nada, a não ser a scisma, o medo que lhe infundiam os sete palmos do cemiterio. Viveu, e bem vividos, setenta e muitos annos. Mas fazia lembrar, nesse medo que o punha de canto chorado, aquelle Argão de *Le Malade Imaginaire*, de Molière. Contavam que, uma vez, sabedor de que a esposa de um amigo estava nas ultimas, victima

(1) Coronel Eduardo Garcia de Oliveira, fallecido em São Paulo, em 1936; foi collecter provincial, promotor de residuos, agrimensor, commerciante, vereador, presidente da Camara Municipal, prefeito, deputado estadual, director da Caixa Economica Estadual.

(2) Coroneis Francisco Arantes Marques e Manoel Theodolindo do Carmo, já citados em notas anteriores.

(3) Dr. Altino Arantes Marques, tambem já mencionado em outras notas.

(4) D. Maria Virgilina Lopes de Oliveira, distincta senhora, filha do sr. Antonio Moreira e neta de Germano Moreira, fundador da cidade.

de uma infecção puerperal, voou para a casa, suando frio, tremulo, com dores de cabeça, bradando aos seus que o acudissem e fossem pelo medico. E atirando-se na cama, poz-se a gemer.

— “E’ a doença da dona P... O Raymundo (5) disse que é grave. Ai!... Isto é febre puerperal com certeza!...”

‘Talvez seja’ isso pilheria. Mas, d’outra feita, estando elle de cama, numa de suas costumadas crises, atacado de não sei que imaginaria molestia, procuravam todos dissipar-lhe os receios de morte proxima, animando-o, fazendo sentir que “aquillo não era nada”. Chega, porem, do sitio, o Hypolito (6), que não estava ao par do caso e, parente que era da familia, foi entrando sem muita formalidade, indo parar no quarto, onde tio Quita, abafado entre cobertores, curtia os seus males.

— “Que é isto, rapaz?!...”

— “Ai, Hypolito, ai!... Estou morto!... Estou soffrendo o diabo!...”

O visitante, que não se apercebera dos signaes que lhe faziam, prorompeu em lamentações, que aggravaram a situação e fizeram o “doente” desmaiar.

— “Coitado de você!... E como elle está abatido, meu Deus!... Faça uma promessa a Nossa Senhora Aparecida!... Coitado!...”

Ouvindo, na minha meninice, meu tio Eduardo Teixeira contar que, em Bragança, distribuiram, uma ocasião, uns boletins anonymos. mettendo á bulha, em versos d’agua doce, alguns figurões da terra e que, salvo engano da memoria, terminavam assim:

*O Don Braulio de bastão,
O Luiz Alves de rabeca
E o Payão de rabecão*

gostei extraordinariamente desse final e desses versos, que me pareceram maravilhosos, e resolvi fazer coisa semelhante. E juntamente com meus primos Romeu (7) e José Loyola (8), arranjei uns versos á minha moda, visando companheiros de travessuras:

*Odorico fardadinho,
Nenesinho guarda-cívico,
O Romeu de cartolinha
E o José de machadinho.*

Esses versos, se tal nome pudessem ter, copiados por nós tres durante o dia, foram espalhados pela criançada e fizeram extraordi-

(5) Dr. Raymundo Justiniano de Oliveira, medico pernambucano, residiu largos annos em Batataes, onde foi lavrador, vereador, juiz de paz e presidente da Camara Municipal; falleceu em 1919.

(6) Hypolito Moreira, lavrador, residente no bairro de São Pedro.

(7) Dr. Romeu Teixeira, medico, residente em São Paulo.

(8) José Augusto de Loyola, contador, residente em São Paulo.

nario successo. Isso nos encheu de entusiasmo e o entusiasmo nos deu coragem para dilatar o nosso programma. Novos “versos” foram feitos e copiados em maior numero e á noite os avulsos eram distribuidos, não mais entre as crianças, mas mettidos por baixo das portas da visinhança. Esses novos “versos” já não visavam outros garotos. Era com a gente grande, com os homens alli por perto: — o Caetano Machado (9), o Paiva (10), o tio Quita. E os “versos” diziam, entre outras tolices:

*O Paiva é monarchista,
O Quita também é,
Por isso c.... na cama.*

.....

E' facil de calcular o abalo tremendo que isso acarretou ao tio Quita. Justamente nessa época florescia o florianismo, com todos os jacobinos e aquella perseguição tenaz aos monarchistas. Eduardo Prado atravessara aquellas paragens, rumo ao sertão. Os adeptos do chamado marechal de ferro andavam atraz dos monarchistas como quem procurava agulha. Tio Quita tremeu. Aquillo era obra dos agentes do dictador, empenhados em compromettel-o. Pallido, tremulo, gaguejante, atravessou a rua e entrou na pharmacia do Caetano Machado e, cahindo quasi desfallecido numa cadeira, mostrou-lhe o papelucho:

— “Veja, Caetano... veja o que achei em baixo da porta...”

O Fernando (11) mostrou-lhe outro equal. Nisto entra o Gabriel Theodoro (12) com outro, que encontrára em sua casa.

— “Estão vendo?!... Isto é coisa desses anarchistas!...”

Custou ao Fernando, que estava ao par da autoria do boletim, convencer tio Quita de que se tratava de uma peraltice. O caso provocou ao Caetano Machado aquellas risadas gostosas que elle sabia dar. Também a reprimenda que ouvi de meu pae tirou-me o entusiasmo para futuras proezas.

Quando rapaz, tio Quita era figura obrigatoria em todas as festas e serões familiares. No *jogo de prendas* era irremissivelmente *condemnado* a fazer o “Manoel da Hora”, uma das muitas brincadeiras de salão em voga naquelles bons tempos, porque ninguem melhor do que elle sabia dar o pulinho exigido, diante de cada um dos assistentes, ao mesmo tempo que perguntava:

(9) Caetano Leite Machado, de quem tratarei em outra parte.

(10) Capitão Manoel de Paiva Leite, prestante cidadão, já fallecido; foi lavrador, juiz de paz, vereador, presidente da Camara Municipal, delegado de policia.

(11) Fernando Leite Machado, já fallecido, filho de Caetano Leite Machado; foi pharmaceutico, juiz de paz, membro do conselho consultivo.

(12) Gabriel Theodoro Lima, lavrador, industrial e capitalista; falleceu em Campinas.

— “Viste, seu Manoel da Horta, o pulinho que eu dei agora?...”

Destacou-se tambem, em sua mocidade, na sociedade dramatica local, dirigida pelo Joaquim Augusto, e, amator consciencioso, representava com galhardia os papeis que lhe eram distribuidos. Brilhou no *Captivo de Fez*. Fez successo n’*O homem da mascara negra*. Colheu fartos applausos na *Pobre das ruinas*. No *Affonso III*, drama pavoroso de capa e espada, coube-lhe o Fernando, o pagem da rainha e por ella apaixonado até o delirio. No segundo acto (a peça era em seis) havia uma scena pathetica. O pagem enamorado, só, á bocca da scena, sacava de u’a miniatura da soberana amada e declamava em estylo Monte Alverne:

— “Oh, tú, a mais bella, a mais pura, a mais nobre de todas as mulheres!...”

Nesse tempo andava tio Quita de namoro fechado com a filha mais velha de um distincto titular de cidade visinha. E naquella scena, ao invez de puxar a miniatura, tirou do bolso do gibão um retrato da namorada, deslebrado de que ao tempo de Affonso III, quinto rei de Portugal, em 1250, ainda a photographia não era conhecida, e começou o sermão de lagrimas:

— “Oh, tú, a mais bella, a mais pura...”

Meu pae, que fazia o Don Mendo, o *mau* da peça, chegava pé ante pé, surprehendia o soliloquio do pagem e, vendo a miniatura, exclamava:

— “A rainha!...”

Vendo, porem, a photographia que tio Quita com tanto enlevo contemplava, exclamou:

— “A filha do barão!...”

Tio Quita voltou-se rapido, escondendo o retrato:

— “Quem foi que disse?...”

E a platéa tão embebida estava que nem deu pela coisa...

Caetano Machado

Nasceu Caetano Leite Machado em Mogy das Cruzes, essa encantadora cidade aqui ás portas da Capital, de ameno clima e população laboriosa, aos 11 de dezembro de 1845. Muito moço ainda, mal se viu habilitado para o exercicio do magisterio publico, abandonou parentes, conterraneos e bens e abalou para as longes terras de Bataes, naquelle tempo, — mil oitocentos e sessenta e poucos, — simples villarejo perdido á beira da estrada real de Goyaz. A caminhada era penosa, toda ella feita no “lombo do burro”, em “bangoê”, ou em carro de bois, um mez a fio. Passava-se por Atibaia, Campinas, Mogy Mirim, Casa Branca, Cajurú. O ultimo “pouso” desse longo percurso era o da Araraquara, para as bandas dos Fradinhos, “pouso” esse que mereceu as honras de uma citação de Saint-Hytaire, na quarta parte da sua “Voyage dans l’interieur du Brèsil”. Pois *seu* Caetano fez todo esse estirão num burrinho trotador, seguido de um outro burrico, não menos trotão, conduzindo as duas canastrinhas do estylo.

Em 1870 vamos já encontrar sua escola com uma frequencia media de 22 alumnos, adiantadissimos, numa matricula de 24. Em 1884 vemol-o inspector escolar, presidindo, a 4 de dezembro, os exames das escolas da cidade, tendo como examinadores Néca do Carmo (1) e Eduardo Garcia (2). Em 1885 deixava a instrucção publica, trocando-a pela agencia postal, então de um expediente muito suave, com recebimento e expedição de malas apenas de tres em tres dias, pois só em outubro de 1886 a Mogyana lá chegou com os seus trilhos e a correspondencia diaria. Foi tambem guarda-livros do *seu* Baptista (3), em cuja pharmacia aprendeu a manipular. E dois annos mais tarde, em 1887, estava á testa de sua pharmacia, a “Pharmacia do Caetano”.

Dizem que *seu* Caetano foi, no seu tempo, um bello rapaz. Muito amigo de tocar violão e de cantar modinhas, era-lhe attribuida, pelas más linguas, a paternidade de uma “serenata”, em casa de um tal

(1) Coronel Manoel Theodolindo do Carmo, já referido em outras notas.

(2) Coronel Eduardo Garcia de Oliveira, tambem já referido em outras notas.

(3) João Baptista Freire, igualmente referido em outras notas.

Guariba (não confundir com o saudoso Antonio Guariba) (4), e que assim principiava:

*O céu de minha terra
E' vermelho cor de anil...*

Homem ilustrado, manejando facilmente o portuguez, o latim e o francez, era tambem muito dado ao estudo do espiritismo e se pella-va por uma sessão. Não me esqueci ainda de uma sessão nocturna que, ha uns quarenta annos, quiz elle levar a effeito em sua residencia e á qual, eu e outras crianças, fomos admittidos. Ao todo, umas quinze pessoas, mulheres em sua quasi unanimidade. O unico extranho á familia era o velho Chico de Arantes (5), um dos mais influídos. O scenario, adrede preparado, num vasto commodo que havia nos fundos da casa, ao lado da cosinho, convidava á concentração. Todavia, foi disso que ninguem cogitou. Por unica iluminação uma vela de stearina. Uma pretinha gaga, analphabeta, chamada Jeronyma, empregada do Aristides (6), foi arvorada em medium. Deram-lhe um lapis, uma folha de papel e collocaram-na junto de u'a mesinha, onde a vela ardia. Os circumstantes fecharam a roda. *Seu* Caetano, que seria o evocador do espirito, recommendou, muito cauteloso:

— “Andemos com isto antes que o Augusto (7) appareça por cá!”

Augusto era meu pae, avesso ao espiritismo. Nem de proposito: — justamente nesse momento appareceu o indesejavel, que, inteirando-se do motivo daquelle funebre ajuntamento, tomou o logar da Jeronyma e começou a rabiscar umas “communicações” do alem, que fizeram *seu* Caetano rir muito amarello, pois trazia á baila certos peccadilhos de outros e bons tempos.

Antes disso, porem, o estimado pharmaceutico supportou transe mais difficil e amargo, em materia de espiritismo, com outro cunhado, o commendador José Umbelino (8), que com elle combinou a realisação de uma sessão intima á meia noite: — seriam apenas tres os presentes á evocação dos espiritos, — elles dois e a dona Mariquinha (9). Mas, ás escondidas, no correr do dia, o terrivel commendador preparou uma intrincada rêde, ligando entre si, por meio de um fino cordel, todas aquellas flores, laranjas de cera, figuras de gesso,

(4) Antonio Gabriel Pereira, negociante, capitalista e lavrador, já fallecido; sogro do jornalista Jonas Ramos, tambem já fallecido.

(5) Coronel Francisco Arantes Marques, já referido em outras notas.

(6) Major Aristides Arantes Marques, tambem já referido em outras notas; filho do coronel Francisco Arantes Marques e genro do Caetano Machado.

(7) Augusto José Fernandes, tambem já referido em outras notas.

(8) Commendador José Umbelino Fernandes, de quem já me ocupei em outro capitulo.

(9) D. Maria Augusta de Loyola, esposa do Caetano Machado, filha do velho José Umbelino Fernandes e irmã de Augusto José Fernandes e commendador José Umbelino.

quadros e outros enfeites que abarrotavam as paredes da casa, deixando a extremidade do fio occulta em determinado ponto. A's doze badaladas da meia noite, hora propicia a todos os phantasmas, reuniram-se os tres na sala de jantar, ampla, immersa numa quasi escuridão, pois apenas uma véla illuminava o recinto, e accordaram chamar á fala o espirito do doutor Carvalho (10), um malucão da melhor agua, que havia fallecido pouco tempo antes. Remetteram-se os tres a um silencio algum tanto lugubre e, nesse instante, o commendador puxou o cordél: — as flores cahiam, os quadros quebravam-se, os ovos de ema dansavam o *cake-walk*, as laranjas de cera esborrachavam-se, uma "communicação" verdadeiramente diabolica e que bem denunciava a força do "espirito" que a fazia. O Caetano Machado soffreu uma emoção tão forte que não poude erguer-se da cadeira e alli se deixou ficar, como que estuporado, os olhos arregalados, a bocca aberta, a gaguejar uns monosyllabos, enquanto a mulher levantava-se e sentava-se, em gargalhadas nervosas. Foi preciso que o commendador, receioso de qualquer complicação extra-programma, os chamasse á realidade, mostrando o fio da "communicação".

Contou-me uma vez dona Mariquinha que, estando o marido uma noite, no escriptorio, entregue ás suas leituras, ella, por sua alta recreação, resolveu evocar, sosinha, um espirito. E á falta de outro melhor, evocou o "espirito" do "Senhor Morto". Pois foi o diabo, dizia ella. O "espirito" não demorou em attender ao chamado e a casa começou a estalar, mas de uma maneira tal que ella, mandando ás favas a evocação, voou para o quarto e foi buscar melhor garantia no refugio dos cobertores.

Caetano Machado, nos tempos da monarchia, — ominosos, dizia-se no começo da Republica, hoje dizem saudosos, — era praça nas fileiras liberaes, ao passo que os demais parentes figuravam entre os conservadores. Tendo, no dia 20 de agosto de 1885, cahido a situação liberal, subindo ao poder o gabinete chefiado pelo Barão de Cotegipe, os conservadores locais promoveram uma estrondosa manifestação á noite, sahindo o prestito da casa de meus paes, no largo do Rosario, onde mais tarde o Costa (11) estabeleceu sua casa de negocio denominada "A Floresta". As lanternas com disticos allusivos ao grato acontecimento e os balões venezianos foram distribuidos, em profusão, pela criançada, a cuja frente o Edmundo (12) empunhava, garbosamente, um formidavel estandarte, com um letreiro homenageando o grande Wanderley. O Fernando (13), apesar do liberalismo paterno, adheriu gostosamente á festa e era o mais entusiasmado dos

(10) Dr. Antonio Marcelino de Carvalho, já fallecido, a quem já me referi em outra nota.

(11) Manoel Severino da Costa, fallecido, tambem já referido em outra nota.

(12) Edmundo Teixeira, já referido em outra nota.

(13) Fernando Leite Machado, tambem já referido em outra nota.

garotos. De posse de uma lanterna, esgoelou-se tanto em viver o eminente bahiano, que por fim já não berrava mais “viva o Barão de Cotegipe”. Sahia apenas:

— “Gipê!...”

Depois de percorrer varias ruas e praças da cidade, o prestito desceu a rua do Commercio e, ao passar pela casa do Caetano, — que morava então na casinha pegada á do sogro e onde depois moraram o Tónico Ribeiro (14), o Tónico Gusmão (15), o Aristides (16) e o Mattos (17), — o Fernando, sem a menor cerimonia, entrou em casa e, apparecendo solemnemente á janella, tirou o chapéu num gesto largo e soltou um viva retumbante, enthusiasicamente correspondido, ao Barão de Cotegipe. Esse viva do Fernando fez mais successo que todos os discursos pronunciados essa noite. O Caetano, que, escondido atraz das cortinas, espiava a festa, deu-se ao mais solemne dos desesperos e procurou agarrar o filho, para, com uma sóva bem puxada e bem applicada, ensinar-lhe a fazer politica em opposição á sua. Mas o Fernando já estava longe, á frente do bando, berrando:

— “Gipê!...”

Contava o Caetano que uma noite, já muito tarde, bateram á porta da pharmacia tres desconhecidos, á cata de um remedio de manifesta urgencia. Que fazer nessa emergencia?... Deixar de attendel-os não lhe ficava bem. Mas, quem poderia dizer das intenções desses individuos?... Tinha bem vivo na lembrança o caso do pae do Bourroul (18), também pharmaceutico, assassinado estupidamente quando attendia uns frequeres retardatarios.

Por fim revestiu-se de coragem. Metteu no bolso um revolver *bull-dog*, carregado, e foi para a botica, attender os frequeres tardios, emquanto a mulher, tendo calçado umas botas grossas e pesadas passeava na sala, batendo os tacões com toda força, para que os estranhos ficassem persuadidos de que havia mais homens na casa. Afinal os tres homens não passavam de inoffensivos colonos de uma fazenda proxima.

Tinha o Caetano excellentes piadas. Outra noite, logo depois de fechada a pharmacia, foi importunado por um moço muito conhecido no logar (19). Attendido á porta da rua por pessoa da casa, esse

(14) Antonio José Ribeiro Junior, também já referido em outra nota.

(15) Antonio Augusto Fernandes, já fallecido, artista habilissimo e excellente decorador, filho do velho José Umbelino.

(16) Major Aristides Arantes Marques, já referido em outra nota.

(17) Manoel Ribeiro de Mattos, natural de Bananal e fallecido em Penapolis; residiu algum tempo em Batataes, onde foi commerciante, escrivão do registro civil e juiz de paz.

(18) Dr. Estevam Leão Bourroul, muito conhecido e estimado em Batataes; foi juiz de direito em Franca, secretario da Provincia e tabellião em São Paulo, grande historiador, já fallecido.

(19) Jayme Fernandes Rosas, já fallecido.

rapaz pediu, com certo rompante, um remedio qualquer, por signal de nenhuma urgencia, accrescentando com empafia:

— “Diga que é o genro da baroneza!...”

O Caetano não titubeou na resposta:

— “Diga que eu não vendo fiado p’ra o genro da baroneza!”

Em 1905, conversando, aqui em São Paulo, com o velho Tristão (20), de Mogy das Cruzes, que me fôra apresentado pelo genro, o Nascimento Moura (21), e o filho Antenor (22), ambos meus velhos e bons amigos, pediu-me logo, o velho moggyano, noticias do Caetano. Sabendo do meu parentesco com o saudoso pharmaceutico, sahiu com esta:

— “Pois seu tio já foi meu namorado.”

Diante do meu espanto, explicou: — na juventude haviam sido os dois, em Mogy, amadores dramaticos, coisa que o Caetano jamais contára em Batataes. Elle, Tristão, fazia os papeis de “dama” e o Caetano era o galã!...

Varias vezes, em ambos os regimens, Caetano Machado occupou a cadeira de vereador, chegando mesmo, numa das legislaturas, a exercer a presidencia da Camara Municipal. No exercicio desse mandato mostrou-se sempre muito operoso. Foi elle quem primeiro cuidou da fundação de um mercado na localidade, tratando do assumpto em sessão de 2 de julho de 1888. Entretanto, somente dez annos depois, já na administração Washington Luis (23), conseguiram os batataenses ver transformada em realidade essa aspiração. Alguns annos antes, é verdade, tentaram transformar a cadeia velha em mercado. Pintaram, na parede do lado esquerdo, um letreiro enorme MERCADO. Mas dahi não passaram.

(20) Tristão Augusto de Oliveira, já fallecido, occupou postos de destaque em Mogy das Cruzes.

(21) Dr. Antonio Nascimento Moura, distincto engenheiro, jornalista e poeta; dirigiu a Escola Agricola de Batataes, falleceu em Assis.

(22) Antenor Augusto de Oliveira, já fallecido, foi funcionario da Imigração.

(23) Dr. Washington Luis Pereira de Souza, já referido em outra nota.

Tonico Porto

Antonio da Silva Porto era filho do Zé Porto (1), negociante estabelecido com armazem de seccos e molhados á rua do Commercio, no trecho alem do largo da Matriz, em frente á casa do Heitor (2), e sachristão chronico da igreja matriz.

O Tonico Porto era um homem geralmente estimado, genio alegre e brincalhão. A's vezes mettia-se em turbulencias, era mesmo daquelles que, diz o caipira, não engeitam brigas, mas sempre disposto a rir e a troçar. No encontro que tiveram as duas bandas de musica, na rua do Commercio, e do qual me occupei em outra chronica, o Tonico Porto tomou parte saliente e foi com muita difficuldade que o Quincas Selleiro (3) poude retiral-o de cima de um dos filhos do Mestre Leonardo (4), a quem elle, a toda força, queria obrigar a engulir a requinta. Dessa memoravel peleja levou, como trophéus gloriosos, alem dos frangalhos do instrumento, a roupa em tiras, o chapéu amarrotado e o rosto escalavrado.

Quando minha familia morava na casa onde está hoje a Pharmacia Fernando, na esquina das ruas do Commercio e do Theatro, o Tonico morava em frente, na casa que depois foi do Néca do Carmo (5) e agora pertence ao collegio das irmãs. Uma noite, já bem tarde, acordaram todos em minha casa com uns gritos angustiosos que partiam do becco, ao mesmo tempo que, ouviam um ruido semelhante a pancadas num bombo. Incommodado com aquelle berreiro e sem saber a que attribuir aquellas pancadas, meu pae correu á janel'a e deparou com o Tonico Porto cavalgando o Burel (6) e a sovar-lhe desapiedadamente a enorme barriga de Sancho Pança com uma pedra, produzindo aquelle extranho ruido.

— “Que é isso, Tonico?...” — perguntou meu pae.

— “Não é nada, estou dando uma lição a este sujeito!...”

E tratou de continuar a pancadaria.

(1) José da Silva Porto, negociante e sachristão, foi tambem escrivão da vara eclesiastica, falleceu em 1894.

(2) Heitor Marques Arantes, já fallecido; foi negociante e lavrador.

(3) Joaquim Custodio de Moraes Sandoval, de quem já tratei em outra nota.

(4) Leonardo Mauricio de Carvalho, que tambem já figura em outra nota.

(5) Coronel Manoel Theolindo do Carmo, já referido em outras notas.

(6) Antonio Julio Nogueira Braga, já fallecido, teve alfaiataria na cidade, filho do finado Antonio José Nogueira e sobrinho do Firmianinho Braga.

— “Deixe-se disso, homem. Você está louco?... Entre para sua casa que é melhor. A Sinhanna (7) está á sua espera...”

O Tónico abandonou então o Burel, que esperneava na areia, declarando-lhe:

— “Olhe, desgraçado, você agradeça ao Augusto eu não furar sua pança, ouviu?... Suma daqui!...”

O outro, coitado, não esperou segunda recommendação: — dobrou a rua do Commercio e desapareceu na escuridão.

Por esse tempo era realisada, annualmente, com desusada pompa, na arraial do Espirito Santo, hoje Nuporanga, a festa do padroeiro, que durava muitos dias e atrahia uma enorme concorrencia. Das circumvisinhanças affluíam numerosos forasteiros, mais por motivo dos bailes e outros divertimentos profanos, que mesmo por causa das cerimoniaes religiosas com seus imperios e leilões. De Batataes seguia, invariavelmente, todos os annos, uma selecta caravana. Era, no minimo, uma semana de folia. Numa dessas occasiões foi que, de regresso de uma excursão aos arredores do arraial, em alegre convescote, á tardinha, o velho e querido Sargento (8), tendo necessidade inadiável de satisfazer uma exigencia toda sua, adoptou o mesmo expediente do poeta Quevedo, voltando o rosto para o mattagal. E explicava, muito naturalmente, diante do susto geral, que a vergonha estava na cara...

Ainda numa dessas festas, o Tónico Porto e o João Teixeira (9) á hora da novena, bezuntaram de gordura as cordas afinadissimas da rabeça do Dóque (10) e era de ver o notavel violinista espirito-santense, bufando de raiva, a arrancar torrões da parede para esfregar nas cordas engorduradas, que, nem á mão de Deus Padre, emittiam qualquer nota, enquanto no altar o padre Torraca (11) esperava impaciente que a orchestra rompesse o

*Vinde santo espirito
Dos céus ajudae-nos,
E de vossa luz
Um raio mandae-nos*

que era a peça de abertura.

Esse Dóque, uma excellente creatura, fazia, de quando em quando, umas excursões artisticas pelos bairros e fazendas dos arredores,

(7) D. Anna Luiza de Oliveira, casada em segundas nupcias com o snr. Roso Garcia Lopes, fallecida em 30 de abril de 1891.

(8) Joaquim Pedro de Almeida, homem muito estimado; serviu na guerra do Paraguay, de onde lhe veiu a alcunha; era sogro do professor Arnaldo de Oliveira Barreto, que, aliás, começou a sua carreira em Batataes.

(9) Cel. João Augusto Teixeira, que já figura em outras notas.

(10) Chamava-se, parece, Candido Dóque, morava em Espirito Santo (Nuporanga), mas era muito conhecido em Batataes, aonde ia constantemente com a sua rabeça.

(11) Padre Carmine Torraca, foi vigario alguns annos de Espirito Santo, muito conhecido e estimado em Batataes.

extasiando aquella boa gente com as suas arias e as suas canções, que pódem ser avaliadas por este panno de amostra:

*Vae, vem,
Torna a voltar,
Vae pensamento,
Vae namorar!*

O clou dessas excursões era uma valsa dansada ás avessas, isto é, com as costas unidas, por duas filhas do rabequista, as quaes, por sua vez, eram eximias tocadoras de gaita.

Um anno houve que, no intuito de dar á festa o maior realce possivel e moer de inveja os festeiros passados, os encarregados della contractaram, em Batataes, a banda do Garcia (12) para tocar nas résas, na missa cantada, na procissão, nos leilões e outras solemnidades religiosas e profanas. E a banda lá foi, numa grande patuscada, a cavallo. O Antonio Benedicto (13), que era o director da banda e o unico que podia impor um pouco de respeito aos endiabrados rapazes, não pudera acompanhá-los. No meio do caminho, o cavallo do Tónico Porto empacou e não houve chicote, esporas, ponta-pés, bordoadas capazes de o fazer andar. Era turrão o bicho. O João Teixeira sabia de um passarinho que antigamente havia nas mattas da serra da Cantareira, na estrada de São Paulo a Bragança, e que parecia dizer no seu canto:

*Cavallo affrouxou,
Pinique no "pescoço" e verá.*

O conselho da avesinha acudiu-lhe á lembrança, ao ver o cavallo do Tónico empacado, e quiz fazer a experiencia. Apanhou uma respeitavel "unha de gato" e, disfarçadamente, emquanto o Tónico, conversando com o Garcia, maldizia a cavalgadura e mandava-a para o meio do inferno, ergueu a canda do bicho, collocou o espinho no rabicho e... deixou cahiu o "appendice". O effeito não se fez esperar: — o cavallo partiu como um raio, agitando desesperadamente a cauda. O Tónico, que, pilhado de surpresa, quasi cahira, agarrou-se com unhas e dentes ao Santo Antonio do sellim, gritando:

— "Isto é coisa do João Teixeira. Você me paga, rapaz. Eu..."

Não conseguiram ouvir o resto: — o animal já estava longe,, envolto no pó, e só foi parar na entrada da povoação, por ter esbarrado numa porteira.

Chegados a Espirito Santo, foram hospedados num velho casarão da Outra Banda. No quintal, em minuciosa busca que passou, o Antonio Martins (14) descobriu uma valente ninhada de ovos. Foi logo

(12) O maestro Garcia já figura em outra nota.

(13) Capitão Antonio Benedicto dos Santos Silva, que tambem apparece em outra nota.

(14) Antonio Martins, já mencionado em outra nota.

lançada a idéa de ser feita uma daquellas gemmadas a que então davam o nome extravagante e pouco limpo de “p... que p... de ródá”. Ficou incumbido de preparal-a o João Teixeira. Era, na alegre companhia, o unico refractario ao alcool e, por conseguinte, o unico capaz de não abusar da “posição”, sabido como é que no preparo da “de roda”, além das gemmas e do assucar, entra tambem uma regular quantidade de caninha. O Tónico Porto, escarmentado com o caso do espinho, que lhe fizera suar frio e deixára o pobre animal em estado lastimavel, aconselhou prudentemente:

— “Não confiem no João Teixeira, elle é muito moleque...”

Venceu, porem, a maioria, que era absoluta. E o João Teixeira foi para o quintal, onde havia um telheiro, bater as gemmas numa enorme tijela, enquanto o pessoal cuidava de refazer a *toilette*. Entre os ovos foram encontrados alguns podres, mas, raciocinando, naturalmente, que aquillo não era para elle e por isso não havia mal, misturou tudo, bons e ruins, adoçou como poude e por fim addicionou, segundo a arte, a indefectivel pinga. O pessoal, que se enfiotára de ponto em branco, avançou com muita vontade na gemmada, que estava de lamber o beijo. E' provavel que a caninha não deixasse perceber o mau gosto dos ovos, mas o que é certo é que, momentos depois, com poucas excepções, os rapazes deitaram carga ao mar. Diante desse resultado, o Tónico Porto sentenciou:

— “Eu não dizia?!... Está ahí...”

E, sahindo a correr, foi por sua vez fazer o mesmo.

No arraial do Chapéo tambem pintou o sete. Num ribeirão proximo do povoado havia uma formidavel sucury, que punha medo em toda gente. O Tónico Porto foi vel-a. E sem mais aquella atirou-se de um salto dentro d'agua e, com uma ligeireza assombrosa, segurou com força o feio reptil, atirando-o agilmente para fora do riacho, pondo os companheiros em debandada.

Outra occasião, perto do cemiterio, conseguiu matar uma perdiz com uma pedra certa. Esse caso poderá talvez parecer pilheria, uma daquellas historias de um concurso de caçadores que aqui houve, mas posso asseverar, com segurança, que é real.

Perguntando-lhe alguém da origem do nome “porrete” dado a um pedaço de pau, a explicação veiu logo e satisfactoria: — era uma corruptela de “pau rente”, porque era ordinariamente com um “porrete” que se sovava, bem rente, as costas do proximo.

O Tónico Porto (15) foi covardemente assassinado, ao terminar um baile, no arraial do Chapéo. O João Teixeira, que previa alguma caisa de mau, conseguiu arredal-o da festa, levando-o para sua casa.

(15) O Tónico Porto deixou dois filhos e duas filhas: — Maria Luiza Marques, casada com o coronel Joaquim Marques de Sousa, fallecido em Santos; Augusta da Silva Nobre, casada com Joaquim Ferreira Nobre; Augusto da Silva Porto, casado com Delmira da Silva Braga, e Antonio da Silva Porto, que morreu solteiro.

Mas o Tónico, pilhando o amigo e compadre recolhido, saltou a janella e voltou á casa onde dansavam. Matou-o estupidamente, com uma punhalada e por questões de nonada, um bahiano chamado Vitalino, homicida famoso daquellas brenhas e que, como sempre acontecia naquellas bibócas do sertão, reunia, a essa para elle muito honrosa condição, a qualidade de mandão de aldeia. Muitos annos depois esse famigerado matador ainda vivia, numas terras suas, para os lados da Corredeira, com certeza confessando e commungando a miudo, como é de velha usança entre essa gente, por intenção daquelles que despachára desta para a melhor.

Manoel Rosa

Toca este capitulo ao coronel Manoel Ferreira da Rosa, homem essencialmente bom, que, se marcou época com suas excentricidades, se impoz tambem á consideração de todos pela rectidão de seu character. Dedicado á agricultura, era dono da fazenda "Prata", onde residia. Estava porem, constantemente na cidade (na villa, era uso dizer-se), principalmente aos domingos, para ouvir a santa missa, e por occasião de festas, que não perdia nenhuma. A semana santa, essa elle passava, toda, inteirinha, de domingo a domingo, na cidade, só arredando pé da igreja quando esta era fechada.

Muito devoto, aproveitava as viagens para tirar as contas ao enorme rosario, contas que davam idéa de pedregulhos. Embebia-se de tal fórma em suas orações que, distrahidamente, ao invéz de metter o rabo de tatú no cavallinho baio que costumava montar, mettia-lhe de rijo o rosario nas ancas. O cavallo conhecia de sóbra o caminho a percorrer, tanto na ida como na volta, razão por que o Manoel Rosa não raro deixava de dar ás redeas, deixando que o animal tomasse o rumo, para assim melhor se concentrar nas suas rogações. Um dia, porem, ia mansamente o cavallicóque estrada em fóra, — tic toc, tic toc —, levantando poeira vermelha, quando, á beira de um ribeirão, estacou de subito. E o cavalleiro, alheiado do mundo e entregue ás resas, não esperava por aquillo e, sahindo pelas orelhas do animal, tomou um banho *ex-officio*, que sem duvida não foi das coisas mais agradaveis para elle, dado o frio intenso então reinante.

Como o Joaquim Alves (1), tinha o Manoel Rosa uma expressão de que fazia largo consumo, só sua, não escabrosa como a do tenente, mas que, como a deste, ficou celebre: — "manicáca". Manicáca significava, para o Rosa, o diabo, o espirito das trevas, o coisa-ruim atormentador dos bons e tentador dos justos. Tanto ordenava ao cavallinho "andá manicáca", como injuriava alguém "grandessissimo manicáca", ou praguejava "p'ra o manicáca".

Nas festividades religiosas de tal tempo, andava em vóga um canticó que fazia as delicias do Rosa, um hymno a Maria Santissima, muito bonito, cheio de altos e baixos, e que terminava:

*Oh, Maria,
Mãe querida dos christãos!*

"Christões" — dizia o Rosa.

(1) Coronel Joaquim Alves da Costa, que já figura em outro capitulo.

A rapaziada daquelle tempo costumava reunir-se á porta da igreja, antes do início das solemnidades. E mal divisavam o velho fazendeiro, em demanda da matriz, no seu andarsinho meudo, punham-se os rapazes a cantar :

Mãe querida dez tostões!

O velho subia a serra, descompunha os atrevidos :

— “Manicácas... manicácas dos quintos... manicácas do inferno...”

Maior a zanga, maior a brincadeira. Afinal, bufando, puxando a barbicha, entrava na igreja e, atirando-se aos pés de um santo, pedia perdão a Deus das blasphemias que proferira.

Havia um outro fazendeiro, o Zé Antonio (2), que o imitava perfeitamente, arremedando-o nos gestos, no andar, na fala, com tal pericia que era mesmo ver ou ouvir o Manoel Rosa. Por isso mesmo, mal punha os olhos no seu imitador, elle fazia tres vezes o signal de esconjuro e soltava o seu “manicáca” infallivel.

Certa noite adoce-lhe alguém da familia, caso pelo menos apparentemente grave. Assusta-se o bom homem; não se lembra, na sua apoquentação, de sellar o cavallo: — monta-o em pello, põe-lhe na bocca um barbicacho e dispara como um louco para a cidade. E desce, em galope desenfreado, a rua do Commercio, buscando a casa do seu Baptista (3), berrando como um desesperado e alarmando os pacatos moradores daquelle via publica:

— “Aqui d’el-rei, seu Baptista... aqui d’el-rei...”

Cinco minutos depois retornava, no mesmo galope, carregando na garupa o velho pharmaceutico, que fazia então, na cidade, as vezes de medico.

Por occasião de uma festa da semana santa, na noite de segunda feira, quando devia effectuar-se a procissão do deposito, para levar, da Matriz ao Rosario, a imagem do Senhor dos Passos, que no dia immediato sahiria para o encontro, foi o Manoel Rosa um dos primeiros a se uniformisarem. Mas, como demorasse a sahida do presbitio, o Rosa, um tanto tresnoitado, metteu-se num confessionario, com o fito de descansar um pouco, e pegou direito no somno. Nesse meio tempo, desejando dar uma lavagem nos peccados e ficar em paz com sua consciencia, approximou-se do confessionario o Rezende (4), que eu conheci já de alvas e austeras barbas, naquella época rapaz dado a proezas. Divisando, dentro da gaiola, um vulto que, á escassa claridade do recinto, lhe pareceu um dos frades que alli estavam, auxiliando o vigario, cuidou de ajoelhar-se, persignar-se e dar começo á sua auto-accusação, enumerando com minucias suas culpas todas. O Rosa

(2) José Antonio, lavrador, dono da fazenda Santa Barbara.

(3) Capitão João Baptista Freire, já referido em outras notas.

(4) Francisco da Costa Rezende, lavrador, irmão do capitão Manoel da Costa Rezende, ambos muito estimados em Batataes.

acordou quando o penitente ia em meio e, ouvindo aquelle cochichar do outro lado da rêde, percebeu de que se tratava. Ia já desfazer o engano do penitente, quando este se accusou:

— “Eu furtei um cabrito do *seu* Manoel Rosa e...”

O Manoel Rosa, que se estafára de balde em descobrir o autor daquelle furto, não se conteve. Pulou para fóra do confessorio, brandindo o tocheiro, e explodiu:

— “Então foi você, *seu* tratante?!... Carrega-me o cabrito e ainda tem o desaforo de me vir contar, hein?!... Eu te racho, manicáca!...”

Se o Rezende não foge depressa o Manoel Rosa abria-lhe a cabeça com o tocheiro.

Quando chegava á cidade, o Rosa costumava amarrar o cavallo atraz dos quintaes das casas do largo da Matriz, no campo onde fica hoje a praça Barão do Rio Branco, e ia a pé para a igreja, cumprir a sua devoção. Um domingo, o João Teixeira (5) e o Nenê do Antonio Benedicto (6) lembraram-se de pregar uma partida ao santarrão, e, tirando o animal do moirão onde o dono o prendera, levaram-no para o largo, amarrando-o á porta da Pimentinha (7), nas proximidades da igreja. Imagine-se agora o escandalo que causou entre as pessoas que sahiam da missa, mórmente as senhoras, que tinham o Rosa na melhor conta, quando viram o cavallinho delle, conhecido de toda gente, á porta de uma rapariga, e rapariga de fama como era a Pimentinha. O Rosa, quando deu pela coisa, foi ás nuvens e quasi poz o mundo abaixo. O “manicáca” trovejou. Praguejou, ameaçou, disse o diabo. Prometteu ir ao delegado, que era, nesse tempo, o João Antonio (8). Quando o povo que deixava a igreja comprehendeu a brincadeira, o espanto dos primeiros momentos se transmudou em trôça e a gargalhada foi geral. Um tróte em regra. O Manoel Rosa achou mais prudente desamarrar o cavallo, montar e sem perda de tempo tocar para a fazenda. E meteu os acicates no *Maçarico* com uma furia que o pobre animalejo desconhecia, porque a Pimentinha, que chegára á janella quando elle se preparava para galgar o sellim, convidou-o com uma sem-vergonhice que lhe azedou o resto do domingo:

— “Pruquê não entra, seu coroné?...”

Qual entrar. O coronel cuidou mas foi de voar, largo abaixo, invectivando os gaiatos:

— “Esse manicácas!...”

(5) Cel. João Augusto Teixeira, já referido em outras notas.

(6) João Augusto dos Santos Silva, filho do capitão Antonio Benedicto dos Santos Silva; mudou-se annos depois para Mocóca, onde foi escrivão de paz e veiu a fallecer.

(7) A Pimentinha era uma mulher da vida alegre, celebre no seu tempo.

(8) Capitão João Antonio de Macedo, lavrador e tambem supplente de eleitor da freguezia.

Manoel Soares

Se outros que não os que de tal me informaram me disséssem que Manoel Soares de Castro era portuguez, confesso que não acreditaria. Porque elle em nada denunciava a sua luza origem, nos habitos, naquella fallinha, nas expressões. Mas, portuguez embora, e portuguez do pé do Porto, elle podia e devia ser, por todos os motivos e por todos os titulos, considerado legitimo brasileiro e genuino bataense.

Em Batataes, — onde, segundo parece, sempre morou, desde que deixou o seu pequenino Portugal, “que o oceano alarga”, — era um homem muito estimado, muito popular.

Muito seguro, tanto que morreu de velho, soube accumular gordos cabedaes, que, afinal, a ninguem aproveitaram, pois que elle não deixou descendencia. Deixou em testamento varios legados a instituições de caridade e a meninas orphãs, do que se conclue que a soviniçe d'elle não era tão grande como propalavam. Conheci-o, na minha meniniçe, negociando no largo da Matriz, junto á casa em que morava. Em 1870 já elle allí vendia, numa pavorosa mas vantajosa promiscuidade e por preços realmente modicos, fazendas e ferragens, armarinho e molhados, calçados e cercaes, bebidas e arame farpado, doces e armas, louças e oleo de ricino. Auferiu, no balcão, lucros compensadores e assim, aos albores da Republica, abandonou a loja e passou pacatamente a viver de seus pingues rendimentos.

Era interessante vel-o, nos seus costumados passeios, á tarde, com a mulher, a dona Rosa (1), muito velhinha, muito mais velha que o marido, e a enteada, a dona Eufrausina (2), quasi da mesma idade do padrasto: — elle, corcovado, com aquella fala fina e a barba rala e branca a adornar o queixo redondo; a dona Rosa mal podendo acompanhal-o, segurando a custo o queixo, que a carga de quasi um centenário teimava em fazer cahir; a dona Eufrausina, sempre saudosa daquelles “bons tempos em que a gente brincava de prendas”, e que, no final das contas e apezar dos pezares, era a mais jovem dos tres, exactamente como aquelle Montmorency da *Ceia dos Cardeaes*.

(1) Dona Rosa Soares. Quando a conheci já ella era velhissima, mas sempre inseparavel do marido.

(2) Dona Eufrausina Maria do Carmo, já fallecida, senhora de grande fortuna, que legou, em grande parte, a instituições pias locais.

Muito religioso, Manoel Soares não perdia, de maneira alguma, sua missa aos domingos e dias de guarda, e não deixava de envergar sua ópa vermelha de irmão do Santissimo em todas as procissões, festas e enterros. Numa procissão da Ressurreição, promovida pelo padre Vicente (3), em 1900, na qual figuraram, extravagantemente, as imagens do Senhor da Ressurreição e do Senhor dos Passos, explicando aquelle vigario, em caloroso sermão, que assim Jesu's diria aos seus fieis "Eis o que eu fui, eis o que eu sou agora", plagiando o alcatrão e jatahy de Honorio do Prado: — "Eu era assim, consegui ficar assim", — nessa procissão, que sahiu da Matriz cerca das quatro da madrugada e o padre Vicente fez andar até pelo bairro do Castello, o Manoel Soares teimou em sahir com a irmandade do Santissimo. Não houve meio de convencel-o a se deixar ficar na igreja, nem a escuridão ainda reinante áquella hora, nem o itinerario dobrado. E lá foi o Manoel Soares de embrulho, arrimando-se, da melhor fórma possível, ao tocheiro que havia tomado. O padre Vicente tinha o vezo das vozes de commando. Dirigindo uma procissão, gritava a cada passo: — "mais depressa", "devagar", "mulheres em fila", "virgens á frente", etc., de maneira que o pessoal se via atarantado com elle, principalmente as irmandades. Quando a procissão a que me refiro chegou ao alto do Castello, um pouco adiante da fabrica de cerveja do Puccinelli (4), o padre berrou aos irmãos do Santissimo que accelerassem o passo. Dito e feito, na fórma do costume: — o pessoal criou azas nos calcanhares. O Manoel Soares quiz fazer o mesmo, mas as pernas bambas pela idade e ainda mais frouxas pela ingreme ladeira que vinha de ser galgada, trahiram-no vergonhosamente e o pobre velho entrou, juntamente com o tocheiro e sem pedir licença, num enorme buraco cavado pelas enxurradas. E por cumulo do caiporismo ouviu uma santa descompostura do padre, que era muito dado a essas valentias: — se elle não podia acompanhar o terço, não se metesse a cebo. E lá se foi o Manoel Soares, amarrotado, emporcalhado, cheio de lama, com o tocheiro arrebetado, claudicante, arrastando-se, sabe Deus como, na cauda da irmandade.

Tinha Manoel Soares o costume de chamar toda gente de "rapáis", fosse homem, fosse mulher. Uma vez, á porta da igreja, chamou o velho Joaquim Alves (5):

— "Vem cá, rapáis!"

A resposta do tenente não se fez esperar:

— "Rapáis é a... que te..."

(3) Padre Vicente Ferreira dos Passos, sacerdote sergipano, foi vigario em Batataes, em Ytu', em Taquaritinga, em Pindamonhangaba e em Mogy Mirim, onde falleceu; deixou varios trabalhos, um dos quaes citado por Euclydes da Cunha n'*Os Sertões*.

(4) Miguel Puccinelli, já fallecido, natural da Italia, residiu largos annos em Batataes, onde constituiu familia.

(5) Coronel Joaquim Alves da Costa, de quem me occupo em outro capitulo.

O Manoel Soares sacudiu-se todo, num ataque de riso:
— “Eh, eh, eh!... Este rapáis tem coisa...”

Quando se verificou a passagem do seculo, a Conferencia de São Vicente de Paulo promoveu solemnes festejos commemorativos, designando para isso uma commissão, presidida pelo doutor Carneiro Leão (6) e da qual fiz parte, juntamente com o Joaquim Marques (7), o Ovidio (8), o Thomaz (9), e outros cujos nomes no momento não me acódem. Fazia parte do programma a guarda ao Santissimo Sacramento, na noite de 31 de dezembro de 1900 para 1.º de janeiro de 1901. O Manoel Soares quiz tambem a sua meia hora de guarda. Deram-lhe o “quarto” das seis da manhã. A’quella hora, o Benedicto Pacca (10), que havia feito o “quarto” antecedente, vendo que o Soares não dava signal de si, calculou, muito naturalmente, que, velho, ou melhor, velhinho como era, elle dormira um pouco mais e por isso perdera a hora. Assim, deliberou continuar no posto e fazer os dois “quartos”, até que o rendessem, de modo a não deixar o Santissimo sem guarda. Meia hora depois chegou o Soares, deitando a alma pela bocca e a trocar as pernas. Foi até o altar, ajoelhou-se constrictamente e, dirigindo-se ao Santissimo, exposto no alto do “throno”, supplicou:

— “Eh, rapáis, me perdôe, eu perdi a hora!...”

Conversávamos uma tarde, á porta da igreja, sobre “sortes grandes”, quando da róda se aproximou, arrastando os pés, o Manoel Soares, que, inteirado do assumpto em fóco, mettu o bedelho:

— “Eu até hoje não consegui tirar, nunca, a sorte grande. Pelejo, pelejo, e nada. Olhem que eu compro bilhete desde a loteria do Ypiranga e ainda não tirei nada, só de vez em quando o mesmo dinheiro.”

E suspirou:

— “E’ uma lastima!...”

Nisto os sinos tocaram, chamando os fiéis á resa, e o Soares embarafustou pela igreja. O Zelino (11), que participava da róda e fôra, em tempos idos, empregado do Manoel Soares, não levou em paciencia:

(6) Dr. Antonio Pedro, Carneiro Leão, distincto advogado, morou em Batataes mais de 30 annos, residindo agora no Rio de Janeiro.

(7) Tenente-Coronel Joaquim Marques de Souza, substituiu meu pae no tabellionato do 2.º officio; foi tambem funcionario municipal, chefe politico e lavrador, falleceu em Santos em abril de 1920, aos 50 annos.

(8) Tenente-Coronel Ovidio Tristão de Lima, natural de Franca, residiu em Batataes por espaço de 30 e tantos annos; foi funcionario municipal e tabellião do 1.º officio.

(9) Major Thomaz Martins de Araujo, foi pharmaceutico e lavrador, delegado de policia, juiz de paz e vereador, fundador da linha telephonica Batataes-Nuporanga; falleceu em S. Paulo em 1934.

(10) Benedicto Ignacio da Silveira, natural de Ubatuba, residiu em Batataes longos annos, alli constituindo familia; falleceu em Barretos.

(11) Zelino José Ferreira, que occupa outro capitulo.

— “Será que este diabo ainda quer mais dinheiro?... Para que sorte grande para um usurario deste?...”

O Manoel Soares era conhecido por Manoel Brôa. Realmente, o todo delle dava idéa de uma daquellas brôas de fubá, muito comuns na rôça. Mas, nem por ter semelhança, era muito do seu agrado a alcunha que lhe impuzeram. O Manoel Brôa azedava-o. Aconteceu que estando elle de visita em casa do Caetano Machado (12), em animada palestra com dona Mariquinha, appareceu na sala a Amalia (13), que pouco mais de cinco annos poderia ter. E, apontando o Soares, ella começou:

— “Seu Mané... seu Mané... seu Mané de que mesmo?... Seu Mané... não é que m’esqueci?...”

E por mais que parafusasse a cabecinha, não lhe acudia o appellido do visitante. A dona Mariquinha estava sobre brasas. E o seu embaraço augmentou quando a Amalia appellou para ella:

— “Como é mesmo, mamãe?... Seu Mané... seu Mané de quê?...”

Afinal o Manoel Soares percebeu a coisa, viu que a brôa estava por um triz e tratou de se despedir.

Por conta do Manoel Soares corria uma passagem muito engraçada, cuja authenticidade, bem se vê, não pôsso garantir. Contavam que por occasião da deposição do então presidente do Estado, doutor Americo Brasiliense de Almeida Mello, a 15 de dezembro de 1891, consequencia do golpe de estado do marechal Deodoro da Fonseca, correndo os mais desconstrados boatos, cada qual mais estapafurdio, o Manoel Soares cuidou de se precaver e de garantir a fortuna, porque para elle dinheiro era sangue. Comprou desde logo duas carabinas na casa do Quincas Pereira (14), carregou-as e, entregando uma dellas á dona Rosa, fel-a sentar-se em cima da burra que em seu bojo occultava a dinheirama toda, emquanto elle foi montar guarda no corredor da entrada, atraz da porta da rua, com a outra carabina ao hombro, numa attitude marcial. O diabo foi que a dona Rosa, ou porque cochilasse, na fôrma de sempre, ou porque não supportasse o peso da arma, deixou cahir a carabina, que disparou, pondo a casa em reboliço. O Manoel Soares admittiu logo um assalto ao precioso cofre, anteviu um bando de sicarios a apear a dona Rosa, carregando o que elle mais amava na vida, imaginou, num instante, uma porção de coisas horriveis. Mas não duvidou: — avançou resolutamente, com uma coragem digna de um bandeirante, para a “casa

(12) Caetano Leite Machado, de quem tambem trato em outro capitulo.

(13) D. Amalia Machado Ribeiro, primogenita de Caetano Leite Machado; foi casada com o sr. Antonio José Ribeiro Junior, que figura em outras notas, e falleceu em 1891.

(14) Joaquim Pereira Lima, figura de destaque em Batataes, onde foi commerciante, lavrador e banqueiro, desempenhando tambem o mandato de vereador; falleceu em 1899.

forte”, disposto a vender caro aquelle cofre, que para elle resumia alma, vida e coração, prompto a fazer fogo sobre os assaltantes. E deparando com a dona Eufrausina, que acudira alvoroçada ao estampido, e vendo estendida no chão a dona Rosa, que, com o susto, despencára do alto do cofre, levou a arma á cara, levou o dedo ao gatilho e bradou, com intimativa:

— “Pára, pára, se não eu atiro!...”

A dona Eufrausina, tomada assim por um assaltante, quasi morreu de susto e muito lhe custou acalmar o furor bellico do padraсто. Esta passagem, entretanto, eu passo adiante como a recebi.

José Francisco de Moraes

O *seu* Moraes, mineiro de nascimento, mas batataense naturalizado, era, não ha negal-o, algum tanto ranzinza, um pouco ranhêta. Demandista como nenhum outro. Em materia de embargos, appellações, agravos, cartas testemunhaveis, cartas precatórias e outros tantos recursos da chicana, ninguem lhe levava vantagem. Ficou celebre, nos auditorios da comarca, uma questão por elle debatida com o cunhado, o Quincas Pereira (1), e que acabou perdendo, cujos autos, a despeito da relativa insignificancia da causa, constituíram tres grossos volumes. A propria Companhia Mogyana, para passar com os trilhos, em 1886, por uma estreita faixa de terreno do seu sitio dos Cubas, nas proximidades do correjo do Retiro, muito teve que fazer. Mas, ao par de tudo isso, tinha *seu* Moraes costumes austeros, era bom chefe de familia.

Não deixou, tambem, de ser bafejado pela aura da popularidade e galgou, no antigo regimem, posição de destaque: — vereador, juiz de paz, delegado de policia, eleitor da freguezia, etc. Durante longos annos negociou, em fazendas e louças, na rua do Commercio, esquina da do Theatro, na casa que depois foi do tio Quita (2), tendo sido antes do velho Parreira (3), que morreu devido a uma gargalhada. Negociava tambem em leite, que os filhos, o padre Evaristo (4) e o *seu* Chico (5), então meninotes, vendiam, em latas apropriadas, de casa em casa. A' noite, as vaccas do *seu* Moraes desciam do campo e iam montar guarda junto ao portão do dono, enchendo o becco de um exquisito perfume e obrigando, não raras vezes, os transeuntes a perigosos exercicios de equitação.

Catholico verdadeiramente pratico, severo e pontualissimo cumpridor dos deveres impostos pela Santa Madre Igreja Catholica Apostolica Romana, fazia, por isso mesmo, parte de todas as irmandades e

(1) Joaquim Pereira Lima, já referido em nota anterior.

(2) Joaquim Garcia de Oliveira, de quem já tratei em outro capitulo.

(3) Não me recordo do nome todo desse Parreira, que conheci na minha meninice.

(4) Padre Evaristo de Paula Moraes, natural de Batataes, doutor em philosophia formado em Roma, foi vigario em São Simão, transferindo-se depois para São Paulo.

(5) Francisco de Paula Moraes, falleceu em São Simão, por occasião de uma epidemia de variola.

confrarias, promovia festas com desusado esplendor e especial carinho, era figura de real influencia na igreja, á qual prestou assignalados serviços e, entre outras dadas de valor, fez presente de duas bellas imagens, uma de Nossa Senhora do Rosario e outra de São Benedicto, as quaes foram benzidas solemnemente e processionalmente conduzidas aos seus logares, em prestito pomposo a que nós, os alumnos todos do Lyceu São José, demos, uniformisados e a arrebutar de orgulho, a indefectivel guarda de honra, sob as vistas do director, que era o Zé Augusto (6).

Em priscas éras, o *seu* Moraes cantava no côro, como tambem o fizeram o Firmianinho (7), o Joaquim Augusto (8), o capitão Camillo (9) e o Arnaldo (10). Era um magnifico baixo profundo, diziam as pessoas daquelle tempo. Sabia, por exemplo, um hymno ao martyr São Sebastião, cheio de uma grande doçura, que suppria, com vantagem, a insufficiencia do metro e da rima. Começava assim o estribilho desse hymno, se a memoria não me tráe:

*Sebastião glorioso,
Sêde o nosso advogado
Contra a peste, fome e guerra, etc.*

Quando entoava esses versos suaves, comquanto do pé quebrado, — rogo de tanta esperança enviado ao glorioso soldado que toda gente estava farta de conhecer, através das paginas massúdas da *Fabiola*, — o *seu* Moraes era dominado por uma emoção tão forte que se alhejava do mundo, dos homens, de todas as coisas terrenas, como que trepava, subia aos espaços, ia ás grimpas, e por isso já no fim toda gente entendia perfeitamente:

Sebastião põe ovo...

Uma occasião, não obstante o seu fervor religioso, ou por isso mesmo, foi causa de um grande estardalhaço na Matriz. Preparava-se uma procissão qualquer. A' hora fixada, os primeiros signaes de uma borrasca ameaçaram estragar toda a festa. O padre Joaquim (11) mandou, então, que se activassem os preparativos e sahisse a procissão á rua, para fazer, quando mais não pudesse ser, um giro pela praça, antes que se desencadeasse o temporal. Movimentou-se o pessoal todo: — sachristão, coroinhas, sineiros, musicos, irmandades.

(6) Tenente-Coronel José Augusto Nogueira Porto, natural de Jacarehy e fallecido em São Paulo; foi para Batataes em 1896, alli se conservando até 1903. Manteve o Lyceu São José e foi depois 1.º tabellião e chefe politico, tendo residido tambem em Franca e Ribeirão Preto.

(7) Firmiano Braga, que já figura em outro capitulo.

(8) Joaquim Augusto da Cunha e Silva, de quem trato em outro capitulo.

(9) Capitão Camillo Ferreira de Menezes, já referido em outras notas.

(10) Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto, que apparece em outra nota.

(11) Conego Joaquim Alves Ferreira, que apparece em diversas notas anteriores.

Enfileiraram-se os anjos e as virgens, metteram hombro os rapazes aos andores, o mestre Leonardo mobilisou musicos e cantores. O *seu* Moraes não foi dos menos atarefados. Andava de um lado para outro, dando ordens, arranjando, corrigindo, até que, num momento de irreflexão, naquella especie de delirio que delle se apossára, correu para o altar-mór, abriu sem mais aquella o sacrario e de lá retirou, com suas “mãos profanas”, a ambula onde estava o Santissimo Sacramento, collocando-a sobre a toalha do altar. Quando cahiu em si já era muito tarde. O mal estava feito e era coisa irremediavel. O padre Joaquim foi ás nuvens. Suspendeu a procissão. Houve, como era natural, um reboliço dos diabos, se é possível reboliço dessa ordem numa igreja, enquanto o padre, pallido e nervoso, sapecava o *seu* Moraes com a mais terrivel das reprimendas. Dizem que foi enorme o escandalo provocado por esse incidente e que immenso foi o arrependimento do velho Moraes. Fizeram-se umas solemnidades de desagravo e, afinal, o incidente passou para o ról das coisas esquecidas.

Quando o genro, o Thomaz (12), inaugurou, com grandes festejos, a linha telephonica entre Batataes e Nuporanga, o *seu* Moraes quiz tambem experimentar por sua vez o aparelho. A linha, porem, construida por alguns curiosos, tinha defeitos e funcionava irregularmente. Uns estalidos continuados e de quando em quando uns estouros perturbavam a conversa que elle, por toda lei, queria entreter com o padre Messias (13), que occupava o aparelho em Nuporanga. Irritou-se e não se conteve:

— “Que diabo de barulho é esse?... A gente nem pôde falar!... Você está p...ndo no telephone?...”

E’ sabido que *seu* Moraes perdia as estribeiras e ia ás do cabo a uma alcunha que lhe arranjaram, não sei onde, nem quando e muito menos porque: — *Sacco de prego*. Diziam que em outros tempos elle costumava pesar as mercadorias que vendia em seu estabelecimento commercial com um saquinho de prégos, do que resultou a malfadada alcunha. O que é facto é que elle embirrava solemnemente com o caso, tanto que em sua casa ninguem podia pronunciar a palavra “prego”: — era ferrinho de ponta. E todos os amigos evitavam, por esse motivo, a menor referencia, em sua presença, ao objecto que lhe déra a extravagante antonomazia e lhe alterava o sistema nervoso. Uma noite, porem, algum desaffectedo ou um pandego desoccupado gravou, com a ponta de um canivete, na parede de sua casa de negocio, duas letras maiusculas, que tanto poderiam ser applicadas a qualquer “serviço publico” como resumir o amaldiçoado appellido. E’ fóra de duvida que *seu* Moraes tomou o caso na segunda hypothese e arre-

(12) Major Thomaz Martins de Araujo, já mencionado em outra nota.

(13) Conego Messias de Mello Tavares, tambem já mencionado em outra nota.

pelou-se irado. Fez um formidável escarcéu. Poz o mundo abaixo. Mandou chamar *in-continenti* o Evaristo Garcia (14), que desempenhava as funções de tabellião, para reconhecer aquellas letras. O Evaristo, naturalmente, não se prestou a isso e sua recusa ainda mais exacerbou o *seu* Moraes, que a nada queria attender.

— “O senhor precisa reconhecer a letra!...”

— “Mas como quer o senhor que eu reconheça estes rabiscos?...”

— “E’ a sua obrigação!”

E desandou por ahi alem, inabalavel nas suas exigencias, com argumentação para elle decisiva, tal qual um daquelles personagens creados pelo humorismo de Mark Twin. Caro custou ao saudoso notario livrar-se do reconhecimento daquellas iniciaes, que para *seu* Moraes eram mais terriveis e aziagas que o *Mane, Tecel, Phares* dos muros de Balthazar.

Mas o *seu* Moraes tinha ás vezes boas piadas. Lembro-me de uma pequena rusga que elle teve com o curador de orphãos da comarca, depois juiz de direito de uma das comarcas do chamado Oeste. Demandista por temperamento, enfrornado, por isso, nessas mil e uma tricas forenses, o *seu* Moraes não podia deixar de intervir em certo inventario que dizia respeito a um membro de sua familia. Resingão como sempre, encrencou, logo no primeiro incidente que appareceu, com aquelle representante do ministerio publico, que, não lhe conhecendo ainda o genio, ficou de sobre-aviso (15). Um bello dia appareceu o *seu* Moraes em casa do mesmo, no largo da Matriz, onde está hoje, parece, uma casa de saude, reclamando uma providencia qualquer, que obrigaria o curador a ir ao cartorio. O curador de orphãos não quiz attendel-o: — não era mais hora de expediente, estivera no jury, sentia-se fatigado e o caso, alem disso, não era de urgencia. Vae, não vou, — o curador achou mais prudente pôr um ponto final na questão, que se ia tornando desagradavel, e por isso alvitrou:

— “Só se o senhor me mandar um carro...”

O *seu* Moraes não gostou da brincadeira, que lhe pareceu de mau gosto, e resmungou:

— “Vou lhe mandar mas é o balão do Augusto Severo!...”

E abalou.

Aqui em São Paulo, no antigo forum da rua Onze de Agosto, conversava com o Adalberto (16), que tinha á sua frente uns autos para despachar. Quando o juiz, sem interromper a palestra, lançou

(14) Tenente Evaristo José Garcia, já mencionado em outra nota.

(15) Doutor Antonio Furtado da Rocha Frota, foi promotor publico em Batataes, tendo sido anteriormente em Caconde e posteriormente em Nuporanga; foi depois disso juiz de direito em Cajuru’ e Franca, já fallecido.

(16) Doutor Adalberto Garcia da Luz, filho do tenente Evaristo José Garcia; promotor publico em Tatuhy, promotor publico e juiz de direito na Capital, depois desembargador, hoje aposentado.

o despacho "S.P.voltem", o *seu* Moraes não quiz saber de mais conversa, despediu-se e sahiu.

Tendo occupado, no antigo regimem, cargos de importancia, electivos e de nomeação, *seu* Moraes alheiou-se por completo da politica depois da proclamação da Republica. Não mais concorreu a qualquer posição. Não mais disputou logar algum. Nem mesmo um posto de coronel, major ou capitão da muito briosa e sempre saudosa Guarda Nacional procurou obter, como tanta gente. Alferes daquelles bons tempos, — em que possuir essa patente representava alguma coisa, — alferes sempre se conservou.

Mudou-se mais tarde para São Simão, onde o filho era vigario e elle se dedicou á lavoura. Em 1898, mais ou menos, mudou-se para São Paulo, onde teve a dita de festejar o 60.º anniversario de seu casamento com a *prima* Jesuina (17) e falleceu ha annos.

(17) D. Jesuina de Paula Moraes, já fallecida, era irmã do finado Joaquim Pereira Lima, referido em outras notas.

Simpliciano Ferreira

Simpliciano Simplicio da Simplicidade Simples — era como costumavam chamar o Simpliciano Alves Ferreira, que por longos annos residiu em Batataes, de onde era natural, e que ainda cheguei a conhecer, morando numa casa do lado par da rua Direita, no trecho comprehendido entre as ruas do Commercio e Coronel Pereira, logo adiante da casa do Rufino (1). Era um homem essencialmente bom, de uma boa fé que tocava as raizas da simplicidade, levando a vida um tanto flauteada, razão por que nada conseguiu de seu.

O Simpliciano vinha a ser tio do Neca Alves (2), mas nem por isso deixava de andar constantemente ás turras com elle. Brigaram uma occasião, briga feia, na casa de negocio do Néca. Este chamára ao tio *Simplicio* e o tio déra ao sobrinho o nome de *Pato tonto*. Foi o bastante. O Néca munuiu-se do metro e o Simpliciano de um pedaço de bambú, e, um atraz do balcão, o outro do lado de fóra, andavam, de lá para cá, em toda a extensão da loja, gesticulando como posses-sos, brandindo as armas contundentes que empunhavam, e ameaçando-se mutuamente: — “eu te arrebento os ossos”, “eu te quebro a cabeça”. Afinal, a dona Cóta (3), que tentára debalde acalmar os briguentos, teve a feliz idéa de ir chamar o tenente Joaquim Alves (4), que morava visinho, e... foi agua na fervura. O Néca recolheu-se ao interior da casa, resmungando:

— “Este simplorio excommungado!...”

E o Simpliciano lá se foi, para a casa do Chico Ourives (5), que era perto, a xingar:

— “Este pato tonto me paga!...”

Logo depois fizeram as pazes e reataram relações commerciaes. Como o Néca, o Simpliciano era tambem negociante, estabelecido na mesma rua, e toda gente póde fazer idéa da especie de negociante que elle era: — não sabia a quantas andava, todo mundo lhe devia, e a escripta da casa constava de um borrador, um diario e um razão com dois ou tres assentamentos apenas, e esses mesmos incompletos. Um dia o Néca Alves appareceu-lhe em casa. Precisava acertar seus

(1) Rufino José Morato, velho professor de musica; foi juiz de paz, delegado de policia e lavrador, já fallecido.

(2) Manoel Joaquim Alves da Costa, já referido em outras notas.

(3) D. Maria Alves da Costa, esposa do Néca Alves.

(4) Coronel Joaquim Alves da Costa, de quem tratei em outro capitulo.

(5) Francisco José de Souza, dono de uma ourivesaria, morava na rua Direita, onde está hoje o Theatro Santa Helena.

negocios. Havia viver e morrer. Elle devia ao Simpliciano, este devia a elle, de modo que um encontro de contas se impunha. O Simpliciano concordou inteiramente e, indo á escrivania, no fundo da loja, abriu a esmo um daquelles tres livros e apparentou uma verificação que estava longe de ser feita, pela razão simplissima de não haver lançamento algum.

— “Em quanto julga você que anda sua conta?...”

O Néca calculou mentalmente:

— “Homem, eu faço idéa de que ande ahi por uns trezentos e cincoenta mil réis, mais ou menos.”

— “Isso mesmo. São trezentos e setenta e sete mil e quinhentos réis.”

— “Então vamos até lá em casa, verificaremos sua conta e liquidaremos tudo.”

— “Pois vamos.”

E foram os dois. Mal chegados, o Simpliciano tratou de saltar o balcão e metter o nariz nos livros que o Néca ia consultar e trazia irreprensivelmente em dia.

— “Cá está, — disse o Néca, — seu debito: — duzentos e oitenta e cinco mil réis justos.”

— Muito bem. Quer dizer que tenho um saldo a meu favor de noventa e dois mil e quinhentos réis?...”

— “Isso. Toma lá e estamos quites.”

E o Néca passou-lhe o dinheiro. E o Simpliciano não foi, dessa vez, tão simples como parecia ser.

A senhora do Simpliciano (6), perita doceira, costumava fazer uns doces deliciosos para vender, mas o marido não concordava que ella os expuzesse em sua casa de negocio, cujo ramo não condizia com aquillo. Desmoralisava-lhe o estabelecimento. Que a mulher mandasse vendel-os na rua. E o filho mais velho, o Americo (7), bandeija á cabeça, sahia a vender a mercadoria. Os doces tinham franca accettazione, mas o Americo era um moleque endiabrado, em lugar de ir de porta em porta, como lhe recommendava dona Carolina, reunia u'a malta de garotos da mesma idade, de patente como elle, e tocavam para o campo proximo, atraz do cemiterio, onde passavam o dia jogando biróca (8). A molecada ia aos doces e a rasoura era completa. A' tarde, regressando á casa e tendo de prestar contas do que consumira mas não vendera, o Americo entrava sorrateiro na loja e ia á gaveta do pae, que, como tudo alli no negocio, ficava ao Deus dará, sem chave, com o dinheiro esparramado e sem ser contado. Tirava o que era preciso, e ás vezes mais do que era preciso, e ia, muito lam-

(6) D. Carolina Alves Ferreira, já fallecida.

(7) Tenente Americo Alves Ferreira, ou melhor, o Tenente Americo, muito querido em Batataes, onde foi negociante e agente do correio; mudou-se depois para Ribeirão Preto, onde é capitalista.

(8) *Biróca* — jogo de botões.

peiro, prestar contas á mãe. E a dona Carolina, muito crédula, comentava satisfeita:

— “Que menino esperto para vender. Volta com a bandeija limpa e traz o dinheiro certinho!...”

Numa róda, na sala do hotel da dona Clara (9), certa manhã, como a conversa se prolongasse e elle tivesse necessidade de ir, a negocio urgente, á casa do Albano (10), na rua da Outra Banda (hoje Duque de Caxias), desculpou-se:

— “Agora, com licença, preciso ir ao Albano.”

— “Ainda é cedo”, — disseram-lhe os amigos.

Simpliciano puxou do relógio e deixou escapar uma interjeição de espanto:

— “Uai!...”

— “Que foi?!...”

— “Querem ver que cahiu um dos ponteiros... O meu relógio está com um ponteiro só.”

Examinaram o relógio: — era meio dia em ponto.

Resolveu um anno dar um passeio á Capital, que, a julgar pelo que ouvia de toda gente, devia ser um paraíso aberto. Aproveitou a companhia do João Teixeira, de quem era visinho, compadre e amigo, e tocou para São Paulo, hospedando-se no antigo Hotel d’Oeste, do velho Meza (11). O trem chegava, naquelle tempo, ás oito da noite e o Simpliciano, extenuado, cuidou de se atirar na cama. Mas, logo na manhã seguinte, abrindo a janella do quarto, ficou extasiado diante de um jardim gradeado que havia no largo de São Bento, sombrio, cheio de arvores e repuxos:

— “Que maravilha!...”

Nisto appareceu, das bandas da rua Florencio de Abreu e em direcção á de São Bento, um daquelles bondinhos da Viação Paulista.

— “Olha, João, olha, que engraçado. Como correm aquelles burrinhos. Até parecem aquellas beatas de Batataes quando vão p’r’a missa!...”

Sahiram a passeio. Foram ao jardim da Luz, onde ficou pasmado diante dos lagos e dos cysnes, da vagarosidade de um bicho-preguiça, do panorama que desfrutou do alto do *Canudo*, a famosa torre do Frei Germano (12), demolida em 1898. Lá de cima, debruçado á grade, teria achado o mundo pequenino...

No Café Java, velho e tradicional, no largo do Rosario, tão embebido ficou naquelles espelhos faiscantes que não se lembrou de virar a chicara e deitou-lhe assucar no fundo.

(9) D. Clara Escobar Mendes, fallecida em S. Paulo, tendo residido em Batataes muitos annos; era sogra de Arthur Albino Correia.

(10) Albano José de Almeida, muito estimado na localidade, onde teve sellaria e occupou os logares de vereador e eleitor da freguezia.

(11) Francisco Calixto Meza, já fallecido.

(12) Frei Germano foi um grande scientista francez, professor do Seminario Episcopal; esteve em Batataes algumas vezes.

Mas de tudo que viu o que mais o encantou foi o gaz. O gaz era tudo. Ficou maravilhado: — era abrir uma torneirinha, chegar um phosphoro aceso e — puff! — pegava fogo. E que luz: — clara, bonita, sem o cheiro irritante do kerozene. Sem falar no asseio, pois com o gaz era uma limpeza absoluta, ao passo que o lampeão belga pingava kerozene, emporcalhando tudo quanto estivesse debaixo delle. Quando a temporada tocava o fim, não se conteve e chamou o *garçon* á parte. De onde vinha o gaz para o hotel?

— “De onde ha de vir?!... Da fabrica.”

— “Pois tem fabrica de gaz aqui?!...”

— “Como não?... E’ o gazometro, então o senhor não sabe?...”

Elle procurou logo o companheiro de excursão e convidou-o a irem até o gazometro.

— “Ao gazometro?!... Mas lá não ha nada que ver...”

— “Não é por isso; não é lá que fazem o gaz?...”

— “E’.”

— “Pois eu quero ver se compro umas garrafas de gaz p’ra levar p’ra Batataes. Se dér bom resultado, não uso mais kerozene.”

Uma tarde, num dos seus giros habituaes de todos os dias, foi descansar um momento em certo estabelecimento commercial da rua do Castello, cujo proprietario, seu amigo particular, não se encontrava na occasião. Substituiu-o, na loja, a filha, que, atraz do balcão, se entretinha com um trabalho de agulha. Conversa vae, lorótas vêm, o Simpliciano, que havia tirado do bolso um pedaço de papel, escreveu, a lapis, uma phrase — “Meu amor” ou “meu bem”, não tenho bem certeza. E dobrando o papel em quatro, atirou-o no cóllo da moça. Esta tomou o bilhete, leu-o, corou e censurou, entre surprehendida e indignada:

— “O senhor está louco?!...”

— “Uê!... Não é assim que o Leopoldo (13) do Paulista (14) faz?...”

Cansado de labutar sem proveito em sua terra, onde ninguem é propheta, mudou-se para Casa Branca, com toda a familia. Quando regressámos de uma viagem a São Paulo, no dia 1.º de dezembro de 1892, elle lá estava, firme, na estação daquella cidade, para abraçar meu pae. Tempos depois a febre amarella assolou aquella encantadora localidade e fez uma limpeza em regra. Morreu-lhe um dos filhos, o Zéquinha (15). E depois o Simpliciano, o bom Simpliciano Simplicio da Simplicidade Simples, pagou o seu tributo. E a familia, desolada, retornou, sem o chefe, para Batataes.

(13) Leopoldo Alves Pereira, já fallecido, foi negociante e lavrador.

(14) Antonio Alves Pereira Alvim, já fallecido; apesar de mineiro de nascimento, era conhecido geralmente por Antonio Paulista. Foi negociante e lavrador, tendo deixado os seguintes filhos: Guilherme, Torquato, Norberto e Leopoldo.

(15) José Alves Ferreira, era o terceiro filho de Simpliciano.

Alvaro da Cunha

Haverá alguém que, tendo vivido em Batataes até mil novecentos e seis, não tenha conhecido alli o Alvaro da Cunha?... Asseguro que não, porque elle foi uma das pessoas mais conhecidas na terra do Germano Moreira. Sem ser batataense nato, era-o, todavia, pelo coração. Nasceu, parece-me, em São José do Barreiro, filho de Cunha dos Cunha de Vasconcellos, nome que sempre me fez especie. Cunha da Cunha, inda ia, mas dos Cunha... Não sei quando se transferiu para aquella localidade da alta Mogyana. Quando me entendi por gente já elle lá morava, segundo me parece, de ha muito. Não sei qual a casa ou quaes as casas que occupou em seus primeiros tempos. Lembro-me, porem, muito bem, d'elle na casa do largo da Matriz, esquina da rua Barão de Cotegipe, em frente á mangueira, que não mais existe, casa que vinha de ser desoccupada pelo Firmianinho Braga (1), onde funcionaram a redacção e officinas do *Treze de Maio* (2) e tambem morou, antes, o Evaristo Garcia (3). Foi nessa casa que appareceu a celebre assombração do assobio, que abalou a cidade inteira, e que a gente batataense apreciou, pela vez primeira, e isso quando o Alvaro já alli morava, o phonographo, o primitivo aparelho, mettido numa caixa de vidro, com pilhas, cylindros e os canudinhos de borracha.

O Alvaro deixou regular descendencia: — o Alfredo (4), o mais velho, o Ascanio (5), o Antonio (6), o Anselmo (7), o Alcino (8), os dois ultimos meus collegas de collegio e companheiros de infancia, alem de uma filha. Nos ultimos tempos desempenhava as funcções de

(1) Firmiano Braga, que occupa um capitulo destas chronicas.

(2) O *Treze de Maio* era um hebdomadario redigido por Affonso Froemberg, com a collaboração de Soares Junior, Armando Teixeira Santos, Guilherme Voss, Adolpho Affonso, etc.

(3) Tenente Evaristo José Garcia, já citado em outras notas.

(4) Alfredo Alvim da Cunha, foi pharmaceutico em Brodowsky e Batataes, onde tambem foi professor municipal.

(5) Ascanio Alvim da Cunha, foi escrivão de paz algum tempo.

(6) Antonio Alvim da Cunha, negociante em S. Paulo, falleceu no Hospital de Juquery.

(7) Anselmo da Cunha, falleceu muito jovem, em 1899.

(8) Alcino da Cunha, redigiu em Batataes o jornal *Chrysalida*, mudando-se annos depois para Franca.

avaliador, louvado e arbitro no fôro, sendo seus serviços preferidos pelos melhores advogados da comarca.

Comia muito, gostava de comer, sabia comer. E depois de comer como um frade, era um velho habito que elle tinha: — estirava-se num sofá e dormia seu quarto de hora. Organisaram, pelo andar de 1894, uma sociedade constituída por varias pessoas de destaque e cujo fim, unico e exclusivo, era a realisação, mensalmente, de uma ceia em casa de um dos socios. E ao fim de cada ceia, o socio da mesma incumbido indicava aquelle que teria de se haver com a papa-rôca seguinte. O primeiro encarregado foi o Eduardo Garcia (9) e, depois de dez ou doze ceias, a sociedade foi dissolvida, porque, indicado o Astholpho Noronha (10), este fugiu aos moldes até ahi adoptados, pondo de lado os nossos pratos, genuinamente brasileiros, e os vinhos tambem nossos. E não contente com isso, deitou discurso, frisando, com muita falta de tacto, que a sociedade começara com tutú de feijão e elle ia offerecer champanha. Houve desgostos e ninguem mais cogitou de ceias. O Alvaro da Cunha era socio e se não chegou a ser indicado para offerecer alguma, em todo caso participou de todas e em todas punha uma nota alegre, com suas piadas e sobretudo com as trovas que elle sabia cantar. Recordo-me da ceia que coube a meu pae levar a effeito e na qual o Alvaro cantou coisas do arco da velha, acudindo-me á lembrança uma que começava

Gosto de ti porque gosto

e de um lundú, que elle cantou dando pulinhos na cadeira:

*Peixinho do rio,
Camarão do mar!...*

Da ceia havida em casa do Arthur Albino (11), elle sahiu carregado, pois, tendo dado ponto um dos socios, elle accumulou os dois pratos, o que importa dizer que comeu como quatro frades.

Quando o Chico Nogueira (12) pediu exoneração do cargo de collecter municipal (thesoureiro), o Alvaro foi nomeado para substituí-lo. Mourejou algum tempo entre as traças que infestavam o papelorio da collectoria e que, desde o tempo do Camillinho (13), antecessor do Chico Nogueira, vivia atirado, aos montes, num cubiculo dos altos da cadeia nova. A escripturação, como a arrecadação, andava á matrôca e não seria o Alvaro, sem duvida, quem, com a sua pro-

(9) Coronel Eduardo Garcia de Oliveira, já referido em outras notas.

(10) Major Astolpho Ribeiro de Noronha, lavrador e capitalista, genro do Barão de Casa Branca.

(11) Arthur Albino Correia, portuguez de nascimento, foi negociante durante longos annos, mudando-se em 1900 para S. Paulo, onde foi funcionario do Palacio do Governo e falleceu em 1933.

(12) Francisco Carlos Nogueira, natural de Ayruóca (Minas), já fallecido.

(13) Camillo Lopes de Oliveira, já fallecido; foi negociante e lavrador.

verbial pachorra, iria acertal-a. Não digo que a deixasse peor, mas deixou-a como estava, até que o Joaquim Marques (14) poude dar uma arrumação naquillo. Um bello dia appareceu, na secção livre d'*A Penna*, jornal domingueiro do Yvão (15) um “ha quem affirme”, mexendo, talvez um tanto indiscretamente, entre outras pessoas de relevo, com as funcções municipaes do Alvaro e do João Alexandre (16). Essa mofina foi parar nos dominios da justiça, houve exhibição de autographo, processo, jury e quem pagou o pato foi o commandante do destacamento (17), que afinal servira de testa de ferro. O Alvaro não gostou da brincadeira e pediu demissão. E não quiz saber mais de emprego publico.

Uma occasião appareceu-me elle na secretaria da Câmara Municipal, para requerer ao prefeito, então intendente municipal, a abertura de agua em sua residencia. Dei-lhe papel, tinta e penna, elle acavallou um enorme *pince-nes*, rabiscou o requerimento e no fim datou e assignou: — “Batataes, tantos de tantos. O cidadão, Alvaro da Cunha.”

Sentindo-se incommodado, soffrendo fortes dores, que não o deixavam sosegado, mas não querendo ir ao medico, procurou um pharmaceutico, o Zéca Negrão (18), que o acalmou:

— “Isso não é nada, são gazes.”

O Alvaro voltou para casa, mais tranquillo com o que lhe disséra o amigo. Mas raciocinou:

— “Se é gaz deve pegar fogo. Logo seria de vantagem conservar-o para accender quando preciso. Experimentemol-o.”

E cuidou de fazer a experiencia. A' noite, sósinho no quarto, collocou uma véla accessa no meio do aposento, abaixou-se a geito e... assoprou. Mas não pegou fogo, como elle esperava. Pelo contrario: — o assopro apagou a véla e, o que foi peor, — dizia elle —, ainda por cima ficou chamuscado.

A's vezes, faltando-lhe o somno, á noite, punha-se a parafusar, inventando coisas do arco da velha, que, postas em pratica, seriam, na opinião delle, de notavel alcance e altamente proveitosas para a humanidade. Uma occasião tive que acompanhar meu pae a Ribeirão Preto, aonde foi assistir á primeira representação, no *Salão Barroso*,

(14) Tenente-Coronel Joaquim Marques de Souza, já referido em outra noat.

(15) Yvão Nolf Filho, professor, jornalista e agricultor, belga de nascimento, constituiu familia em Batataes; fundou em S. Paulo o *Instituto Moderno*, na praça da Sé.

(16) João Alexandre Pietscher, já fallecido, foi funcionario municipal e lavrador.

(17) Era o sargento Octaviano, muito popular em Batataes.

(18) Major José Alves de Oliveira Negrão, pessoa das mais distinctas, foi pharmaceutico, chefe politico, delegado de policia e um dos redactores d'*O Nacionalista*; já fallecido.

pelo mambembe do Sepulveda (19), de uma comedia em tres actos, intitulada *Barão de Potosky*, da autoria do doutor Washington (20). Alem do autor, tambem foram, com o mesmo proposito, o doutor Antonio Bento (21), o doutor Celidonio (22), o doutor Faria (23), o Edmundo (24), o Alvaro, outros mais. O espectáculo, francamente, não agradou. O desempenho foi um fracasso e os artistas que tomaram parte na comedia, — o Sepulveda, a Dolores (25), Grijó (26), Sacramento (27), Machado (28) e outros, — enterraram a peça com todas as pompas funebres, a despeito, commentava posteriormente, e com malicia, o doutor Celidonio, dos esforços do doutor Bittencourt (29) em animar a sala com suas palmas. O espectáculo, porém, não interessa ao nosso caso, mas o jantar que o antecedeu, na *Rotisserie* da rua São Sebastião. Ahi, no seu elemento, o Alvaro não teve papas na lingua. E deu noticia então de um ventilador que inventára, aparelho pratico e utilissimo, de custo barato, se chegasse a ser fabricado. Contou tambem de uma outra invenção sua: — a mesa giratoria e mecanica, munida de tantos botões quantos os logares; apertado o botão, a mesa giraria, pondo diante do “apertador” o prato de que elle desejasse servir-se.

— “Mas se na occasião outro estiver servindo do mesmo prato?” — indagou o doutor Faria.

— “Ah, a pessoa espera que o outro se sirva para depois ir ao botão.”

Nessa occasião o doutor Washington revelou, entre alegres commentarios, outra invenção do Alvaro: — revestir de tijollos e cimento os cafezaes. E o Alvaro justificou satisfatoriamente o projecto:

— “Muito economico. Atijolando-se os cafezaes, poupa-se o serviço da capina.”

Não ficou só nesses que ficam narrados, pois muitos foram seus inventos. Um delles foi a dentadura sem dentes, que consistia numa

(19) Actor Guilherme Sepulveda, já mencionado em outra nota.

(20) Dr. Washington Luis Pereira de Souza, referido em outras notas.

(21) Dr. Antonio Bento Domingues de Castro, austero e integro juiz de direito da comarca, onde serviu por longos annos; era natural de São Luiz de Parahytinga e falleceu como juiz de direito em Campinas.

(22) Dr. Joaquim Celidonio Gomes dos Reis, foi, em Batataes, onde constituiu familia, vereador, presidente da Camara, advogado e lavrador; é hoje desembargador aposentado.

(23) Dr. Ovidio Faria Lemos, medico distinctissimo; mudou-se depois para Santos, já fallecido.

(24) Edmundo Teixeira, já referido em outras notas.

(25) Actriz Dolores Lima, referida em outra nota.

(26) Actor Grijó, seguiu depois para Portugal.

(27) Leonardo Sacramento, actor e comediographo, já fallecido.

(28) Domingos Machado, teve depois um cortume em Ribeirão Preto; já fallecido.

(29) Dr. Macedo Bittencourt, distincto advogado em Ribeirão Preto; foi depois lente do Gymnasio do Estado e ministro do Tribunal de Contas do Estado, já fallecido.

lamina de prata, bem afiada, com a qual a mastigação seria uma belleza. Esse invento, porem, elle deixou ficar de lado: — é que a dentadura podia cortar a ponta da lingua do individuo que a usasse.

Em casa do João Teixeira, onde se achava em visita a pessoa enferma, cavalheiro dos mais conceituados na sociedade local, numa manifestação de descabido orgulho, arrotou esta basofia: — mercê de Deus, em sua familia, comquanto numerosa, não se via uma mancha sequer. O Alvaro, tambem presente, ouvindo essa explosão de vaidade, não se poude conter, pois a philaucia ia ao desaforo, e foi de uma franqueza rude:

— “Sim, ellas são tantas, mas tantas, que juntaram umas com as outras, de modo que ninguem distingue mais.”

Annos depois de minha mudança para São Paulo, elle aqui appareceu, já viuvo, muito velho, mas á cata de uma viuva rica para casar, pedindo a todos os conhecidos informações nesse sentido. De uma hora para outra, entretanto, sumiu. Para onde foi nunca me foi dado saber. Será que elle conseguiu a desejada viuva rica?...

Padre Joaquim Theodoro

Não me parece justo que nestas desalinhavadas chronicas, dictadas pela minha saudade, fique esquecido o padre Joaquim Theodoro. O padre Joaquim Theodoro era o conego Joaquim Theodoro de Araujo Tavares, conhecido e estimado tanto em Batataes como em São Paulo. Companheiro de seminario do padre Joaquim (1), de quem se tornou amicissimo, nunca deixou de ir a Batataes, que era como se fosse sua propria terra. Residiu mesmo não poucos annos na velha cidade, como coadjutor do vigario e amigo. Em 1870, quando minha mãe alli chegou, como professora publica, recommendada ao padre Joaquim, já encontrou o padre Joaquim Theodoro naquellas funcções. Por signal que nessa occasião occorreu um caso, por ella sempre recordado. Poucos dias depois de sua chegada, foi realisado, com extraordinaria pompa, o baptisado do Juvenal (2), primogenito do Eduardo Garcia (3), e o acto foi celebrado pelo padre Joaquim, acolytado pelo padre Joaquim Theodoro e pelo Néca do Carmo (4), que, mettido numa respeitavel rabona e de toalha no hombro, era solícito em auxiliar o celebrante. Recem-chegada no logar, minha mãe dirigiu-se á dona Lolósa (5) e perguntou:

— “Aquelle é o vigario, aquelle é o coadjutor, e aquelle outro padre quem é?...”

A dona Lolósa riu muito e informou:

— “Aquelle é meu marido!”

Ainda nesses primeiros tempos, minha mãe foi convidada por dona Marianna (6), de quem se fizera e sempre foi muito amiga, tanto que acabaram comadres, para participar de um *pic-nic* para os lados do ribeirão do Saltador e no qual tomaram parte, alem de diversas familias, aquelles dois sacerdotes. O local escolhido era distante e, na volta, dona Marianna affrouxou. O padre Joaquim Theo-

(1) Conego Joaquim Alves Ferreira, já referido em outras notas.

(2) Juvenal Garcia de Oliveira, foi em Batataes socio da firma Oliveira, Filho & Companhia e commissario em S. Paulo, onde falleceu em 1895.

(3) Coronel Eduardo Garcia de Oliveira, já referido em outras notas.

(4) Coronel Manoel Theodolindo do Carmo, já referido anteriormente.

(5) Dona Anna Theodolinda de Oliveira, esposa do coronel Manoel Theodolindo do Carmo, fallecida em S. Paulo.

(6) Dona Marianna Alves Freire, esposa do pharmaceutico João Baptista Freire, ambos referidos em outras notas.

doro, que era de grande resistencia physica, abaixou-se, fel-a' sentar-se nas suas costas e, nessa posição sobremodo incommoda, caminhou os dois ou tres kilometros que faltavam para chegarem á Porteira, na entrada da povoação. Dona Marianna agradeceu-lhe a conducção e o padre Joaquim Theodoro respondeu:

— “E’, sei disso, está muito obrigada, o cavallo era bom!...”

Contou o padre Joaquim que elle e o padre Joaquim Theodoro se inscreveram num concurso para provimento de parochias. O padre Joaquim Theodoro, salvo engano, pretendia a de Jundiahy. As provas foram duras e o padre Joaquim Theodoro, que pouco ligava a coisas taes, espichou-se á vontade. E o padre Joaquim, sorridente, commentava:

— “E o senhor D. Lino (7) era tão bom, tão santo, tão caridoso, que apenas o reprovou!...”

Porque o padre Joaquim Theodoro, muito boa pessoa, todavia não furava paredes nem ia lá das pernas. Os seus sermões eram tremendos. Pulava no pulpito, atirava punhadas, trovejava... De um sermão me recordo, — porque foi muito commentado, — em que elle, fazendo o panegyrico de Nossa Senhora, usou desta figura:

— “Maria, volve a nós o teu holophóte!...”

O holophóte de Maria!...

Na sexta feira santa costumavam distribuir-lhe a incumbencia de occupar o pulpito á direita da capella mór, por occasião da missa, emquanto o padre Evaristo (8) ficava em frente, no outro pulpito, e o padre Joaquim no altar. Era de ver o padre Joaquim Theodoro cantar estentoricamente o seu cantochão naquellas alturas, sovando com as manoplas fechadas a guarda do pulpito. Um anno, como fizesse muito calor, desceu, ao fim da cantoria, suando em bicas e exclamou, para o Antonio Rosa (9), que se encontrava perto:

— “Vá fazer calor nos quintos!...”

Numa daquellas procissões de antigamente, apparatusas, com muitos andores, muitos estandartes e guiões, anjos e virgens, o padre Joaquim Theodoro, quasi sempre encarregado de dirigir a organisação do prestito, reparou que os cavallos de uns colonos, amarrados nos coqueiros em frente da casa do Chico Justino (10), perturbavam a passagem dos fieis em alas. E não esteve com pannos quentes: — tomou de um pau e desandou ás bordoadas na cavalhada, que, arrebatando os cabrestos, desabalou largo abaixo, em corrida desenfreada.

— “Estes italianos!” — bufou o padre.

(7) D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, bispo de S. Paulo; chegou a Batataes, em visita pastoral, no dia 10 de julho de 1887.

(8) Padre Evaristo de Paula Moraes, já referido em outra nota.

(9) Capitão Antonio Ferreira da Rosa, também referido em outras notas.

(10) Capitão Francisco Justino de Paiva, foi negociante, lavrador, membro do directorio politico e collecter federal.

Quando foi á scena, no theatro local, um drama do doutor Altino (11), intitulado *A Irmã de Caridade*, toda gente acorreu áquella casa de espectaculos para apreciar o primeiro trabalho do jovem conterraneo, naquelle tempo simples estudante de direito. E foram tambem os padres que se encontravam na cidade, pois era época de festa: — o padre Joaquim, o padre Evaristo, o padre Messias (12), o padre Joaquim de Siqueira (13) e o padre Joaquim Theodoro, que occuparam o camarote em frente ao palco, na segunda ordem. Nisso entrou a senhora do juiz de direito da comarca (14), vestida de preto. O padre Joaquim Theodoro assoprou aos outros:

— Ahi vem um collega!"

Os outros padres, machinalmente, sem que lhes acudisse que na cidade não se encontrava nenhum outro padre senão os que tomavam o camarote 27, levantaram-se ao mesmo tempo e só então deram pela partida do companheiro, sempre disposto a brincadeiras taes. E a senhora do magistrado agradeceu, com um gracioso sorriso, o gesto amavel dos reverendos.

Começou a representação da peça. No 2.º acto, o Trovoada (15), que fazia o creado *Frank*, divisando o *Ermitão* que se approximava, dizia:

— "Lá vem um frade velho e feio que até parece maracujá murcho!..."

Entrou o *Ermitão*, que era o Domingos Dentista (16), com umas barbas longas que attingiam o umbigo. E o padre Joaquim Theodoro:

— "Maracujá aquillo?!... Cará de barba!..."

Viajando de São Paulo para Batataes, naquelles tempos idos em que não havia rapido nem nocturno e era obrigatorio o pernoite na capital do café, o padre Joaquim Theodoro, na baldeação em Campinas, tomou logar no mesmo carro em que seguiam alguns caixeiros-viajantes, tagarellas e mettidos a engraçados, como eram todos os de sua raça, felizmente hoje, ao que supponho, desaparecida. Um delles, portuguez de "b" por "v" e por isso mesmo o mais "espiritoso", logo que deu com os olhos no padre, proclamou:

— "Más raios o parta, qu'hoje hai d'habeire disastre no caminho..."

Como os outros olhassem intrigados, ajuntou:

— "Bai aqui um padre!..."

(11) Dr. Altino Arantes Marques, já referido em outras notas.

(12) Conego Messias de Mello Tavares, tambem referido em outras notas.

(13) Monsenhor Joaquim Antonio de Siqueira, sacerdote virtuosissimo, natural de Santa Branca, fallecido como vigario geral da diocese de Ribeirão Preto.

(14) Dr. Adeodato de Andrade Botelho, mais tarde director do Banco do Brasil.

(15) Antonio Joaquim da Silva Trovoada, referido em outras notas.

(16) Domingos José Pereira, dentista, já fallecido; foi para Batataes em 1884, mais ou menos.

E de vez em quando uma alfinetada no padre, até que, cansado de grunhir, o animal entregou-se suinamente ao somno. A' noitinha chegou o expresso a Ribeirão Preto. Saltaram todos e, na plataforma, o padre Joaquim Theodoro segurou o cometa pelo braço e, num tom de voz que bem denunciava os seus propositos, disse-lhe nas bochechas:

— “Olhe, moço, como viu, não houve desastre no caminho. Agora se você quer ver para que serve um padre, diga.”

O viajante desculpou-se, desbarretou-se e muscou-se.

Em 1898 morreu o padre Joaquim. O padre Joaquim Theodoro soffreu muito com esse doloroso acontecimento. Recebendo o ultimo alento do seu velho companheiro, velando-lhe os sagrados despójos, por occasião do enterro, na missa do setimo dia, chorava como criança.

Passaram-se os dias. O povo tinha como coisa decidida que o successor do chorado vigario fosse o padre Miguel (17), tambem muito amigo do padre Joaquim e tambem muito estimado na cidade. Foi nomeado, porem, o padre Bento (18). O povo fez greve: — niu-guem foi recebê-lo á estação, ninguém o visitou. E o padre Bento dois dias depois deixava a cidade, desapontadissimo. A autoridade diocesana nomeou então o padre Vicente (19), que, recebido com algum entusiasmo, não demorou em mostrar seu temperamento de lutador e cuidou de desfazer quasi tudo que seu antecessor realizára. Um de seus primeiros actos foi retirar, do logar de destaque em que o povo o collocára na sachristia da matriz, removendo-o para logar mais ou menos escuso, o retrato a oleo do padre Joaquim. E acabou prohibindo que o povo fosse, como costumava, resar junto á sepultura do mesmo, na capella-mór, á esquerda, e, ainda mais, mandou collocar bancos sobre a mesma. O padre Joaquim Theodoro, por mal dos peccados, vae um dia á igreja, vê aquillo tudo, sua indignação attinge o auge. Corre á sachristia e encontra o vigario escrevendo. Agarra-o pela volta e, apezar da compleição robusta deste, levá-o até a capella-mór, empurra-o para os bancos alinhados sobre a sepultura e exige, em altas vozes, que ponha um paradeiro áquella falta de respeito a u'a memoria para todos sagrada. E não foi ás bofetadas graças á intervenção opportuna de uns frades dominicanos.

Uma noite, alguns annos depois, atravessando o largo da Matriz, mergulhado na escuridão, divisei, a certa distancia, quatro vultos que desciam dos lados da rua Coronel Pereira. Os dois da frente se não eram mulheres, pelo menos usavam saias. Dos outros dois, um me pareceu certo moço muito conceituado na localidade, nos dias de hoje austéro cidadão com varios filhos e netos, mas o outro posso assegurar que era o padre Joaquim Theodoro, envolto num amplo lençol,

(17) Monsenhor Miguel Martins, fallecido em Taubaté.

(18) Padre Bento Dias de Almeida, fallecido, parece, em Ytu'.

(19) Padre Vicente Ferreira Passos, fallecido em Mogy Mirim e já referido em outra nota.

bancando, áquella hora tardia, o encamizado do carnaval de outras éras.

Em São Paulo o padre Joaquim Theodoro morou, a principio, na rua da Esperança, depois Capitão Salomão, desaparecida posteriormente para dar logar á praça da Sé; foi mais tarde para os lados da Avenida. Encontrei-o de novo, muitos annos depois, em circumstancias engraçadas. O padre Joaquim Theodoro era capellão da igreja dos Remedios. Um pandego qualquer entrou de chapéu na cabeça na igreja e alli se conservou nessa attitude, com o cigarro na bocca. Reprehendeu-o o padre e o sujeito lhe disse um desaforo. Reviveu o padre Joaquim Theodoro de outros tempos: — o intruso foi posto na rua por elle, aos pescoções. O malcriado foi á policia e o padre Joaquim Theodoro incommodado, mas como o chefe da segurança publica era o doutor Washington (20), o caso foi liquidado entre risadas. E como eu accentuasse que o padre Joaquim Theodoro continuava a ser sempre o mesmo padre Joaquim Theodoro, elle me respondeu:

— “Qual, já não sou o mesmo, estou velho, doente. Se eu ainda fosse o de antigamente, o typo não sahia daquelle geito: — quebrava-lhe um tocheiro nas costas!”

Travou-se uma occasião, na Confraria dos Remedios, um pleito renhido. Um grupo, aliás reduzido, chefiado pelo Jesuino de Castro (21), voltou-se aberta e ingratamente contra o director espiritual e organisou uma chapa, encabeçada por aquelle irmão, para a eleição da mesa. Outro grupo, dirigido pelo Toledo (22), manteve-se firme ao lado do padre Joaquim Theodoro. As duas facções foram ás urnas, depois de um trabalho insano, e o padre Joaquim Theodoro venceu em toda a linha. E por isso tive de ir servir como mesario, juntamente com o Pedrão (23), o Rodovalho (24), o Dyoniso Fonseca (25), o Arlindo Gloria (26) e mais outros amigos do padre Joaquim Theodoro, que nos incluíra na chapa e exigia nossa presença. A sessão de pôsse foi realisada no consistorio daquella igreja, uma vasta sala nos fundos, abrindo janellas para a rua 11 de Agosto. Falaram diversos oradores. De dois me recordo bem: — o Pedrão

(20) Dr. Washington Luis Pereira de Souza, já referido em outras notas.

(21) Capitão Jesuino Antonio de Castro, já fallecido; foi funcionario graduado do Almojarifado da Secretaria da Segurança Publica.

(22) Tenente-Coronel Carlos Correia de Toledo, foi escrivão de paz de Villa Marianna; como funcionario da Companhia Mogyana, serviu como chefe da estação de Ribeirão Preto e em Batataes esteve como telegraphista.

(23) Dr. Pedro Arbues da Silva Junior, já fallecido, foi 2.º delegado da Capital.

(24) Dr. Antonio Proost Rodovalho Junior, chefe da Empresa Rodovalho.

(25) Professor Dyonisio Caio da Fonseca, já fallecido, director do Instituto D. Anna Rosa.

(26) Capitão Arlindo de Andrade Gloria, alto funcionario da Imprensa Official.

e o Toledo. Os animos se inflammaram. E por fim o padre Theodoro tomou a palavra. A principio calmo, moderado, explicando sua conducta desde que assumira a direcção da igreja e da respectiva confraria, mas aos poucos encalorou-se e voltou a ser o que fôra naquelles tempos. Desiechou uma descompostura formidavel no grupo adverso, fragorosamente derrotado. Atirou soccos tremendos nos braços da poltrona. Virou o tinteiro do secretario, quasi borrando o livro de actas. E pouco faltou para que trepasse na mesa.

Uma tarde, já bem alquebrado, entrou no edificio da administração do cemiterio da Consolação, pelo braço do padre Messias. Tinham ido acompanhar á ultima morada uma filha do velho Moraes (27) e não podiam deixar de levar um abraço ao João Teixeira (28), que era o administrador.

— “Olá, bons olhos os vejam, meus reverendos amigos. Que fazem por aqui?”

Respondeu o padre Joaquim Theodoro:

— “Viemos ao enterro da taxinha.”

— “Como?!...”

— “Então?... Filha de prego é taxinha!...”

Doente, velho, mas sempre o mesmo.

Morreu, afinal, minado pelos soffrimentos. Teve, sobre todas, uma grande e bella qualidade: — não sabia ser hypocrita. Jamais procurou mostrar-se aquillo que não era. Nunca manifestou senão o que sentia. Ahi está porque sempre o apreciei muito.

(27) José Francisco de Moraes, de quem já tratei em outro capitulo.

(28) Coronel João Augusto Teixeira, já referido em outras notas.

José Basilio

Não conheci José Basilio da Luz. Quando elle desta voou para melhor, eu muito pouco tempo contava de vida. Sei, porem, que era irmão de dona Marianna (1), esposa do Evaristo Garcia (2) e, consequentemente, tio dos doutores Celso Garcia e Adalberto Garcia (3). Foi casado com uma filha do Zéca Tabaco (4), sobrinha, portanto, do cunhado. Embora sempre ouvisse falar nelle, pouca coisa, entretanto, sei de sua vida, que não foi longa. Diziam que dava a pélle pelas phrases difficeis, bonitas, buriladas. Lembrava certo typo que vivia ás voltas com o dictionario, decorando palavras exquistas, applicando-as a torto e direito: — erario, escritorio, amphora, lampadario, alvitente, blandicia, etc. O resultado é de facil previsão... Tive em mãos uma photographia de José Basilio, offerecida ao Eduardo Teixeira (5), levando no verso, em caprichado cursivo, uma dedicatoria expressiva, da qual me ficaram as seguintes palavras: — "... pallido reflexo de uma duradoura affeição..."

Metteu-se, aõ que parece, na politica. Foi isso nos primeiros mezes de 1885. A administração municipal estava confiada aos seguintes nove illustres vereadores, sob a presidencia do primeiro: — Antonio Augusto (6), Aurelio da Silva (7), Joaquim Antonio (8), Néca Alves (9), Paiva (10), Diogo Garcia (11), Zéca da Botica (12), Chico Damaceno (13) e Chico Justino (14). E morre o Zéca da Botica.

- (1) D. Marianna Garcia da Luz, fallecida em S. Paulo.
- (2) Tenente Evaristo José Garcia, já referido em outras notas.
- (3) Drs. Affonso Celso Garcia da Luz e Adalberto Garcia da Luz, tambem já referidos em outra nota.
- (4) José Garcia de Toledo, lavrador, já fallecido.
- (5) Eduardo Augusto Teixeira, de quem me occupo em outro capitulo.
- (6) Tenente-Coronel Antonio Augusto Lopes de Oliveira, referido em outras notas.
- (7) Aurelio Antonio da Silva, lavrador em Espirito Santo, foi depois vereador em Nuporanga, já fallecido.
- (8) Tenente Joaquim Antonio da Silva, lavrador, já fallecido.
- (9) Manoel Joaquim Alves da Costa, já referido em outras notas.
- (10) Capitão Manoel de Paiva Leite, tambem já referido em outra nota.
- (11) Diogo Garcia de Figueiredo Sobrinho, lavrador, já fallecido.
- (12) José Norberto da Silva, já referido em outras notas.
- (13) Tenente Francisco Damasceno Pereira, lavrador, genro do velho José Francisco de Moraes; já fallecido.
- (14) Francisco Justino de Paiva, já referido em outra nota.

Ordenada a eleição para o preenchimento dessa vaga, José Basilio lançou a sua candidatura. Não sei dos processos então vigentes para a escolha de candidatos, mas é de crer que a indicação do candidato fosse feita á revelia dos augustos paes do municipio e que sua eleição acarretasse desagrado. Regularmente diplomado, José Basilio procurou tomar posse da ambicionada cadeira, mas esperava-o uma desagradavel surpresa. Allegando umas tantas incompatibilidades, que impediam o seu ingresso naquelle seio de Abrahão, a Camara negou-lhe posse e recorreu da eleição para o juiz de direito da comarca. José Basilio esperneou, pois não esperava por aquella. Gritou, discutiu. Poz advogado, a principio o doutor Canuto (14') e depois, mudado este, o doutor José Feliciano (15). O recurso da Camara foi ter ás mãos do doutor Dinamerico (16), juiz municipal e de orphãos, que substituiu o de direito, doutor Pombo (17), em goso de licença. E o doutor Dinamerico, em fundamentado despacho, revelador de grande cultura, concluiu pela improcedencia do recurso. A Camara, entretanto, continuou a negar pösse a José Basilio, que appellou então para o presidente da Provincia, o doutor Almeida Couto, 47.º na ordem chronologica (18). Debalde esperou solução. Nem o presidente, nem o vice-presidente que o substituiu a 18 de maio daquelle anno (19) decidiram a questão, cujo desfecho representava para José Basilio uma questão de vida e de morte. Eternisava-se o caso, fervilhavam os commentarios, brotavam os boatos como cogumellos. E José Basilio, num dos quartos do hotel do Pedro (20), estabelecido na rua do Commercio, onde depois morou Gabriel Theodoro (21), pegado á actual Pharmacia Fernando, — desanimado, tentou, no dia 19 de julho daquelle anno, contra a preciosa existencia, envenenando-se com verde-paris. Afinal o 2.º vice-presidente da Procinvia, doutor Elias Chaves (22), mandou, em meados de setembro, que a Camara, em face da sentença do juiz, empossasse immediatamente José Basilio. A Camara era teimosa. Reuniu-se e officiou ao chefe do governo provincial, esclarecendo que José Basilio não podia tomar pösse porque estava exercendo as funcções de tabellião. José Basilio

(14') Dr. Joaquim Canuto de Figueiredo Junior, distincto advogado, mudou-se em meados de 1885 para São José de Alem Parahyba; já fallecido.

(15) Dr. José Feliciano Ferreira da Rosa, tambem distincto advogado, fallecido na Capital, onde passou a residir; era pae do doutor Armando Ferreira da Rosa.

(16) Dr. Dinamerico Augusto do Rego Rangel, foi juiz municipal em Batataes e juiz de direito em Mogy Mirim; falleceu em São Paulo.

(17) Dr. Simpliciano da Rocha Pombo, referido em outras notas.

(18) Dr. José Luiz de Almeida Couto, tomou posse a 4 de setembro de 1884.

(19) Dr. Francisco Antonio de Souza Queiroz Filho, illustre paulista.

(20) Pedro Mascagni, italiano de origem, mas verdadeiro batataense, negociante, hoteleiro e vereador, falleceu a 9 de julho de 1900.

(21) Gabriel Theodoro Lima, já referido em outra nota.

(22) Dr. Elias Antonio Pacheco Chaves, outro distincto paulista.

perdeu as estribeiras, mas dessa vez não foi ao verde-paris: — apresentou, ao juiz de direito, uma denuncia em regra contra os vereadores. Ouvido o ministerio publico, representado pelo doutor Freirinho (23), foi a queixa recebida e os vereadores recalcitrantes submettidos a processo de responsabilidade e pronunciados, com excepção do Diogo, que se retractou em juizo. Da pronuncia recorreram os vereadores para a Relação de São Paulo, que funcionava na rua do Ouvidor n.º 27, hoje rua José Bonifacio, sob a presidencia do Conselheiro Villaça (24), sendo secretario o doutor Pedro Lessa (25). O accordam não se fez demorar: — o egregio tribunal deu provimento ao recurso, os vereadores foram despronunciados. E com essa resolução ficou, *ipso facto*, reconhecida a incompatibilidade opposta e José Basilio não poude ser vereador. Procedeu-se a nova eleição, tendo sido eleito o Manoel Paulino (26), reconhecido e empossado.

Socio da sociedade dramatica local, José Basilio participou, como amador, de muitos dos seus triumphos. Foi daquelle bom tempo em que brilharam o Manoelzinho Pereira (27), o impagavel Tristão (28), o Ezequiel (29), o Tavares (0), o Nogueira (31), o Germano Nobre (32), o Virgilio (33). Do primeiro ficaram celebres duas passagens: — uma no *Captivo de Fez*, em que, mettido no habito de um frade, apanhou no ar a recommendação do ponto, para que abaixasse a frente e lesse o que tinha nas mãos, e pespegou — “Os frades oram no côro de Santo Antão abaixa e lê”; outra n’ *Os Sete Infantes de Lara*, no qual desempenhava o papel de official das guardas, que, ás scenas tantas, entrava espavorido, annunciando, aos principes de Lara, que na rua reinavam grandes disturbios, e que elle fez ás mil maravilhas, annunciando, com voz estentórica, que na rua reinavam grandes estrumes. Dos outros... Mas não se trata aqui senão do José Basilio. Tocou-lhe, num espectaculo em que foi representada a comedia *Quem casa quer casa*, de Martins Penna, o papel de Anselmo Gomes, o pae de familia, que entrava em scena na hora justamente em que se engalfinhavam sogros, genros e nóras, apaziguava os ani-

(23) Dr. Augusto Freire da Silva Junior, foi promotor publico em Bataias, onde era muito estimado; hoje reside em Araraquara.

(24) Dr. Joaquim Pedro Villaça, residia á rua Aurora, n.º 10.

(25) Dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, eminente brasileiro, professor e jurisconsulto, residia então á ladeira Santa Ephigenia, n.º 1.

(26) Manoel Paulino Paz, lavrador, já fallecido; foi sogro do sr. José Heitor de Arantes.

(27) Manoel Pereira de Oliveira, capitalista e proprietario; fallecido.

(28) Tristão Antonio da Silveira, foi dono de uma ferraria.

(29) Ezequiel Guimarães Corrêa, foi dono de uma sellaria; mudou-se depois para Rio Preto.

(30) Eduardo Clemente Tavares, alfaiate.

(31) Eduardo Nogueira, habil entalhador, autor de u’a imagem do Senhor Morto que existia na Matriz de Bataias.

(32) Germano Ferreira Nobre, lavrador, já fallecido.

(33) Virgilio Martins de Siqueira, empregado do commercio, fallecido.

mos, fazia uma prelecção de moral e... cahia o panno. Os demais papeis estavam a cargo do Néca do Carmo (34), que era um Nicolau gorduchóte, envergando uma ópa do Rosario, a dar pontapés na mulher, sem attingir o alvo, dada a escassez da perna; a mulher era o irmão d'elle, o Cozéca (35), muito alta, deselegantissima, flexivei como junco; as outras mulheres eram o João Teixeira (36) e o Martins (37), casadas respectivamente com o Trovoada (38) e o Eduardo Teixeira (39); meu pae tinha nessa peça um papel interessante: — entrava por uma porta e sahia por outra, sem abrir o bico. A entrada do José Basilio era solemne: — rompia os bastidores, chegava ao meio do palco, erguia a mão numa attitude hoje muito fascista e começava: — “Senhores!...” O ponto era o Daniel (40), que distrahidamente deu signal antes do tempo ao homem do panno de bocca, de maneira que, quando o José Basilio entrou com todo aquelle *aplomb* e levantou a dextra, o panno desceu rapido, deixando o discurso engarrafado. O José Basilio ficou simplesmente indignado. O Daniel desculpou-se. O machinista tambem. Mas o José Basilio não se conformava: — tiraram-lhe a oportunidade de um successo garantido!...

-
- (34) Coronel Manoel Theodolindo do Carmo, já referido em outras notas.
(35) José Bernardino do Carmo, já referido em outras notas.
(36) Coronel João Augusto Teixeira, já referido em outras notas.
(37) Antonio Martins, tambem já referido em outras notas.
(38) Antonio Joaquim da Silva Trovoada, tambem referido em outras notas.
(39) Eduardo Augusto Teixeira, de quem já tratei em outro capitulo.
(40) Daniel Joaquim de Oliveira, já referido em outras notas.

Marcondes Machado

O doutor José Bonifacio Marcondes Machado não é propriamente uma figura de outr'ora. Não me parece, entretanto, fóra de proposito incluí-lo nesta galeria, pois, sem ter sido de Batataes antigo, pertence, todavia, ao Batataes de ha quarenta annos, tendo sido nomeado, em 29 de fevereiro de 1896, promotor publico da comarca. Membro de illustre e conceituada familia pindamonhangabense, de honrosas tradições, não soube crear um inimigo, não deixou um desaffectedo. Calvo, ostentando descerimoniosamente a calva mais audaciosa de que tenho noticia, magro, miudinho, vivo, arrelhiador, nem por isso deixou de agradar. Dizem que de Nuporanga, para onde foi removido de Batataes, teve que sahir ás carreiras, o que não admira. Aquella terra teve, em outros tempos, privilegio da expulsão das autoridades judiarias. Que o dissésse o doutor João Leite (1).

Era um caçador inveterado. Com um só tiro da sua espingarda de confiança era capaz de fazer maiores destroços que os do glorioso barão de Maukausen. Numa caçada, nas margens do rio Pardo, o Domiciano (2), cansado de ouvir tanta potóca de uma só vez, atirou-o dentro d'agua e, se não fosse o Manoel Messias (3), certamente o nosso amigo se encontraria em situação das mais perigosas, porque as suas habilidades de nadador não correspondiam ás de caçador.

Diziam á bocca pequena que elle tinha uma aduela de menos. Passagens ha que o confirmam. Assim é que em casa do doutor Washington (4), na presença do doutor Antonio Bento (5), que não era homem para taes brincadeiras, elle, muito seriamente, poz-se a contar uma anecdota de Quevedo, mas fazendo uso de linguagem clarissima. E terminou o caso reproduzindo textualmente a phrase attribuida ao poeta:

— “Até pelo “pescoço” sou conhecido!...”

O doutor Antonio Bento ficou escarlate e abaixou a cabeça. Os presentes disfarçaram, desconversaram, procurando salvar a situa-

(1) Dr. João Leite Ribeiro Junior, foi juiz de direito em Nuporanga, Silveiras, São José dos Campos e Jahu'.

(2) Capitão Domiciano José da Silva, lavrador e commissario, já fallecido, de quem tratarei em capitulo a seguir..

(3) Manoel Messias Brandão, funcionario municipal, fallecido em 1902.

(4) Dr. Washington Luis Pereira de Souza, referido já em outras notas.

(5) Dr. Antonio Bento Domingues de Castro, já referido em outra nota.

ção em que se via o saudoso magistrado. O Marcondes não se deu por achado: — recostou-se negligentemente na cadeira de balanço, cantarolando:

*Chóra, morena, chóra,
Chóra porque não tem...*

Em um baile em casa de Gabriel Theodoro (6), se não me engano, elle reuniu um “conselho” em sala afastada, afim de que o doutor Faria (7) resolvesse um problema que se lhe afigurava intrincado: — se determinada parte do porco era annel. O doutor Faria, que abandonára as dansas para attender ao chamado do Marcondes, ficou rubro de indignação e, atirando um “ora bolas”, rodou nos calcanhares.

O Marcondes era visita assidua em casa de distincta familia da localidade, á qual, de facto, consagrava particular estima. Uma tarde, na fórma do costume, mettido no classico fraque azulado e com o chapeusinho no alto da cabeça, mal encobriendo a caréca luzidia, para lá se dirigiu. Veiu recebê-lo á porta a dona da casa, que naturalmente se achava adoentada, pois o Marcondes achou-a excessivamente pallida. E o seu primeiro cumprimento foi este:

— “Oh, a senhora está hoje que até parece uma barata descascada.”

Vi-o tambem, uma noite, no theatro, apartear constantemente, por dá cá aquella palha, conhecido pastor protestante (8), que alli realisava uma conferencia e que, com uma paciencia verdadeiramente evangelica, aturou o aparteador até final, respondendo polidamente a todas as suas objecções.

No proprio jury fez das suas. Em 1898 entrava em julgamento, pela primeira vez, um réu famoso, o José Pereira de Abreu, que tinha então como defensor o doutor Symphoroso (9). Não sei por que cargas d’agua o Marcondes encrencou e declarou, peremptoriamente, que não accusaria o réu.

— “Mas o doutor está no exercicio de seu cargo, já tomou parte nos julgamentos anteriores e não póde deixar de accusar”, — declarou, naquella fala mansa e adocicada, mas com energia, o doutor Antonio Bento.

— “Sinto-me doente... não accuso... não póssó accusar...”

— “Perdão...”

— “Peço uma licença, estou em licença, entro em licença...”

(6) Gabriel Theodoro de Lima, já referido em outras notas.

(7) Dr. Ovidio Faria Lemos, tambem já referido em outra nota.

(8) O ministro Alvaro Reis, muito conhecido na localidade.

(9) Dr. Symphoroso Lara Fernandes, advogado de larga clientela, foi promotor em Nuporanga; falleceu em São Paulo.

E não accusou, abandonando o recinto. Serviu como promotor *ad-hoc* nesse julgamento o doutor Washington Luis, funcionando nos demais o doutor Joaquim Celidonio (10).

O doutor Marcondes nutria uma grande estima pelo Aristides (11). A esse tempo estava em scena, levado pela Sociedade Joaquim Augusto, o drama *Tristezas a beira mar*, no qual o Aristides desempenhava o papel de Capitão Raivoso. Havia uma passagem que era tudo para o doutor Marcondes: quando o Aristides exclamava — “E’ o tamboire” — e marchava:

— “Ra-ta-plan-plan-plan... ra-ta-plan-plan-plan...”

Na platéa, o doutor Marcondes não se continha e acompanhava entusiasmado:

— “Bravos... Bravos!... Ra-ta-plan-plan-pian!... Ra-ta-plan-plan-plan!...”

Em 1896 esteve em Batataes, em viagem de recreio, uma senhora fluminense, carioca ou coisa que o valha e por isso mesmo muito amiga de torcer o adoravel narizinho arrebitado ás coisas locais. Martelava o piano com algum denodo e essa circumstancia levava-a a se ter na conta de um Paderewsky de saias. Ainda me lembro de uma noite, no theatro, no decurso de uma representação, em que ella, julgando que uma visinha de camarote tinha os olhos na sua graciosa figurinha, quando aquella acompanhava com interesse a peça em scena, atirou, petulantemente, esta censura, assobiando muito os “ss”:

— “Será que esta moça me acha tão bonita para não tirar os olhos de mim?...”

A batataense não gaguejou:

— “Senhorita, a fealdade quando é excessiva tambem desperta a attenção.”

A carióquinha embatucou.

A attitude pedante dessa *mademoiselle* não podia deixar de inquizilar, como inquizilou, o doutor Marcondes. Numa *soirée* em casa do doutor Lobo (12) e que a illustre forasteira honrava com sua fidalga presença, o Marcondes chegou á fala. Contou meia duzia de lérias e por fim perguntou:

— “V. Exa. como se chama?...”

— “Elzira”, — assobiou a pequena.

— “Bonito nome, muito bonito. Elzira!... Já tive uma cadellinha com esse nome!...”

Disse e raspou-se

Já em outro baile, em casa do Caetano (13), senhorita moradora na cidade entendeu de lhe dirigir uns gracejos, realmente inconvenien-

(10) Dr. Joaquim Celidonio Gomes dos Reis, já citado em outras notas.

(11) Major Aristides Arantes Marques, tambem já citado em outras notas.

(12) Dr. Joaquim Raymundo da Cunha Lobo, de quem tratarei no capítulo immediato.

(13) Caetano Leite Machado, de quem já me occupi em outro capitulo.

tes e um tanto fóra de proposito. O doutor Marcondes, muito calmamente, indagou:

— “A senhorita é batataense?...”

— “Eu?!... Oh, não!...” — disse a moça, como que esconjurando. Era até de outro Estado, nascera em São José de Alem Parahyba.

— “Logo vi... logo vi...”

— “Porque?!...”

— “Porque as moças de Batataes são todas muito delicadas!”

Quando, por ocasião dos folguedos carnavalescos de 1897, o Bino (14) levou a effeito uns bailes no theatro municipal, — na noite de terça feira, o doutor Marcondes deparou, no saguão, com uma gentil dansarina, mettida num vaporoso saióte de gaze, légitimo “Sant’Antoninho onde te porei”. Extranhou apenas que, ao contrario das demais damas presentes á fusarca, a graciosa bailarina usasse mascara, uma linda mascara de seda cor de rosa que lhe tomava o rosto todo. O doutor Marcondes atracou logo a diva, que a principio se mostrou esquiva e muda. Elogiou-lhe a cintura, um tanto farta, era verdade, mas ainda assim graciosissima. Subiu aos seios, de uma proeminencia perigosa. Gabou-lhe a cabelleira basta e sedósa. Aquelle rosto rochunchudo, que a mascara tapava mas que devia ser de anjo. Amimou-lhe a mão enluvada de branco, mas que denunciava ser um *bijou*. Por fim convidou-a para tomarem uma cerveja. A bailarina, que respondia por monossyllabos, fazendo-se rogada, a essa voz de serveja mudou de attitude e, tomando pelo braço o galanteador, arras-tou-o para o *buffet* do theatro. Tomaram assento e chegou cerveja á farta. O doutor Marcondes, que ardia por contemplar o pal-minho de rosto que a seda da mascara occultava, supplicou:

— “Tire a mascara, sim?... Assim você não póde beber...”

A dama lhe fez a vontade. Tirou a mascara e quasi a mesa tombou com o salto que o doutor Marcondes deu: — a dansarina era o João Aprigio (15).

Tinha o doutor Marcondes um desejo louco de entrar para a maçonaria, que vinha de ser installada pelo doutor Washington, com o concurso do doutor Celidonio, do Renato (16), doutor Altino (17), doutor Carlos Silva (18), doutor Raymundo (19), Augusto Fernan-

(14) Felisbino Custodio de Moraes, já mencionado em diversas notas anteriores.

(15) João Aprigio de Toledo, era official de justiça e annos depois mudou-se para Franca.

(16) Renato Jardim, já referido em outra nota.

(17) Dr. Altino Arantes Marques, tambem já referido em outras notas.

(18) Dr. Carlos Augusto de Oliveira e Silva, distincto medico, chefio do Partido Nacionalista local e redigiu *O Nacionalista*.

(19) Dr. Raymundo Justiniano de Oliveira, já referido em outra nota.

des (20), Vigilato Franco (21), Bento Arruda (22), doutor Faria Lemos, João Teixeira (23), Chico Moreira (24), Dedéca (25), Theodoro Magalhães (26), Joaquim Cassiano (27), Passig (28) e outras pessoas de destaque. Não passava festa profana na loja *Philantropia II* sem que elle deitasse discurso, tecendo lóas á grande instituição, que é hoje “bananeira que deu cacho”. Perdia no entanto o latim. Receavam os maçons, naturalmente, mettel-o lá dentro, entre columnas, com aquella maluquice toda. Isso, com franqueza, desgostava-o seriamente. Estando em São Paulo, transmittiu a alguém esse seu pezar. Esse alguém era um pandego e preparou-lhe uma iniciação *sui generis*, numa loja improvisada, na qual o doutor Mascarenhas se viu atrapalhado, em calças pardas e camisas de onze varas, com as provas a que foi submettido. Por fim comeram-lhe uns cobres, a titulo de joia. E o doutor Marcondes voltou contentissimo, cheio de signaes e palavras de ordem, conscio de sua “maçonisação”, mas, ao querer fazer valer seus direitos, viu, com desapontamento, que apanhara o maior *bluff* de sua vida.

No jornalismo usava o pseudonymo *Josboni Marcomach*. Collaborou em quasi todos os periodicos locais: — *n’A Lei* (29), *n’A Penna* (30), *n’A Justiça* (31), *n’O Direito* (32), *n’A Epocha* (33). Tenho commigo um conto de sua lavra, — “Os dois floretes”, — no qual contava suas impressões, durante uma viagem, através de u’a mata, após ter assistido á *Morgadinha de Val-Flor* e que “*A Justiça*” publicou duas ou mais vezes, “por ter sahido com incorrecções”, exactamente como essas leis e decretos que o Governo publica no *Diario Official*.

Em 1898, *O Nacionalista* (34) mantinha uma interessante secção charadistica, sob a direcção de Antero Otaner (35). O doutor Altino

- (20) Augusto José Fernandes, já referido em outras notas.
- (21) Coronel Vigilato Augusto Franco, tambem referido em outra nota
- (22) Bento Arruda, já referido igualmente em outra nota.
- (23) Coronel João Augusto Teixeira, referido tambem em outra nota.
- (24) Capitão Francisco Moreira, proprietario e capitalista, foi funcionario municipal e estadual e juiz de paz; já fallecido.
- (25) José Theodoro da Silva Dedéca, foi pharmaceutico, distribuidor do forum, vereador, vice-prefeito e juiz de paz; já fallecido.
- (26) Tenente-Coronel Theodoro Carlos de Magalhães, lavrador.
- (27) Joaquim Cassiano Nogueira, commerciante, já fallecido.
- (28) João Passig, photographo, residente em Ribeirão Preto, tendo estado algum tempo em Batataes.
- (29) Redigido a principio pelo dr. Altino Arantes e depois pelos drs. Washington Luis e Celidonio dos Reis.
- (30) Já referida em outra nota.
- (31) Redigido pelo dr. Joaquim Lobo.
- (32) Redigido pelo sr. Domingos de Aquino, já fallecido.
- (33) Redigido pelo dr. Altino Arantes e tenente-coronel José Augusto Nogueira Porto.
- (34) Redigido pelo dr. Carlos Silva e major José Alves de Oliveira Negrão.
- (35) Pseudonymo de Renato Jardim.

Arantes, habil charadista, mettia o dente em todos os trabalhos, mas, perversamente, remetia á redacção as decifrações assignadas com o pseudonymo do doutor Marcondes, que afinal venceu o torneio. A redacção offerencia um premio ao collocado em primeiro lugar, premio esse á escolha do vencedor. E o *Josboni* escolheu um soneto em latim, que não se fez esperar. Otaner, com aquelle seu fino humorismo, fez um interessantissimo soneto, com “geméres”, “laudares” e outras latinices, concluindo com este verso:

Gloria in excelsis voi, Josboni Marcomach!...

O doutor Marcondes, de zangado que ficou, mais com a sua glorificação em versos taes que com o uso indevido do seu pseudonymo, quasi arrancou as falripas que lhe serviam de barba. Mandou immediatamente uma carta energica á redacção, declarando positivamente que as decifrações não eram suas, pois jamais se dedicára a esse genero de diversão.

Pobre Josboni!... Depois de ter andado por séca e méca, foi acabar estupidamente os seus dias em Agudos. Mataram-no. Quem foi?... Até hoje ninguem sabe. Parece impossivel ter havido alguém capaz de mátar uma creatura como o doutor Marcondes Machado.

Doutor Joaquim Lobo

Como o doutor Marcondes Machado, o doutor Joaquim Raymundo da Cunha Lobo não era batataense nato, como não pôde ser tido, propriamente, entre os de outr'ora, muito embora tenha alli morado ha mais de seis lustros, por espaço de sete ou oito annos. Foi, entretanto, um grande amigo da nossa terra e alli muito relacionado e querido. O doutor Lobo (1) era do Maranhão. Juiz de direito em seu Estado natal e em Pernambuco, requereu sua disponibilidade e transferiu-se para o nosso Estado, onde já morava um de seus irmãos (2), indo para Batataes, e alli exerceu a advocacia, com elevação de vistas, e deixou solidas e boas amizades. Temperamento excepcional, nunca soube fazer inimigos. Nunca o vi irritado; sempre de bom humor. Fizemol-o um dia nosso guia, aclamando-o director de honra de um gremio dramatico que haviamos organizado, a *Sociedade Lyrio*, e elle, entre os rapazes, era tambem um rapaz, e dos mais influídos. Conheci-o bem de perto, pois frequentei muito sua casa.

A primeira vez que o vi, logo depois de sua mudança para Batataes, foi num concerto em beneficio do lazareto, realisado no Theatro Municipal, no qual tomou parte, pois dispunha de uma excellente voz de tenor, cantando dois numeros. Tambem o dr. Washington Luis participou desse festival, cantando uma *romanza* e um *duo* com a senhora do doutor Carrão (3). Não se espantem com essa novidade: — o doutor Washington foi um esplendido barytono e, na velha cidade, emquanto solteiro, era a alma de todas as diversões alli realisadas. O doutor Niskuit (4) revelou-se, nesse concerto, um grande violonista. O professor Boemler (5), o Juca Ferraz (6), dona Sinhá Celidonio (7) e as irmãs Adelia e Albertina Pombo (8) executaram

(1) Era pae do dr. Raymundo Candido Mergulhão Lobo (o *Mundico*), juiz de direito aposentado.

(2) Dr. Sebastião da Cunha Lobo, já fallecido; residiu muitos annos em Ribeirão Preto e nesta Capital foi 5.º delegado de policia e 2.º promotor.

(3) Dr. Joaquim Carrão, engenheiro, residente em Franca.

(4) Dr. F. Niskuit, engenheiro, esteve algum tempo em Batataes.

(5) João Baptista Boemler, professor de piano, residiu algum tempo alli.

(6) José Mendes Ferraz, foi negociante e juiz de paz; falleceu em São Paulo em dezembro de 1932.

(7) D. Maria Dinamerica Pinto Celidonio, esposa do dr. Joaquim Celidonio Gomes dos Reis.

(8) DD. Adelia e Albertina da Rocha Pombo, filhas do dr. Simpliciano da Rocha Pombo; da primeira já tratei em outra nota, a segunda foi casada com o sr. Hildebrando Cintra e já é fallecida.

ao piano numeros admiraveis. O doutor Altino fez o discurso de abertura.

Tinha o doutor Lobo excellentes pilherias. Sabia contar uma anecdota. Aquella, por exemplo, da cosinha economica estabelecida pelo conselho municipal de Paris. Uns caldeirões immensos, localisados em determinados pontos da cidade-luz. O freguez por um centimo tinha direito a uma garfada. O primeiro esfomeado que chegou mettu o garfo e... tirou um pé de chinelo velho.

Quando o Clube Recreativo Batataense, fundado e presidido pelo doutor Meyer (9), cogitou da primeira partida mensal, o director do mez, que era o Synesio (10), andava á procura de um piano, que ninguem queria emprestar, e indagou do doutor Lobo se não tinha um em sua casa.

— “Tenho”, — foi a resposta.

E quando o Synesio mandou pelo instrumento, elle mettu na carroça um pianinho de criança.

Em todos os cartões, envelopes, papeis e annuncios fazia empenho em citar: — “Residencia: Avenida dos Andradas, Palacete Casella”. Ora, o palacete não passava de um casarão de platibandas, com escadinha de tres degrãos, amplo, é verdade, mas vulgarissimo e sem esthetica, que o Casella (11) havia construido naquella avenida, esquina da rua das Palmeiras (hoje Affonso Penna).

Quando o elejemos nosso director, projectou logo, com grande facilidade, uma porção de dramas, comedias e revistas, que nós representariamos. Havia um drama de folego, no qual um padre, no confessorario, rasgava a batina num lance de grande effeito e declarava-se enfeitado pela penitente a seus pés ajoelhada. Tambem uma revista, sob o titulo *Quigombô*, criticando factos locais. Mais um drama, cujo assumpto era a proclamação da Republica. Ainda outro, *Cega e Deshonrada*, que chegou a escrever em parte, distribuindo de antemão os papeis, ainda por delinear: — o Juvenal (12) faria um carpinteiro, eu teria a meu cargo um commendador dado a seducções e o Anselmo (13) seria meu filho. Mas não foi alem do segundo acto, porque, disse-me elle em particular, não achava geito a dar naquella gente toda que elle mettera em dansa. Afinal escreveu um, em um acto apenas, o *Atavismo*, genero *grand quignol* e que a companhia do Aroso (14) levou á scena. Nessa noite deliberámos honena-

(9) Dr. Carlos Luis Meyer, medico; mudou-se depois para S. Paulo, onde foi inspector sanitario e director do Instituto Bacteriologico; já fallecido.

(10) Synesio Passos, pharmaceutico e advogado, hoje residente em Mogy Mirim.

(11) Felipe Casella, negociante, já fallecido.

(12) Juvenal Machado, foi auxiliar da casa Victor do Carmo & Cia.; mudando-se para São Paulo, foi auxiliar do *O Estado de São Paulo* e proprietario, já fallecido.

(13) Anselmo Tambellini, lavrador e capitalista em Batataes.

(14) Actor Mario Aroso, muito estimado em Batataes.

gear o autor da peça. Debalde, porem, chamamol-o á ribalta. O doutor Lobo havia desaparecido do theatro. Foi encontrado mais tarde no Club Recreativo. Déra-lhe, explicava, uma dor de barriga tal que outro remedio não teve senão raspar-se á franceza.

No dia 13 de maio de 1900 a nossa sociedade recebeu convite para assistir, na visinha cidade de Brodowsky, a um festival promovido pela companhia dramatica Carrara, em homenagem á data da lei aurea, e ás 15 horas alli chegavamos, pelo expresso de Uberaba, com o doutor Lobo á frente. O velho actor convidou-nos então para participar do espectáculo. Excusamo-nos, mas o doutor Lobo não esteve por isso:

— “Pois não, *seu Arthur*, — foi dizendo. O seu convite muito nos penhora. Os rapazes tomarão parte no espectáculo.”
E aquella?!...

— “Não tem nada, — resolveu o doutor Lobo o caso, já no hotel e á mesa do jantar. Recitem monologos...”

E lá fomos para o theatro, um enorme barracão coberto de zinco, em frente á estação ferroviaria. Tocou-me *Minha familia* e o Anselmo Tambellini foi para a concha do ponto. Por mal dos peccados, o ponto distrahiu-se e começou a falar tão alto que o publico ouviu o monologo em duplicata. E quando o panno desceu, o *gallinheiro* applaudiu ruidosamente:

— “Bravos ao ponto!...”

O doutor Lobo não gostou desse movimento, ficou indignado e mandou o Evaristo (15) e o Estevam (16) com a incumbencia de exigirem uma satisfação categorica. Felizmente acabou tudo em nada, porque o doutor Albernaz (17), em breves palavras, pediu ao doutor Lobo que discorresse sobre a data que transcorria. O doutor Lobo produziu uma bella oração e o incidente ficou esquecido.

Por esse tempo a febre amarella ainda dava, de vez em quando, o ar de sua graça: — Sorocaba, Palmeiras e outras localidades, até que chegou a vez de Areias ser flagellada. A nossa sociedade deliberou então offerecer um espectáculo em beneficio dos pobres daquela cidade. No momento de enviar o programma á typographia, o doutor Lobo mandou accrescentar que os bilhetes estavam em poder de uma comissão composta do Bino (18), do Carvalho (19) e do Pedro Roldão (20). A' vista disso descansámos quanto á passagem da *casa*

(15) Evaristo de Moraes, já mencionado em outra nota.

(16) Estevam Soares Primo, natural da Bahia, teve em Batataes agencia de loterias e bar, mudando-se annos depois para logar ignorado.

(17) Dr. Pedro Albernaz, medico, residia em Brodowsky; mudou-se depois para Jardinopolis e hoje reside em Santos.

(18) Felisbino Custodio de Moraes, já referido em outras notas.

(19) Francisco Firmino de Carvalho, commerciante, fallecido em Ribeirão Preto.

(20) Capitão Pedro Roldão de Aquino Guimarães, foi delegado de policia; fallecido em São Paulo em 1915.

e cuidámos de outras coisas. No dia aprasado embandeirámos o theatro, houve foguetorio e, á noite, chegavamos á dolorosa certeza de que não havia um só bilhete passado. A commissão só tivéra conhecimento da incumbencia pelos programmas distribuidos, sem comtudo receber qualquer bilhete para passar. O doutor Lobo, feito o accrescimento, esquecera-se do resto. E para coroar a obra chegava a noticia de que a philarmonica não podia comparecer á festa, pois a maioria dos filhos de Euterpe se ausentára. Sem publico e sem musica!... Corremos ao doutor Lobo, que já se encontrava na *caixa*:

— “Como vae ser, doutor?!... Transfere-se?...”

— “Qual transferir, qual nada!”

— “Mas não ha nada vendido...”

— “Abram as portas e mandem o zé-povinho que entre.”

— “E a musica?...”

— “Vae mesmo sem musica, de graça ninguem pôde reclamar.”

— “E os pobres de Areias?...”

— “Que se amolem!...”

E assim foi feito. O theatro ficou repleto. Nem uma familia siquer, mas em compensação garotos em penca. Nessa noite o Bradaschia (21) tentou uma experiencia com o aparelho de gaz acetyleno de sua invenção. A experiencia foi mal succedida, pois os bicos apagavam constantemente, e quando o Firmiano Nobre (22) cuidava de accendel-os, a garotada rompia numa assuada ensurdecadora:

— “Arara!... Arara!...”

Quando o doutor Lobo morou no largo da Matriz, na casa do velho José Paulino (23), dona Maria Luiza (24), sua senhora, levou a effeito a dansa das pastorinhas, que alcançou incalculavel successo. A primeira exhibição foi no dia de Reis, seguindo-se outras, todas com grande concorrência, até o dia das candeias. Tomavam parte na representação meninas e mocinhas das principaes familias e nós, os alumnos do Lyceu São José, não perdemos uma sessão siquer. E como se approximava o carnaval, a festa acabava, invariavelmente, em batalha de confetti. Começava a peça pela entrada e canção do *guia*, filha do doutor Lobo (25), que cantava:

*Lá no céu desponta a lua,
Derramando o seu fulgor...*

Depois chegavam as pastorinhas, a dois de fundo, entoando alegremente:

(21) Emygdio Bradaschia, mechanico e commerciante.

(22) Firmiano Ferreira Nobre, funcionario municipal; mudou-se depois para São Joaquim, onde foi escrivão de paz.

(23) Tenente-Coronel José Paulino Pinto Nazario, antigo morador de Batataes, onde foi lavrador e occupou posições de destaque; natural de Minas, onde nasceu em 24 de maio de 1818, falleceu em 3 de agosto de 1901; era pae do dr. João Paulino Pinto Nazario.

(24) D. Maria Luiza Vieira Lobo, fallecida no Rio de Janeiro em 1932.

(25) D. Waldemarina Lobo, *Doninha*, fallecida em São Paulo.

*Descendo serras e montes
E rochedos escarpados...*

Adoravam o Deus menino, dansavam graciosamente e cantavam:

*Todas reunidas,
Vamos festejar
Ao Deus menino,
Que na lapa está!*

*Toquemos as flautas,
Pandeiros também,
Ao Deus menino,
Nascido em Belem!*

Mudavam de musica, agora mais grave:

*Bate as abas e canta o gallo
Quando o menino nasceu;
Cantam anjos nas alturas:
Gloria in excelsis Deo!...*

E regressavam aos bastidores, que, na hypothese, eram as portas que davam para a sala de jantar. Vinha a segunda parte. De novo o *guia*, de novo as pastorinhas. Vinham offerecer mimos ao menino Jesus, deitadinho em seu presepe:

*A eleita do Senhor
Vem, com toda a devoção,
Offertar ao Deus menino
Este bello e bom limão,*

ou então:

*Fui ao campo
Esta manhã,
P'ra trazer-vos
Esta romã,*

ou ainda:

*Sendo eu a mais pequena
De todas que aqui estão,
Só vos pôsso offerecer
Meu singelo coração.*

E por fim as despedidas, muito tristes:

*As nossas palhinhas
Estão se queimando,
E nós, pastorinhas,
Estamos chorando.*

*Adeus, meu menino,
Adeus, meu amor!*

*Até para o anno,
Se eu viva fôr!...*

E acabava a festa. Os assistentes, satisfeitos, batiam palmas e nós, que eramos o *gallinheiro*, urravamos com furor, chamando as pequenas á scena. Era o doutor Lobo quem acompanhava ao piano as dansas e os cantos. A's vezes enthusiasmava-se e se punha a cantar com as meninas:

*Todas reunidas
Vamos festejar...*

Uma noite, em que ensaiavamos uma peça qualquer, que a nossa sociedade faria subir á scena em recita de gala, desencadeou horrivel aguaceiro, prendendo-nos no theatro até tarde da noite. Para matar o tempo, enquanto esperavamos uma estiagem, improvisámos uma representação. E cada um de nós ia ao palco, declamar ou cantar o que melhor lhe acudisse, enquanto os demais, na platéa, faziam de público. O doutor Lobo era o mais enthusiasmado. E á subida de cada um para o tablado, incitava:

— “Vamos vaia!... Vaia nelle!...”

E os “fóra-fóra”, “fiáu”, “não presta”, “saia” apothosavam o improvisado artista. Até que por fim, exgotado o repertorio, elle se dispoz a ir tambem para o palco, empenhado em interpretar uma scena tragica de *delirium tremens*.

— “Chegou a nossa vez”, — disse o Andrade (26).

— “Vamos vaial-o”, — recommendou o Edmundo (27).

Uma pateada em toda a linha. Quasi o theatro foi abaixo. O nosso barulho superou o do temporal. O doutor Lobo protestou:

— “Isso não se faz, ouviram?... Não é camaradagem. Respeitem os mais velhos, meninos...”

E descendo do palco, perguntou:

— “Viram que trabalho perfeito?...”

Ao que o Cerqueira (28) respondeu, entre gargalhadas:

— “Qual, doutor, o senhor não serve mesmo para pau d'agua!...”

E o doutor Lobo ajudou nas risadas.

Grande alma o doutor Joaquim Lobo. Mãos abertas, o que era delle era de todos, amigo de seus amigos. Em 1902 foi de mudança para o Rio de Janeiro, onde, segundo me parece, estabeleceu banca de advocacia com o irmão, doutor Abelardo (29). Um dia, tres ou quatro annos depois, chega, inesperada e brutal, a noticia de seu fallecimento. Senti sinceramente sua morte, porque sempre tive por elle verdadeira estima.

(26) Antonio Andrade, teve na cidade uma torrefacção de café e escreveu nos jornaes; mudou-se depois para São João da Boa Vista, onde advogou, e hoje está em S. Paulo e não sei o que faz.

(27) Edmundo Teixeira, já referido em outras notas.

(28) José Antonio Cerqueira, foi auxiliar da casa Arantes Marques & Filho; mudou-se em 1901 para o Rio de Janeiro, já fallecido.

(29) Dr. Abelardo da Cunha Lobo, notavel jurisconsulto.

Domiciano da Silva

Não tendo nascido em plagas da Cana Verde, Domiciano José da Silva transferiu-se para Batataes ha muitos annos e alli morou por dilatado tempo. Era batataense naturalizado, que á velha terra do Germano Moreira prestou os melhores serviços e dedicou verdadeiro affecto. Era conhecido a principio por Domiciano Aleixo, porque não sei, tanto que, nos meus primeiros annos, sempre suppuz que fosse irmão do Salathiel Aleixo (1). Mas a alcunha passou e elle ficou sendo simplesmente o Domiciano, capitão da Guarda Nacional, chefe politico, delegado de policia, vereador municipal, fazendeiro, capitlista, etc., etc...

Domiciano não primava pelo respeito ás conveniencias e, onde quer que estivesse, em casa, em visita, embora de cerimonia, em sessão da Camara Municipal, na delegacia de policia, na missa, não punha embaraço áquelles escandalózos arrotos que nelle eram constantes. E cada um de assustar...

Outro velho habito seu era o palito atraz da orelha, com o qual, de vez em quando, esgaravatava os dentes, e esse "indispensavel para tirar o dispensavel", na phrase celebre da celebre baroneza, não o deixava o dia inteiro, quando não o acompanhava á cama.

Costumava tambem, quando, em qualquer logar, se distrahia, sacar a botina de elastico, pondo-se a coçar vagarosamente a sóla do pé, deixando-se ficar assim, embebido em scismas, um tempo enorme, até que alguem o chamasse á realidade. Na maçonaria, em cuja officina se iniciou mais por curiosidade ou talvez para acompanhar o Bino (2), de quem era amicissimo, porque elle daquellas baterias, troncos, pranchas, balaustres e peças de architectura nunca entendeu patavina, deram-lhe, numa sessão, o posto de vigilante, junto á columna do sul. E o Domiciano, malhete em punho, foi martelando da melhor maneira a mesinha triangular em frente, até que, prolongando-se os trabalhos, elle se abstrahiu de tudo que o cercava e, embebido nas cogitações de sempre, arrancou a botina, que collocou sobre o movel, e se pôz a coçar o pé. A's tantas, o veneravel, que era o João Teixeira (3), dá um golpe de malhete. O Bino, que era o primeiro vigilante, responde com outro golpe, desferido com mais força. Só então o Domiciano sáe da scisma em que se abismára e, atarantado, ao invéz de tomar do malhete, apanha a botina, com a qual desfere a pancada exigida pelo ritual.

(1) Salathiel Aleixo de Oliveira, dono da "Chacara das Camélias", lavrador, vereador municipal, membro do directorio politico.

(2) Felisbino Custodio de Moraes, já referido em outras notas.

(3) João Augusto Teixeira, tambem já referido em outras notas.

De outra feita, ainda na maçonaria, chegou atrazado á sessão, razão por que bateu “maçonicamente á porta do templo”, isto é, deu, com os nós dos dedos, as tres pancadas do estylo. O cobridor, era o Amando Guimarães (4), entreabriu a porta e recebeu o retardatario com as perguntas da pragmatica:

— “Sois maçõn”?

E o Domiciano, no auge do espanto:

— “Uê!... Ha quanto tempo!... Você não sabia?...”

Um dia, subia elle da hoje praça Barão do Rio Branco para o largo da Matriz, pela então rua do do Commercio, quando encontrou um peão cuyabano que, muito cheio de si, calças abombachadas, chapelão batido na testa, descia a rua num cavallo imponente e bem ajazado. O Domiciano abriu de repente o guarda chuva inseparavel, assustando a cavalgadura, que corcoveou, atirando o cabocio na sargeta. O homenzarrão ergueu-se de um salto, já com a faca desembainhada, e urrou:

— “Adonde tá esse amardiçoado, que eu quero bêbê o sangue delle...”

Qual amaldiçoado, qual nada. O Domiciano, quando viu o resultado da brincadeira, occultou-se, rapido, na casa do Rafael Corrêa (5).

Frequentei assiduamente a casa delle, depois que transferiu residencia da rua Carlos Gomes, esquina da rua 7 de Setembro, para a esquina da rua Capitão Andrade com o largo da Matriz, em frente ao Paço Municipal. Mas evitei sempre que lá fui, pedir agua, embora morresse de sede, porque o Domiciano costumava deitar quássia no copo, quando não preparava cousas peiores.

Na Camara Municipal, num dia de sessão, discutindo-se o projecto relativo á creação da Escola Agricola, discurso vem, discurso vai, o Domiciano deixou-se adormecer, justamente quando o Victor do Carmo (6) tomou a palavra, e pegou devéras no somno. Só despertou com o arrastar das cadeiras, ao ser encerrada a sessão, e, um tanto atrapalhado, calçando ás pressas a botina, que deixára em baixo da meza, e soltando um formidavel arrôto, procurou-me (eu secretariava, naquelle tempo, a augusta Edilidade) para saber:

— “Hein, que foi que o Victor disse?...”

Alli estava uma pergunta de difficil resposta, porque se tornava quasi impossivel saber o que aquelle verboso edil dizia em suas interminaveis discurseiras.

Em 1903 estive em Batataes, exhibindo-se no theatro municipal, uma companhia de tiro ao alvo, com um bando de eximias atiradoras, conjuncto numeroso de varios canhões, metralhadoras e outras peças de menor calibre. Havia, porem, uma Maria que discordava das demais e era, realmente, um *bijou*, assanhando, por isso mesmo, o

(4) Amando Augusto Guimarães, reside actualmente na Capital.

(5) Rafael Corrêa da Silva, armador que em Batataes residiu algum tempo.

(6) Victor Aurelio do Carmo, já referido em outras notas.

pessoal todo, que entrou decidido na compra de *poules*. O Americo (7), que já era tenente, fez seu pé de alferes e, mais feliz, foi correspondido pela salerosa andaluza. Um jornalsinho local, *O Cavador*, muito metediço, poz á bulha os amores, o Americo foi ás nuvens, procurou o redactor da folha (8), discussões, tiros para o ar, bengaladas, inquerito e o escandalo inevitavel. O Domiciano era, nesse tempo, delegado de policia e foi presidir o inquerito, no qual depuzeram para mais de quarenta testemunhas. Tempestade num copo d'agua, tanto assim que o promotor publico (9) acabou pedindo o archivamento do processo. Tive que ir tambem prestar meu depoimento, uma vez que me encontrava no theatro á hora da occorrença. E tendo feito allusão á *Comarca de Batataes*, jornal que então alli se editava, o Nilo (10), que bancava o advogado do Americo, quiz saber a que comarca eu me referira. Não percebendo bem o alcance da pergunta, indaguei:

— “Como?!...”

O Domiciano intervem nessa occasião:

— “Elle quer saber se você está falando da “Comarca” jornal ou da comarca municipio.”

Alguns annos mais tarde, já residindo em São Paulo, encontrei-o uma tarde na rua Direita. Ia solemne, de fraque, a cabeça um tanto inclinada para traz, o cavanhaque em riste. Sem me cumprimentar, a despeito de não nos encontrarmos desde muito tempo, perguntou-me *ex-abrupto*:

— “Onde é que móra' o Juca?...”

O Juca?!... Com tantos Jucas no mundo... Não sabia, respondi-lhe, e elle, visivelmente agastado, proseguiu na caminhada, resmungando:

— “Você tambem não sabe nada!...”

Essa passagem faz lembrar outra, que lhe era attribuida em Batataes, talvez maldosamente, occorrida varios annos antes. Uma *senhora de acrisoladas virtudes*, de nome Petronilha, moradora para as bandas do cemiterio, na actual avenida 24 de Fevereiro, transferira-se da noite para o dia, com armas e bagagens, sem se despedir nem deixar endereço, para a Capital. O Domiciano, não resistindo ao gosto amargo dos infelizes, pretextou negocios e desceu para a Paulicéa, onde chegou á noitinha. E logo na manhã seguinte, tomando o primeiro tilbury que encontrou, ordenou:

— “Tóca p'ra casa da Petronilha!...”

Domiciano, um dia, já muito rico, desfez-se do que tinha em Batataes e foi de mudança para Santos, onde abriu uma casa commissaria. E na cidade praiana entregou serenamente a alma ao Creador!...

(7) Americo Alves Ferreira, já referido em notas anteriores.

(8) Claudionor Martins, natural de Barra Mansa, hoje residente em São Paulo.

(9) Dr. Adriano de Oliveira, hoje juiz de direito aposentado da Capital.

(10) Dr. Nilo Diodati, engenheiro, já fallecido.



